

# Os Lusíadas

Luís de Camões



Project Gutenberg

The Project Gutenberg EBook of Os Lusíadas, by Luís Vaz de Camões

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)

Title: Os Lusíadas

Author: Luís Vaz de Camões

Release Date: November 11, 2008 [EBook #27236]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS LUSÍADAS \*\*\*

Produced by Rui Baptista. This book was transcribed from the online scans produced by the Portuguese *Biblioteca Nacional Digital* (<http://purl.pt/1/1/>).

OS LVSIADAS de Luis de Ca- moës.

**COM PRIVILEGIO REAL.**

Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçalvez Impressor. 1572.

Eu el Rey faço faber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lufiadas, que contem dez cantos perfectos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu vifauo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da pessão que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoës, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de se a dita obra vender lhe fera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirà outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim affinada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij: de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

## ❧ OS LVSIADAS DE LVIS DE CAMÕES.

Canto primeiro.

As armas, & os ba-  
rões alsinalados,  
Que da Occidental praya Lufi-  
tana,  
Por mares nunca de antes na-  
uegados,  
Passaram, ainda alem da Taprobana,

Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entre gente remota edificarão  
Nouo Reino, que tanto sublimarão.

E também as memorias gloriosas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas  
De Affrica, & de Alia, andarão deuaftando,  
E aquelles que por obras valerosas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando espalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

Ceffem do fabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callefe de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illustre Lufitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Ceffe tudo o que a Musa antigua canta,  
Que outro valor mais alto se aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum nouo engenho ardente.  
Se sempre em verfo humilde, celebrado  
Foy de my voffo rio alegremente,  
Daime agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente,  
Porque de voffas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & sonorosa,  
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Daime igoal canto aos feitos da famosa  
Gente voffa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se conte no vniuerfo,

Se tam fublime preço cabe em verfo.

E vos ò bem nascida fegurança  
Da Lufitana antigua liberdade,  
E não menos certifsima efperança,  
De aumento da pequena Chriftandade:  
Vos o nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da noffa idade:  
Dada ao mundo por Deos q̃todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,  
De hũa aruore de Christo mais amada  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cefarea, ou Christianifsima chamada:  
Vedeo no voffo efculo, que prefente  
Vos amostra a victoria ja pallada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle pera fi na Cruz tomou.

Vos poderofa Rei, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veo tambem no meio do Hemifpherio,  
E quando dece o deixa derradeiro.  
Vos que efperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do fancto Rio.

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que neffe tenrro gesto vos contemplo,  
Que ja fe mostra, qual na inteira idade,  
Quando lobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos a real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerofos,  
Em verfos deuulgado numeroſos.

Vereis amor da patria, não mouido

De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, fer conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem fois senhor superno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se fer do mundo Rei, se de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas  
Fantafticas, fingidas, mentirofas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Mufas, de engrandecerse desejas,  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃de Homero  
A Citara parelles fo cobiço:  
Pois polos doze pares daruos quero,  
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.  
Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cefar, quereis igual memoria:  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle que a seu Reino a segurança  
Deixou, com a grande & prospera victoria.  
Outro Ioane, inuicto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora,  
Se fizerão por armas tam subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora.

Hum Pacheco fortíssimo, & os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

E em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouvido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De affricas as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que afeiçoada ao gesto bello, & tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,  
Dos ous auôs, as almas ca famosas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinolentas:  
Em vos esperão, ver-se renouada,  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

Mas em quanto este tempo passa lento,  
De regerdes os poucos, que o desejão:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera que estes meus versos vossos sejião:  
E vereis ir cortando o falso argento:  
Os vossos Argonautas, por que vejão,  
Que lam vistos de vos no mar yrado,

E costumaiuos ja a fer inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respirauão,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca efuma, os mares fe mostrauão  
Cubertos, onde as proas vão cortando.  
As maritimas agoas conflagradas,  
Que do gado de Proteo lam cortadas.

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno esta, da humana gente,  
Se ajuntão em confilio gloriofo,  
Sobre as coufas futuras do Oriente:  
Pifando o cristalino Ceo fermofo,  
Vem pela via Lactea, juntamente  
Conuocados da parte do Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos fete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que fo co penfamento  
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali fe acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Auftro tem, & as partes onde  
A Aurora nafce, & o claro Sol fe efconde.

Eftava o Padre ali fublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num affento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, fevero, & foberano,  
Do rofto respiraua hum ar diuino,  
Que diuino tornàra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes affentos, marchetados



De ouro, & de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros Deuses todos affentados,  
Como a Razão, & a Ordem concertauão.  
Precedem os antiquos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores se affentauão:  
Quando Iupiter alto, affy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos moradores do luzente  
Eftelifero polo & claro affento,  
Se do grande valor da forte gente,  
De Lufo, não perdeis o penfamento,  
Deueis de ter fabido claramente  
Como he dos fados grandes certo intento  
Que por ella sefqueção os humanos,  
De Afírios, Perfás, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido  
Cum poder tam fingelo & tam pequeno  
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhano tam temido  
Sempre alcançou fauor do Ceo fereno.  
Afsi que fempre em fim com fama & gloria,  
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antigua,  
Que co a gente de Romulo alcançarão,  
Quando com Viriato, na inimiga  
Guerra Romana tanto se affamarão.  
Tambem deixo a memoria, que os obriga  
A grande nome, quando aleuantarão  
Hum, por feu capitão, que peregrino  
Fingio na Cerua efpirito diuino.

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidofo mar, num lenho leue,  
Por vias nunca vfadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:

Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinão feu propofito, & perfia  
A ver os berços, onde nafce o dia

Prometido lhe eftà do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode fer quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vé do Sol a roxa entrada.  
Nas agoas tem paffado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
Ia parece bem feito, que lhe feja  
Mostrada a noua terra que defeja.

E porque, como viftes, tem paffados  
Na viagem, tam afperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que fejam, de termino, agafalhados  
Nesta cofta affricana como amigos.  
E tendo guarneçada a laffa frota,  
Tornarão a leguir fua longa rata.

Eftas palauras Iupiter dezia,  
Quando os Deofes por ordem refpondendo,  
Na fentença hum do outro difiria,  
Razões diuerfas dando & recebendo.  
O padre Baco, ali nam confentia  
No que Iupiter diffe, conhecendo  
Que efquecerão feus feitos no Oriente,  
Se la paffar a Lufitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortiffimo de Hefpanha,  
Pelo mar alto, a qual fojeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha:  
E com nouas victorias venceria,  
A fama antiga, ou fua, ou foffe eſtranha.  
Altamente lhe doe perder a gloria,

De que Nífa celebra inda a memoria.

Ve que já teue o Indo fojugado,  
E nunca lhe tirou Fortuna, ou cafo,  
Por vencedor da Índia fer cantado,  
De quantos bebem a agoa de Parnafo.  
Teme agora que feja fepultado,  
Seu tam celebre nome, em negro vafo,  
Dagoa do efquecimento, fe lá chegão  
Os fortes Portuguefes, que nauegão,

Suftentaua contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada aa gente Lufitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada fua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostrarão na terra Tingitana:  
E na lingoa, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Eftas caufas mouião Cyterea,  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que ha de fer celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligera fe eftende.  
Afsi que hum pela infamia que arrecea,  
E o outro polas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer feus amigos fauorecem:

Qual Auftro fero, ou Boreas na efpeffura,  
De filueftre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata efcura,  
Com impito & braueza defmedida.  
Brama toda montanha, o fom murmura,  
Rompenfe as folhas, ferue a ferra erguida.  
Tal andaua o tumulto leuantado,  
Entre os Deofes no Olimpo confagrado.

Mas Marte que da Deofa fuftentaua,

Entre todos as partes em porfia,  
Ou por que o amor antigo o obrigaua,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os Deofes em pee se leuantaua,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitando para tràs medonho e irado.

A vifeira do elmo de Diamante,  
Aleuantando hum pouco, muy seguro,  
Por dar seu parecer se pos diante  
De Iupiter, armado, forte & duro:  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto do baftão, no folio puro:  
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse afsi, ò padre a cujo imperio,  
Tudo aquillo obedece, que criaſte,  
Se eſta gente que bulca outro Emifpherio,  
Cuja valia, & obras tanto amaſte:  
Não queres que padeção vituperio,  
Como ha ja tanto tempo que ordenaſte  
Não ouças mais, pois es juyz direito,  
Razões de quem parece que he ſoſpeito.

Que se aqui a razão se não moſtraſſe  
Vencida do temor demaſiado,  
Bem fora que aqui Baco os ſoſtentafſe,  
Pois que de Luſo vem, ſeu tam priuado:  
Mas eſta tenção ſua, agora paſſe,  
Porque em fim vem de eſtamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem que outrem merece, & o ceo deſeja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam tornes por detras pois he fraqueza  
Defistir ſe da couſa começada.

Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouentos.

Em quanto isto se passa, na fermosa  
Casa eterea do Olimpo omnipotente  
Cortava o mar a gente belicosa:  
Ia la da banda do Austro, & do Oriente,  
Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
Queimava entam os Deoses, que Tifeo  
Co temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo:  
Serenos o ar, & os tempos se mostrauão  
Sem nuuões, sem receio de perigo:  
O promontorio praeo ja passauão  
Na costa de Ethiopia, nome antigo.  
Quando o mar descobrindo lhe mostrava,  
Nouas ilhas que em torno cerca, & lava.

Valco da gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empresas se offerece,  
De soberbo, & de altio coração,  
A quem fortuna sempre fauorece  
Pera se aqui deter, não ve razão,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante passar determinava:

Mas nam lhe foccedeo como cuydaua.

Eis aparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente fe aluoroça, & de alegria  
Não fabe mais que olhar a caufa della.  
Que gente fera esta, em fi dezião,  
Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem erão de esteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de oufado, & não prudente,  
O Pado o fabe, & Lampetufa o fente.

De panos de algodão vinhão vestidos,  
De varias cores, brancos, & liftrados,  
Hũs trazem derredor de fi cingidos,  
Outros em modo ayrofo fobraçados,  
Das cintas pera cima vem despidos:  
Por armas tem adagas, & tarçados.  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços açenauão,  
Aas gentes Lufitanas, que esperaffem:  
Mas ja as proas ligeiras, fe inclinauão,  
Pera que junto aas Ilhas amainaffem.  
A gente, & marinheiros trabalhauão,  
Como fe aqui os trabalhos facabaffem:  
Tomão vellas, amainafe a verga alta,  
Da ancora o mar ferido, encima falta.

Não erão ancorados, quando a gente

Eltranha, polas cordas ja fubia,  
No gesto ledos vem, & humanamente,  
O Capitão fublime os recebia.  
As mefas manda por em continente,  
Do licor que Lieo prantado auia:  
Enchem vafos de vidro, & do que deitão,  
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,  
Quem erão, de que terra, que bufcauão,  
Ou que partes do mar corrido tinhão?  
Os fortes Lufitanos lhe tornauão,  
As difcretas repostas que conuinhão.  
Os Portuguefes fomos do Occidente,  
Himos bufcando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Califto,  
Toda a cofta Affricana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos vifto:  
Dum Rei potente fomos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado feú, bufcando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que fo dos feos Focas fe nauega:  
Mas ja razão parece que faibamos,  
Se entre vos a verdade não fe nega.  
Quem fois, que terra he efta que abitais?  
Ou fe tendes da India algũs finais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,  
Eltrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, fam aquelles que criou  
A Natura fem Lei, & fem Razão:

Nos temos a Lei certa que infinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio,  
A mãe Hebrea teue, & o pai Gentio.

Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala.  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buscando o Indo Idalpe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente.  
Tambem fera bemfeito que tendais,  
Da terra algum refresco, & que o Regente  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente se apartou,  
Com mostras de deuida cortesia:  
Nisto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Christal, o claro dia:  
Dando cargo aa Irmaã, que alumiasse,  
O largo Mundo, em quanto repoufasse.

A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Noua de tanto tempo desejada:  
Qualquer então consigo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira defulada.  
E como os que na errada Seita crêrão,



Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lúa os claros rayos rutilarão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanharão.  
Qual campo reueftido de boninas,  
Os furiosos ventos repoufauão,  
Polas couas efcuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiava,  
Como por longo tempo coftumava.

Mas affy como a Aurora marchetada,  
Os fermofos cabellos efpalhou,  
No Ceo fereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarfe toda a armada,  
E de todos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lufitanas,  
Com refresco da terra, em fi cuidando,  
Que fã aquellas gentes inhumanas:  
Que os apoufentos Calprios habitando,  
A conquistar as terras Afianas  
Vierão: & por ordem do deftno,  
O Imperio tomarão a Coftantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
O Mouro, & toda fua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum prefente,  
Que fo pera efte effeito ja trazia:  
Dalhe conferua doce, & dalhe o ardente  
Não vfado licor que dê alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come, & bebe.

Eftà a gente maritima de Lufo,

Subida pela exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & vfo,  
E a lingoagem tam barbara & enleada.  
Tambem o Mouro astuto eftà confufo,  
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dizia,  
Se porventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver defeja  
Os liuros de fua ley, preceito, ou fé,  
Pera ver fe conforme à fua feja,  
Ou fe fam dos de Christo, como crè:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dé,  
Mostra das fortes armas de que vflauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valerofo Capitão,  
Por hum que a lingoa efcura bem fabia:  
Darte ey Senhor illuftre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem fou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojofas de Turquia:  
Mas fou da forte Europa belicofa,  
Bufco as terras da India tam famofa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o vifibil, & inuifibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que fente, & todo o infenfibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injufta, & infufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por fubir os mortais da terra ao ceo.

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
Que bem polfo efcular trazer efcripto  
Em papel, o que na alma andar deuia.

Se as armas queres ver, como tẽs dito,  
Comprido effe defejo te feria:  
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
Ministros, mostrar as armaduras,  
Vem arneses, & peitos reluzentes,  
Malhas finas, & laminas seguras,  
Escudos de pinturas diferentes,  
Pilouros, espingardas de aço puras,  
Arcos, & sagittiferas aljauas,  
Partaſanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
As panellas sulfureas, tam danosas,  
Porem aos de Vulcano nam consente  
Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
Porque o generoso animo, & valente,  
Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
Não mostra quanto pode, & com razão,  
Que he fraqueza entre ouelhas fer lião.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mã de pensamento.  
Nas mollras, & no gesto o não mostrou:  
Mas com risinho, & ledto fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse aa India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio levarão,  
Do trabalho que niffo for tomado.  
Prometellos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tão danado:  
Que a morte se podesse neste dia,

Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vontade,  
Que aos estrangeiros fupito tomou,  
Sabendo fer fequaces da verdade,  
Que o filho de Daud nos enfinou,  
Os segredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aqueles de quem folte tanto amigo?

Partiofe nisto em fim co a companhia,  
Das naos o falfo Mouro despedido,  
Com enganofa & grande cortelia,  
Com gelto ledos a todos, & fingido:  
cortarão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obfequente ajuntamento,  
Se foy o Mouro ao cognito apoufento:

Do claro affento Etereo, o grão Tebano,  
Que da paternal coxa foy nascido  
Olhando o ajuntamento Lufitano,  
Ao Mouro fer molesto, & auorrecido:  
No penfamento cuyda hum falfo engano  
Com que feja de todo deftruydo.  
E em quanto ifto fo na alma imaginaua  
Configo eftas palauras praticaua.

Eftà do fado ja determinado,  
Que tamanhas victorias tam famofas,  
Ajão os Portuguefes alcançado,  
Das Indianas gentes belicofas.  
E eu fo filho do Padre fublimado,  
Com tantas qualidades generofas:  
Ey de lofrer que o Fado fauoreça  
Outrem, por quem meu nome fe efcoreça?

Ia quiferam os Deofes que tiueffe,

O filho de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo fometeffe  
Debaixo do feo jugo, o fero Marte:  
Mas affe de foffrer que o Fado deffe,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lufitan?

Não fera affy, porque antes que chegado  
Seja efte Capitão, astutamente  
Lhe fera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque fempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo fe aproueita.

Isto dizendo yrado, & quali infano,  
Sobre a terra Affricana defcendeo,  
Onde vestindo a forma & gefto humano,  
Pera o Praffo fabido fe moueo.  
E por melhor tecer o aftuto engano,  
No gefto natural fe conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, fabio, & co Xeque muy valido.

E entrando affy a falarlhe, a tempo & horas,  
A fua falidade acomodadas,  
Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
Eftas que ora de nouo fam chegadas:  
Que das nações na cofta moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas,  
Forão por estes homens que paffauão,  
Que com pactos de paz fempre ancorauão.

E fabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos fanguinolentos,  
Que quali todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violentos:

E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nos, & que todos seus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem fey que tem determinado,  
De vir por agoa a terra muito cedo,  
O Capitão dos seus accompanhado,  
Que da tençam danada nasce o medo:  
Tu deues de yr tambem cos teus armado  
Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
Por que faindo a gente descuydada,  
Cairão facilmente na cilada.

E se inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde seirão destruydos,  
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
O Mauro nos tais casos, fabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beligero aparelho:  
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
Sagaz, astuto, & fabio em todo o dano  
De quem fiar se possa hum feito grande,  
Dizlhe que accompanhando o Lufitano,  
Por tais coftas, & mares co elle ande:  
Que se daqui escapar, que la diante

Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o rayo Apolina visitava,  
Os Montes Nabatheos acendido,  
Quando Gama cos seus determinava,  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis se concertava,  
Como se fosse o engano já sabido:  
Mas pode suspeitar-se facilmente,  
Que o coração prefago nunca mente.

E mais também mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto necessário:  
E foilhe respondido em som de guerra,  
Caso do que cuidava muito contrario:  
Por isto, & porque sabe quanto erra,  
Quem se cre de seu perfido aduersario,  
Apercebido vai como podia,  
Em tres bateis fomento que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
Por lhe defender a agoa defejada,  
Hum de escudo embarcado, & de azagaya,  
Outro de arco encurvado, & feta eruada:  
Esperão que a guerreira gente faya,  
Outros muytos já postos em cillada.  
E porque o caso leve se lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a altea perigosa,  
Os fortes Portuguezes incitando:  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andarlhe os cães os dentes mostrando.  
Qualquer em terra falta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,

Vendo a fermosa dama defejada,  
O Touro bulca, & pondo se diante,  
Salta, corre, fibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroçe nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se leuanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coração dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
Ia foga o escondido de medroso,  
E morre o descoberto aventureiro.

Não se contenta a gente Portuguesa:  
Mas seguindo a victoria estrue, & mata  
A pouoação sem muro, & sem defesa,  
Esbombardea, acende, & desbarata.  
Da caualgada ao Mouro ja lhe peca,  
Que bem cuidou comprala mais barata:  
Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
O velho inerte, & a mãe que o filho cria.

Fugindo, a feta o Mouro vay tirando,  
Sem força, de couarde, & de apressado,  
A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
Dalhe armas o furor desatinado:  
Ia a Ilha, & todo o mais, desemparrando,  
Aa terra firme foga amedrontado.  
Passa, & corta do mar o estreito braço,  
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,  
Hum corta o mar a nado diligente,  
Quem se affoga nas ondas encruadas,  
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:



Arrombão as meudas bombardadas  
Os Pangaioz lotis da bruta gente.  
Desta arte o Portuguez em fim castiga,  
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão victoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra, & rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa  
Ficava a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano,  
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquela inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a má tenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
Como em final das pazes que tratava.

O Capitão, que já lhe entam conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinha,  
Pera yr buscar o Indo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agasalhado:  
E respondendo ao mensageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta arte despedida a forte armada,  
As ondas de Anfitriote diuidia,  
Das filhas de Nerão acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O Capitão, que não cahia em nada,  
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:  
Delle muy largamente se informava,

Da India toda, & coftas que paffaua:

Mas o Mouro inftruido nos enganos,  
Que o maléuolo Baco lhe enfinára  
De morte, ou captiueiro novos danos,  
Antes que aa India chegue lhe prepara,  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara.  
Que auendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente fe temia.

E diz lhe mais co falfo penfamento,  
Com que Synon os Phrigios enganou,  
Que perto eftà hũa Ilha, cujo affento,  
Pouo antigo Chriftão fempore abitou:  
O Capitão que a tudo eftaua a tento,  
Tanto co estas nouas fe alegrou,  
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue aa terra onde efta gente eftaua.

Ho mesmo o falfo Mouro determina,  
Que o feguro Chriftão lhe manda & pede,  
Que a Ilha he poffuida da malina  
Gente, que fegue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede  
Aa Moçambique, efta Ilha que fe chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera là fe inclinaua a leda frota:  
Mas a Deofa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixaua a certa rota,  
Por yr bufcar a morte não cuidada,  
Não confente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrairos a defuia,  
Donde o Piloto falfo a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,

Tal determinação levar auante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em feu propofito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas difcorrendo,  
Os leuàrão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Erão Chrifãos com Mouros juntamente.

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Chrifto não auia:  
Mas a que a Mahamede celeebraua.  
O Capitão que em tudo o mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
Mas nam querendo a Deofa guardadora,  
Nam entra pela barra, & furge fora.

Eftaua a Ilha aa terra tam chegada,  
Que hum eftreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella fituada,  
Que na fronte do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe defcobria,  
Regida por hum Rei de antiqua idade,  
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E fendo a ella o Capitão chegado,  
Eftranhamente ledó, porque efpera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falfo Piloto lhe diffiera:  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que ja fabia a gente que era,  
Que Baco muito de antes o auifara,  
Na forma doutro Mouro que tomàra.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os penfamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano defcuberto.

O grandes & grauífimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente põem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolherse hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme, & se indigne o Ceo fereño.  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

## ☛ Canto Segundo.

Ia neste tempo o  
lucido Planeta,  
Que as horas vay do dia distin-  
guindo,  
Chegava aa desejada, & lenta Meta,  
A luz Celeste aas gentes encobrindo:  
E da casa maritima secreta,  
Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo:  
Quando as infidas gentes se chegarão  
Aas naos, que pouco avia que ancorarão

Dentre elles hum que traz encomendado,  
O mortifero engano, así dizia.  
Capitão valeroso, que cortado  
Tens de Neptuno o reyno, & falsa via,  
O Rei que manda esta Ilha, aluorçado  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que nam deseja mais que agasalharte,  
Verte, & do necessario reformarte.

E porque eſtã em eſtremo deſejoſo  
De te ver, como couſa nomeada,  
Te roga que de nada receoſo,  
Entres a barra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoſo,  
Traras a gente debil, & canſada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a deſejada,

E ſe buſcando vas mercadoria,  
Que produze o aurifero Leuante,  
Canella, Crauo, ardente eſpeciaria,  
Ou Droga ſalutifera, & preſtante:  
Ou ſe queres luzente pedraria,  
O Rubí fino, o rigido Diamante:  
Daqui leuaras tudo tam ſobejo.  
Com que faças o fim a teu deſejo:

Ao menſageiro o Capitão reſponde,  
As palauras do Rei agradecendo,  
E diz que porque o Sol no mar ſe eſconde,  
Não entra pera dentro obedecendo,  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Va ſem perigo, a frota não temendo,  
Comprirá ſem receio ſeu mandado,  
Que a mais por tal ſenhor eſtã obrigado.

Perguntalhe deſpois, ſe eſtão na terra  
Chriſtãos, como o Piloto lhe dizia,  
O menſageiro aſtuto que não erra,  
Lhe diz, que a mais da gẽte em Chriſto cria:  
Deſta forte do peito lhe deſterra  
Toda a ſoſpeita, & cauta fantasia:  
Por onde o Capitão ſeguramente,  
Se fia da infiel, & fallã gente.

E de algũs que trazia condenados,  
Por culpas, & por feitos vergonhoſos  
Porque podeſſem ſer auenturados,

Em calos desta forte duuidosos.  
Manda dous mais sagazes, enfaiados,  
Porque notem dos Mouros enganofos,  
A Cidade, & poder, & porque vejão,  
Os que Chriftãos, que fo tanto ver defejão.

E por efes ao Rei presentes manda,  
Porque a boa vontade que mostraua,  
Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
A qual bem ao contrario em tudo eftaua.  
Ia a companhia perfida, enefanda  
Das naos fe despedia, & o mar cortaua,  
Foram com gestos ledos, & fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

E despois que ao Rei apresentarão,  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correrão, & notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelofos fe guardarão  
De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, eftà o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que fempore a mocidade  
Tem no rofto perpetua, & foy nafcido  
De duas mãis: que vrdia a falfidade,  
Por ver o nauegante deftruydo:  
Eftaua nũa cafa da Cidade,  
Com rofto humano, & habito fingido  
Mostrandofe Chriftão, & fabricaua  
Hum altar fumptuofa que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto & Sancto fpirito a pintura,  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix virgem pura,  
A companhia fancta eftà pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,

Como os que, fo das lingoas que cayrão,  
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baco estaua  
Poem em terra os giolhos, & os lentidos  
Naquelle Deos, que o mundo governaua  
Os cheiros excellentes produzidos,  
Na Panchaia odorifera queimaua  
O Thioneû, & afsi por derradeiro  
O falfo Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agafalhados,  
Com todo o bom, & honefto tratamento  
Os dous Chriftãos, nam vendo que enganado  
Os tinha o falfo, & fancto fingimento:  
Mas afsi como os rayos espalhados  
Do Sol forão no mundo, & num momento  
Apareceo no rubido Orizonte,  
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado  
Do Rei, pera que entrasssem, & configo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
A quem fe o Rei mostrou sincêro amigo:  
E sendo o Portugues certificado,  
De não auer receio de perigo.  
E que gente de Chrifto em terra auia,  
Dentro no falforio entrar queria

Dizem lhe os que mandou, que em terra vîrão,  
Sacras aras, & facerdote fancto,  
Que ali fe agafalhàrão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes não sentirão  
Senão contentamento, & gosto tanto:  
Que não podia certo auer fofpeita,  
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co ifto o nobre Gama recebia  
Alegrementes os Mouros que fubião,  
Que leuemente hum animo fe fia,  
De moſtras que tão certas parecião:  
A nao da gente perfida fe enchia,  
Deixando a bordo os barcos que trazião:  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a prefa defejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
Armas, & monições, que como viſſem  
Que no Rio os nauios ancorauão,  
Nelles ouſadamente fe ſubifſem:  
E neſta treição determinauão,  
Que os de Luſo de todo deſtruifſem:  
E que incautos pagafſem deſte geito  
O mal que em Moçambique tinhão feito.

As ancoras tenaces vão leuando,  
Com a nautica grita coſtumada,  
Da proa as vellas ſos ao vento dando,  
Inclinão pera a barra abaliſada:  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andaua ſempre a gente aſſinalada:  
Vendo a cilada grande, & tam ſecreta,  
Voa do Ceo ao Mar como hũa ſeta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
Com toda a mais cerulea companhia,  
Que porque no ſalgado Mar naſceo,  
Das agoas o poder lhe obedecia.  
E propondo lhe a cauſa a que deceo,  
Com todos juntamente ſe partia:  
Pera eſtoruar que a armada não chegafſe  
Aonde pera ſempre ſe acabafſe.

Ia na agoa erguendo vão com grande preſſa,  
Com as argenteas caudas branca eſcuma,  
Cloto co peito corta, & atraueſſa



Com mais furor o Mar do que costuma.  
Salta Nife, Nerine se arremessa,  
Por cima da agoa crespa, em força fuma:  
Abrem caminho as ondas encruadas,  
De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,  
Vay a linda Dione furiosa,  
Não sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo, com carga tam fermosa:  
Ia chegado perto donde o vento teso,  
Enche as vellas da frota belicosa.  
Repartense, & rodeão nesse instante  
As naos ligeiras que hão por diante.

Poem se a Deusa com outras em dereito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão affopra o vento, a vella inchado:  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte nao forçando.  
Outras em derredor leuandoa estauão,  
E da barra inimiga a desviarão.

Quaes pera a coua as pròuidas formigas,  
Leuando o pesogrande acomodado,  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo Inuerno congelado:  
Ali fã seus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostram vigor nunca esperado.  
Tais andauão as Nymphas estorquando  
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hum bordo, & a outro atrauessando  
O Mestre aftuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando

Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha se aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande estrondo, a Maura gente espanta,  
Como se vissem horrida batalha:  
Nam sabem a razão de furia tanta,  
Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,  
Cuydão que seus enganos sam sabidos,  
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos fubitamente se lançaão,  
A seus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantauão,  
Saltando nagoa a nado se acolhião:  
De hum bordo & doutro subito saltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.  
Que antes querem ao mar auenturar-se,  
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Afsi como em feluatica alagoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se sentem por ventura vir pelloa,  
Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui, & dali faltando, o charco foa,  
Por fogir do perigo que se sente,  
E acolhendo se ao couto que conhecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Afsi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiâra,  
Crendo que seu engano estaua noto,  
Tambem foge faltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora folta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza  
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fugir lhe com presteza,  
Entende o que ordenava a bruta gente,  
E vendo sem contraste, & sem braueza  
Dos ventos, ou das, agoas sem corrente,  
Que a Nao passar auante não podia,  
Auendo o por milagre assi dizia.

O cafo grande, estranho, & não cuydado,  
O milagre clarissimo, & euidente,  
O descuberto engano inopinado,  
O perfida inimiga, & falsa gente,  
Quem poderá do mal aparelhado  
Liurar-se sem perigo sabiamente.  
Se lá de cima a guarda soberana,  
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina providencia,  
Destes portos, a pouca segurança,  
Bem claro temos visto na apparencia,  
Que era enganada a nossa confiança  
Mas pois saber humano, nem prudencia  
Enganos tam fingidos nam alcança:  
O tu guarda diuina, tem cuidado  
De quem sem ti nam pode ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,  
Deita mísera gente peregrina,  
Que fo por tua altíssima bondade,  
Da gente a saluas, perfida & malina,  
Nalgum porto seguro de verdade:  
Conduzirmos já agora determina,  
Ou nos amostra a terra que buscamos,  
Pois fo por teu seruiço nauegamos.

Ouvilhe estas palauras piadofas,  
A fermosa Dione, & comouida,  
Dantre as Nymphas se vay, que faudofas

Ficarão desta subita partida:  
Ia penetra as Estrellas luminosas,  
Ia na terceyra Esphera recebida  
Auante passa, & la no sexto Ceo  
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho  
Tão fermosa no gesto se mostraua,  
Queas Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,  
E tudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho  
Hũs espiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
Se lhapresenta assi como ao Troyano,  
Na selua Idea ja se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão,  
Que primeiro defejos o acabarão.

Os crespos fios dourado se esparzião  
Pelo colo, que a neve escurecia,  
Andando as lacteas tetas lhe tremião,  
Com quem Amor brincava, & não se via.  
Da alua petrina flamas lhe faião,  
Onde o minino as almas acendia.  
Polas lisas colunas lhe trepauão,  
Defeitos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
De quem vergonha he natural reparo,  
Porem nem tudo esconde, nem descobre  
O veo dos roxos lirios pouco auaro:  
Mas pera que o defeito acenda, & dobre,  
Lhe poem diante aquelle objecto raro.

Ia se fentem no Ceo, por toda a parte,  
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico fembrante,  
Co riso hũa tristeza misturada,  
Como dama que foi do incauto amante,  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,  
E se torna entre alegre maogada.  
Defta arte a Deofa, a quem nenhũa iguala,  
Mais mimofa que triste ao Padre fala.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,  
Que pera as coufas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
Pofto que a algum contrairo lhe pefasse:  
Mas pois que contra my te vejo yrofo,  
Sem que to merecesse, nem te errasse.  
Façafe como Baco determina,  
Affentarey em fim que fuy mofina.

Elte pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidos vejo,  
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu defejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Quero lhe querer mal, fera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & nifto de mimofa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a fresca rofa.  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedofa.  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Llhe atalha o poderoso, & grão Tonante.

E destas brandas mostras comouido,  
Que mouerão de hum Tigre o ptito duro,  
Co vulto alegre, qual do Ceo subido,  
Torna sereno & claro o ar escuro.  
As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
Na face a beija, & abraça o colo puro.  
De modo que dali, se fo se achara,  
Outro nouo Cupido se gerara.

E co seu apertando o rosto amado,  
Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
Como minino da ama castigado,  
Que quem no affago o choro lhe acrecenta,  
Por lhe por em soffego o peito yrado,  
Muitos calos futuros lhe apresenta.  
Dos fados as entranhas reuoluendo,  
Destá maneira em fim lhe està dizendo.

Fermosa filha minha não temais  
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
Nem que ninguem comigo possa mais,  
Que esses chorosos olhos soberanos:  
Que eu vos prometo filha que vejais  
Esquecerense Gregos & Romanos.  
Pelos illustres feitos que esta gente,  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que se o facundo Vlisses escapou,  
De ser na Ogigia Ilha, eterno escrauo:  
E se Antenor os feios penetrou,  
Iliricos, & a fonte de Timauro.  
E se o piadofo Eneas nauegou,  
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo.  
Os vossos mōres coufas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificados:  
Os Turcos belacíssimos & duros,

Delles femp're vereis desbaratados.  
Os Reis da India liures, & seguros,  
Vereis ao Rei potente fojugados.  
E por elles de tudo em fim fenhores,  
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis efte, que agora prefurofo,  
Por tantos medos o Indo vay bufcando,  
Trem'er delle Neptuno de medrofo,  
Sem vento fuas agoas encrefpando.  
O calo nunca vifto, & milagrofo  
Que trema, & ferua o Mar em calma eftãdo?  
O gente forte, & de altos penfamentos,  
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
Que inda ha de fer hum porto muy decente,  
Em que vão defcanfar da longa via,  
As naos que nauegarem do Occidente.  
Toda efte cofta em fim, que agora vrdia,  
O mortifero engano, obediente,  
Lhe pagará tributos, conhecendo,  
Não poder refistir ao Lufo horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famofo,  
Tornar felhe amarello de infiado:  
Vereis de Ormuz o Reino poderofo,  
Duas vezes tomado, & fojugado.  
Ali vereis o Mouro furiofo,  
De fuas mefmas fetas traspaffado.  
Que quem vay contra os voffos, claro veja,  
Que fe refifte, contra fi peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio fortes,  
Que dous cercos terá, dos voffos fendo:  
Ali fe mostrará feo preço, & forte,  
Feitos de armas grandifsimos fazendo.  
Enuejofo vereis o grão Mauorte,  
Do peito Lufitano, fero & horrendo.

Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virá depois a ser senhora,  
De todo o Oriente, & sublimada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali soberba altiva, & exaltada,  
Ao Gentio que os Idolos adora.  
Duro freio porá, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se,  
De Cananor, com pouca força & gente:  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa, & tam potente.  
E vereis em Cochim assinalar-se,  
Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
Que Cítara já mais cantou victoria,  
Que assim mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
Nas ciuês Actias guerras animoso,  
O Capitão venceo Romano injusto,  
Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & presa rica,  
Presa da Egipcia linda & não pudica.

Como vereis o mar feruendo aceso,  
Cos incendios dos vossos pelejando,  
Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,  
De nações differentes triumphando.  
E fogeita a rica Aurea Chersoneso,  
Até o longico China nauagando.  
E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
Serlhe a todo o Oceano obediente.



De modo filha minha, que de geito,  
Amostrarão esforço mais que humano,  
Que nunca se vera tam forte peito,  
Do Gangetico mar ao Gaditano,  
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
Que mostrou o agrauado Lufitano:  
Poito que em todo o mundo, de affrontados  
Refucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o confagrado  
Filho de Maia aa terra, porque tenha,  
Hum pacifico porto, & sossegado,  
Pera onde sem receyo a frota venha:  
E pera que em Mombaça, aaventurado  
O forte Capitão se não detenha,  
Lhe mada mais, que em sonhos lhe mostrasse  
A terra, onde quieto repousasse.

Ia pelo ar o Cylenêo voava,  
Com as alas nos pés aa terra deçe,  
Sua vara fatal na mão leuava,  
Com que os olhos cansados adormece:  
Com esta, as tristes almas reuocava,  
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.  
Na cabeça o galêro costumado,  
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
Do Lufitano, o preço grande, & raro,  
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado & caro.  
Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
Co rumor famosissimo, & perclaro.  
Ia Melinde em desejos arde todo,  
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
Aonde as naos estauão temerosas,  
Pera que aa gente mando que se aparte

Da barra imiga, & terras fofpeitoſas:  
Porque muy pouco val eſforço, & arte,  
Contra infernais vontades enganofas:  
Pouco val coração, aſtucia , & filo,  
Se la dos Ceos nam vem celeſte auifo.

Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as Eſtrellas no Ceo co a luz alheia,  
Tinhão o largo Mundo alumiado,  
E fo co ſono a gente ſe recreia.  
O Capitão illuſtre, ja canſado,  
De vigiar a noite, que arreceia,  
Breue repouſo antam aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em ſonhos lhe appareçe,  
Dizendo, fuge, fuge Luſitano,  
Da cilada que o Rei malicado teçe,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,  
Seren o tempo tês, & o Occeano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes ſeguro agafalharte.

Não tens aqui ſe não aparelhado,  
O hoſpicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo ſer manjar acostumado,  
De caualllos a gente que hoſpedaua:  
As aras do Bufiris infamado,  
Onde os hoſpedes tristes imolaua  
Teràs certas aqui ſe muito eſperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite ao longo da coſta diſcorrendo,  
E outra terra acharàs de mais verdade  
La quaſi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade,

Gafalhado seguro te daria,  
E pera a India certa & fabia guia.

Isto Mercurio diffe, & o fono leua  
Ao Capitão, que com muy grande efpanto  
Acorda, & ve ferida a efcura treua,  
De hũa fubita luz, & rayo fancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Não fe deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo fprito ao Mestre feu mandaua,  
Que as vellas deffe ao vento que affopraua.

Day vellas, diffe, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauoreçe, & Deos o manda,  
Que hum menfageiro vi do claro affento  
Que fo em fauor de noffos paffos ando:  
Aleuantafe nifto o mouimento,  
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,  
Leuão gritando as ancoras acima,  
Mostrando a ruda força, que fe estima.

Nefte tempo, que as ancoras leuauão,  
Na fombra efcura os Mouros efcondidos,  
Manfamente as amarras lhe cortauão,  
Por ferem, dando aa cofta, deftruydos:  
Mas com viſta de Linceſ vigiaução,  
Os Portugueſes ſempre apercebidos.  
Elles como acordados os ſentirão,  
Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,  
Hião as vias humidas de argento,  
Affopralhe galerno o vento, & brando,  
Com fuaue & ſeguro mouimento,  
Nos perigos paſſados vão falando,  
Que mal ſe perderão do penſamento,  
Os caſos grandes, donde em tanto aperto  
A vida em ſaluo eſcapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
E noutra começaua, quando virão  
Ao longe dous nauios, brandamente  
Cos ventos nauegando, que respirão,  
Porque auião de fer da Maura gente,  
Pera elles arribando, as vellas virão.  
Hum de temor do mal que arreceaua,  
Por se saluar a gente aa costa daua.

Não he o outro que fica tão manhofo:  
Mas nas mãos vay cair do Lufitano,  
Sem o rigor de Marte furiofo,  
E fem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como folse debil & medrofo,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Não teue refiftencia, & se a tiuêra,  
Mais dão refiftindo recebêra.

E como o Gama muito defejasse,  
Piloto pera a India que buscaua,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
Mas não lhe foccedeo como cuidaua,  
Que nenhum delles ha que lhe infinasse  
A que parte dos Ceos a India eftaua.  
Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, sincero peito,  
Mognificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandifsimo respeito.  
O Capitão o affella por verdade,  
Porque ja lho diffiera deste geito,  
O Cydenêo em fonhos, & partia,  
Pera onde o fonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entraua,  
No roubador de Europa a luz Febea,  
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua

E Flora derramaua o de Amalthea:  
A memoria do dia renouaua,  
O prefuroso Sol, que o Ceo rodea.  
Em que aquelle, a quem tudo estã fogeito,  
O fello pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota aaquella parte,  
Onde o Reino Melinde ja se via,  
De toldos adornada, & leda de arte  
Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
Treme a Bandeira, voa o Estandarte,  
A cor porpurea ao longe aparecia.  
Soão os atambores & pandeiros,  
E así entraão ledos & guerreiros.

Enche se toda a praya Molindana,  
Da gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada.  
Surge diante a frota Lufitana,  
Pega no findo a ancora pesada.  
Mandão fora hum dos Mouros q̃tomarão,  
Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.

O Rei que ja sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortíssima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece.  
Lhe manda rogar muyto que faíffem,  
Pera que de seus Reinos se feruíffem:

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palauras sinceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar & terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas çeuadas,

Com as fructas que antam na terra auia,  
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O menfageiro ledó, & feu recado,  
E logo manda ao Rei outro prefente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramofo coral fino, & prezado.  
Que debaxo das agoas mole creçe,  
E como he fora dellas fe endureçe.

Manda mais hum na pratica elegante,  
Que co Rei nobre as pazes concertasse,  
E que de não fair naquelle instante,  
De fuas naos em terra o desculpasse.  
Partido alsi o embaixador prestante,  
Como na terra ao Rei fe apresentasse:  
Com estillo que Palas lhe enfinda,  
Estas palauras tais fallando oraua.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
Foy da fuma Iustiça concedido,  
Refrear o foberbo pouo duro,  
Não menos delle amado, que temido,  
Como porto muy forte, & muy leguro,  
De todo o Oriente conhecido:  
Te vimos a bulcar, pera que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.

Não fomos roubadores, que passando  
Pelas fracas cidades descuidadas,  
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
Mas da foberba Europa nauegando,  
Himos bulcando as terras apartadas  
Da India grande, & rica, por mandado  
De hum Rei que temos, alto, & sublimado.

Que geração tam dura ahi de gente?  
Que barbaro costume, & vfança fea,  
Que não vedem os pertos, tam fomite:  
Mas inda o hospicio da deferta area?  
Que ma tençam? que peito em nos se fente?  
Que de tam pouca gente se arrecea.  
Que com laços armados tam fingidos,  
Nos ordenaffem vernos deftruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Acharfe mais verdade, o Rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti efperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto seguros nauegamos,  
Conduzidos do interprete diuino.  
Que pois a ti nos manda, eftà muy claro,  
Que es de peito fincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não faiffe.  
O noffo Capitão efclarecido  
A verte, ou a feruirte, porque viiffe  
Ou folpeitaffe em ti peito fingido:  
Mas faberas que o fez porque compriffe,  
O regimento em tudo obedecido,  
De feu Rei, que lhe manda que nam faia,  
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

E porque he de vaffalos, o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça  
Não quereras, pois tês de Rei o officio,  
Que ninguem a lèu Rei defobedeça:  
Mas as merçes, & o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquillo que elle & os feus poderem,  
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Afsi dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em pratica fallando,  
Louuauão muito o eftamago da gente,  
Que tantos Ceos & mares vai paffando,  
E o Rei illuftre, o peito obediente,  
Dos Portuguefes, na alma imaginando.  
Tinha por valor grande, & muy fubido,  
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com rifonha vifta, & ledto afpeito,  
Responde ao Embaixador, que tanto estima  
Toda a fofpeita mà tiray do peito,  
Nenhum frio temor em vos fe imprima:  
Que voffo preço, & obras fam de geito,  
Pera vos ter o mundo em muyta eftima.  
E quem vos fez mollesto tratamento,  
Não pode ter fobido penfamento.

De não fair em terra toda a gente,  
Por obferuar a vfado preminencia,  
Ainda que me pefe eftranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas fe lho o regimento não confente,  
Nem eu confentirey que a excelencia,  
De peitos tão leais em fi desfaça,  
So perque a meu defejo fatisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,  
Ao mundo for, em minhas almàdias,  
Eu irey vifitar a forte armada,  
Que ver tanto defejo, ha tantos dias.  
E fe vier do mar desbaratada,  
Do furiofo vento, & longas vias:  
Aqui tera, de limpos penfamentos  
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto diffe, & nas agoas fe efcondia,  
O filho de Latona, & o menfageiro



Co a embaixada alegre se partia  
Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
Enchem se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que buscavão,  
E assi ledos a noite festejavão.

Não faltão ali os rayos de arteficio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros seu officio:  
O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
Mostrafe dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bombas que de fogo estão queimando,  
Outros com vozes, com que o Ceo ferião.  
Instrumentos altiffonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,  
Co rayo volteando, com zonido,  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po sulfureo escondido:  
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,  
O Mar se via em fogos acendido:  
E não menos a terra, & assi festeja  
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
As gentes incitava a seu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao fono longo punha certo atalho:  
Hião se as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
Quando o Rei Milindano se embarcaua  
A ver a frota que no mar estaua.

Vião se em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver lo concorre leda,  
Luzem da fina purpura as cabaiaes,  
Lustrão os panos da tecida feda:  
Em lugar de guerreiras a zagaiaes

E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
Venha de fedas de diuerfas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de feu Reino, & de senhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores.  
Na cabeça hũa fota guarnecida,  
De ouro, & de feda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles estimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada,  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de feda,  
Nũa alta & dourada astea enxerido,  
Hum ministro aa solar quentura veda,  
Que não offenda & queime o Rei subido:  
Mufica traz na proa, estranha & leda,  
De aspero som, horrifissimo ao ouvido:  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lufitano,  
Nos seus bateis da frota se partia,  
A receber no mar o Melindano,  
Com lustrofa & honrada companhia:  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
Mas Franceza era a roupa que vestia,  
De cetim da Adriatica Veneza,  
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
Onde o Sol reluzindo a vista cega:  
As calças foldadefcas recamadas,  
Do metal que Fortuna a tantos nega,  
E com pontas do mesmo delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
Ao Italico modo a aurea espada,  
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

Nos de sua companhia se mostrava,  
Da tinta que dà o Mûrice excelente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do traje diferente:  
Tal o fermoso esmalte se notava,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorofas trombetas incitauão,  
Os animos alegres refoando,  
Dos Mouros os bateis o Mar co lhauão,  
Os toldos pelas agoas arrojando:  
As bombardas horriffonas bramando,  
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
Ameudam se os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Ia no batel entrou do Capitão  
O Rei, que nos seus braços o leuava,  
Elle coa cortesia, que a razão  
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.  
Cûas moltras de espanto, & admiração,  
O Mouro o gesto, & o modo lhe notoua,  
Como quem em muy grande estima tinha,  
Gente que de tam longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offereçe,  
Tudo o que de seus Reinos lhe comprifse,  
E que se mantimento lhe falleçe,

Como se proprio fosse lho pedisse:  
Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
A gente Lusitana, sem que a visse.  
Que ja ouviu dizer, que noutra terra  
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,  
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,  
Quando nella ganharão a coroa  
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
E com muitas palauras apregoa,  
O menos que os de Lisboa merecerão:  
E o mais que pela fama o Rei sabia:  
Mas desta forte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,  
Rei benigno, da gente Lusitana,  
Que com tanta miseria, & aduerfidade,  
Doe mares experimenta a furia infana.  
Aquella alta, & diuina eternidade,  
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
Pois que de ti tais obras recebemos,  
Te pague o que nos outros não pedemos.

Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recibes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fido, & jocundo.  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,  
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,,  
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,

E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros respondião.

Mas despois de ler tudo ja notado,  
Do generoso Mouro, que palmaua,  
Ouuindo o instrumento inufitado,  
Que tamanho terror em li mostraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por fallar de vagar co forte Gama,  
Nas coufas de que tem noticia, & fama.

Em praticas o Mouro diferentes,  
Se deleitaua, perguntando agora,  
Pelas guerras famosas & excelentes,  
Co pouo áuidas, que a Mafoma adora:  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
Agora pelos poucos seus vezinhos,  
Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,  
Nos conta, lhe dizia, diligente,  
Da terra tua o clima, & região  
Do Mundo onde morais distintamente,  
E afsi de vossa antiga geração,  
E o principio do Reino tam potente:  
Cos fucceffos das guerras do começo,  
Que sem fabellas, fey que sam de preço.

E afsi tambem nos conta dos rodeios  
Longos, em que te traz o Mar yrado,  
Vendo os costumes barbaros alheios,  
Que a nossa Affrica ruda tem criado  
Conta: que agora vem cos aureos freios,  
Os cauallos que o carro marchetado,  
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

E não menos co tempo se parece,  
O defejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama não conhece  
As obras Portugueſas ſingulares:  
Não tanto deſuiado reſplandece,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
Que não eſtimem muito hum grande feito.

Cometerão ſoberbos os Gigantes,  
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Theſeu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão horrendo & eſcuro,  
Se ouue feitos no mundo tam poſſantes,  
Não menos he trabalho illuſtre, & duro,  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o ſagrado templo de Diana,  
Do futil Tefifonio fabricado,  
Horoftrato, por ſer da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O defejo de hum nome auentajado.  
Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.  
Fim.

☛ Canto Terceiro.

Agora tu Caliope  
me enfina,  
O que contou ao Rei, o illuſtre  
Gama:  
Inſpira immortal canto, & voz diuina,  
Neſte peito mortal, que tanto te ama.  
Aſi o claro inuentor da Medicina,

De quem Orpheo pariste, o linda Dama:  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe  
Te negue o Amor diuido, como foe.

Poem tu Nimfa em effeito meu defejo,  
Como mereçe a gente Lufitana,  
Que veja & faiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana,  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banhar-me Apolo na agoa soberana.  
Senão direy, que tês algum receio,  
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos estauão todos escuitando,  
O que o sublime Gama contaria  
Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,  
Aleuantando o rosto, alsi dizia:  
Mandas me, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a grão geanalofia:  
Não me manda contar estranha historia:  
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,  
Coufa he que se costuma, & se defeja:  
Mas louuar os meus proprios, arreceo,  
Que louuor tão sospeito mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto seja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
He não poder mentir no que differ,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas perque nisto a ordem leue & liga,  
Segundo o que defejas de saber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arrecea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
Com suas faldas ondas o Oceano,  
E pela Auftral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Afia se auizinha: mas o Rio  
Que dos montes Rifeios vay correndo,  
Na alagoa Meotis, curuo & frio  
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
Onde agora de Troia triunfante,  
Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
Os montes Hyperboreos aparecem,  
E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
E co nome do sopros, se ennobrecem,  
Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo resplandecem.  
Que a neve eltà contino pelos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiuerão, fobre a humana antiguidade,  
Cos que tinham antão a Egipcia terra:  
Mas quem tão fera estaua da verdade,  
(Ia que o juyzo humano tanto erra:)  
Pera que do mais certo se informàra,  
Ao campo Damasceno o perguntàra.

Agora nestas partes se nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,  
Escandinauia Ilha, que se arrea,



Das victorias que Italia não lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
O congelado Inuerno, se nauega.  
Hum braço do Sarmatico Occeoano,  
Pelo Brufio, Suecio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios  
Sujeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amafis, & Albis Rio.

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estão os Traces de robusto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida,  
Onde co Hemo, o Rodope fugeito  
Ao Otomano està, que fometida,  
Bizancio tem a seu feruiço indino,  
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
A quem laua do Axio a agoa fria:  
E vos tamhem, o terras excelentes,  
Nos costumes, engenhos, & ouladia,  
Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantasia:  
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no feio,  
Onde Antenor ja muros leuantou,  
A soberba Veneza està no meio  
Das agoas, que tam baxa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações varias fogeitou,

Braço forte, de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturais, por outra parte,  
Pela meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illustre fez o patrio Marte:  
Mas despois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre está ja de antiga potestade,  
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verá, que nomeada,  
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,  
Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha sepultada  
Pyrene se aleuantão, que segundo  
Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, & de prata antão corrêrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo senhorio & gloria estranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderá, com força, ou manha,  
A fortuna inquieta porlhe noda:  
Que lha não tire o esforço & oufadia,  
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com Tingitania entesta, & ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
Onde o sabido estreito se ennobrece,  
Co extremo trabalho do Thebano:  
Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano.  
Todas de tal nobreza, & tal valor,  
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
Sujeitando Partênopo inquieta,  
O Nauarro, as Asturias, que reparo  
La forão, contra a gente Mohometa,  
Tem o Galego cauto, & o grande & raro  
Castelhano, a quem fez o seu Planeta,  
Restituidor de Espanha, & senhor della,  
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,  
E onde Febo repousa no Oceano:  
Este quis o Ceo justo, que floresça  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando o de si fora, & la na ardente  
Affrica estar quieto o nam consente.

Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo.  
Esta foy Lusitania diriuada,  
De Lufo, ou Lyfa: que de Bacho antigo,  
Filhos forão parece, ou companheiros,  
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome  
Se ve, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreue:  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas languinas, força & manha

A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deste Rei a fama estranha,  
Do Herculano Calpe aa Cápia ferra,  
Muitos, pera na guerra esclarecerse,  
Vinhão a elle, & aa morte offerecerse.

E com hum amor intrinfeco acendidos  
Da Fè, mais que das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, & proprios lares  
Depois que em feitos altos & subidos.  
Se mostrarão nas armas singulares.  
Quis o famoso Affonso, que obras tais,  
Leuaffem premio digno, & dões agoais.

Destes Anrique dizem que segundo,  
Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,  
Portugal ouue em forte, que no Mundo  
Entam não era illustre, nem prezado:  
E pera mais final damor profundo,  
Quis o Rei Castelhano, que caado,  
Com Terefa sua filha o Conde fosse,  
E com ella das terras tomou posse.

Este depois que contra os descendentes,  
Da esclaua Agar, victorias grandes teue,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deue.  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,  
Hum filho, que illustrasse o nome vfano  
Do belicofo Reino Lusitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hyerofolima sagrada,  
E do Iordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em si lauada,  
Que não tendo Gotfredo a quem refista,  
Depois de ter Iudea fojugada.

Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
Pera seus senhores se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte & famoso Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O espírito deu, a quem lho tinha dado:  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado:  
Que do Mundo os mais fortes igualava,  
Que de tal pai tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não se se errado,  
Que em tanta antiguidade não há certeza,  
Conta que a mãe tomando todo o estado  
Do segundo Hymeneo, não se despreza:  
O filho orfão deixava de herdado,  
Dizendo que nas terras, a grandeza  
Do senhorio todo, foi sua era,  
Porque para calar seu pai lá se dera.

Mas o Príncipe Affonso, que desta arte  
Se chamava, do Auô tomando o nome,  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as mãas & come,  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome.  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao propósito firme segue o efeito.

De Guimarães o campo se tingia,  
Com sangue próprio da intestina guerra,  
Onde a mãe que tão pouco o percia,  
A seu filho negava o amor, & a terra,  
Com elle posta em campo já se via,  
E não vê a soberba, o muito que erra.  
Contra Deos, contra o maternal amor:  
Mas nella o sensual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,  
Se em vossos proprios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhay que inda Terefa peca mais:  
Incontinencia ma, cubiça fea,  
São as causas deste erro principais.  
Scilla por hũa mata o velho pay,  
Esta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
Do padrasto & da inica mãy leuaua,  
Ia lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejaua.  
Porem vencido de Ira o entendimento,  
A mãy em ferros alperos ataua:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,  
Pera vingar a injuria de Tereja,  
Contra o tam raro em gente Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agraua, ou pefa:  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica defefa.  
Não fo contra tal furia se sustenta:  
Mas o inimigo alperissimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães esta cercado,  
De infinito poder, que desta forte,  
Foy refazerse o inimigo magoadado:  
Mas com se offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado.  
Que de outra arte podêra ser perdido,  
Segundo estaua mal apercebido.

Mas o leal vassallo conhecendo,  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vay ao Castelhana, prometendo,

Que elle faria darlhe obediencia.  
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promeffa, & conſciencia  
De Egas moniz mas não conſente o peito  
Do moço illuſtre, a outrem ſer logeito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,  
Que o Principe a ſeu mando ſometido,  
Lhe deſſe a obediencia que eſperaua.  
Vendo Egas, que ficaua fementido,  
O que delle Caſtella não cuydaua,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palaura mal comprida.

E com ſeus filhos & molher ſe parte,  
A aleuantar co elles a fiança,  
Deſcalços, & deſpidos, de tal arte,  
Que mais moue a piedade que a vingança.  
Se pretendes Rei alto de vingarte,  
De minha temeraria conſiança,  
Dizia, eis aqui venho offerecido,  
A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas innocentes,  
Dos filhos ſem peccado, & da conſorte,  
Se a peitos generoſos, & excellentes,  
Dos fracos ſatisfaz a fera morte.  
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,  
Nellas ſos exprimenta, toda forte  
De tormentos, de mortes, pelo eſtillo  
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,  
Que ja na vido a morte tem bebido,  
Poem no çepo a garganta: & ja entregado,  
Eſpera pelo golpe tam temido:  
Tal diante do Principe indinado,  
Egas eſtaua a tudo offerecido:

Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,  
De vassallo, que a tanto se obrigava,  
Que mais o Perla fez naquella empresa,  
Onde rosto & narizes se cortava,  
Do que ao grande Dario tanto pesa,  
Que mil vezes dizendo suspirava.  
Que mais o seu Zopiro tão prezava,  
Que vinte Babilonias que tomava

Mas já o Principe Affonso aparelhava,  
O Lusitano exercito ditoso,  
Contra o Mouro que as terras habitava,  
Dalem do claro Tejo deleitoso:  
Ia no campo de Ourique se assentava,  
O arraial soberbo, & belicoso:  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Poito que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra coufa confiado,  
Senão no summo Deos, que o Ceo regia,  
Que tam pouco era o pouo bautizado,  
Que pera hum só cem Mouros aueria.  
Iulga qualquer juyzo soffegado,  
Por mais temeridade que ousadia,  
Cometer hum tamanho ajuntamento,  
Que pera hum cavalleiro ouvesse cento.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar se chama,  
Todos experimentados nos perigos  
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
Seguem guerreiras Damas seus amigos,  
Imitando a formosa & forte Dama,  
De quem tanto os Troianos se ajudarão,  
E as que o Termodonte já gostarão.



A matutina luz ferena, & fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando se a Affonso o animaua:  
Elle adorando quem lhe aparecia,  
Na Fê todo inflamado ahsi gritaua.  
Aos infieis Senhor, aos infieis,  
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por seu Rei natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,  
Pola montanha o rabido Molofo,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força estã do corno temerofo:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçofo,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do brauo a força horrenda se quebranta.

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,  
Por Deos & polo pouo juntamente,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animofo exercito rompente:  
Leuantão nisto os perros o alarido  
Dos gritos, tocam a arma, serue a gente,  
As lanças & arcos tomão, tubas foão,  
Instromentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,  
Foi nos aridos campos (afoprando  
O fibilante Boreas) animada

Co vento, o fecho mato vay queimando:  
A paltoral companha, que deitada,  
Co doço fono estaua, despertando,  
Ao estridor do fogo que se atea,  
Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Defta arte o Mouro atonito & toruado,  
Toma sem tento as armas muy depreffa,  
Não foge: mas espera confiado,  
E o ginete belligero arremessa:  
O Portugues o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
Hũs caem meios mortos, & outros vão  
A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali se vem encontros temerosos,  
Pera se desfazer hũa alta ferra,  
E os animais correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, & forçofos,  
Por toda a parte andaua acesa a guerra:  
Mas o de Lufo, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão faltando,  
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do sangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano  
Recolhendo os trofeos & presa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram Rei no campo fica:  
Aqui pinta no branco escudo vffano,  
Que agora esta victoria certifica:

Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em final destes cinco Reis vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
Escreuendo a memoria em varia tinta,  
Daquelle de quem foy fauorecido,  
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
Porque alsi fica o numero comprido:  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Paffado ja algum tempo, que paffada  
Era esta grão victoria, o Rei subido  
A tomar vay Leiria, que tomada  
Fora muy pouco auia, do vencido:  
Com esta a forte Arronches fojugada  
Foy juntamente: & o sempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno,  
Tu claro Tejo regas tam fereno.

A estas nobres villas fometidas,  
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
E nas ferras da Lua conhecidas,  
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
Sintra onde as Naiades escondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
Onde Amor as enreda brandameme,  
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princefa,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acefa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedecestes aa força Portuguefa.  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos com tenção lancta erão partidos,  
Entrando a bocaia, do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Affonso vnidos.  
Cuja alta fama antão subia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vllifseos.

Cinco vezes a Lũa se escondêra,  
E outras tantas moltrâra cheio o rosto,  
Quando a Cidade entrada se rendêra,  
Ao duro cerco, que lhe estaua pošto.  
Foy a batalha tam languina & fera,  
Quanto obrigaua o firme profuposto:  
De vencedores asperos, & oufados,  
E de vencidos, ja defesperados.

Defta arte em fim tomada se rendeo,  
Aquella que nos tempos ja passados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios pouos Sciticos oufados:  
Cujo poder a tanto se estendeo,  
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.  
E em fim co Betis tanto algum podêrão,  
Que aa terra do Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura  
Auera que refilta, se Lisboa  
Não pede refistir aa força dura  
Da gente, cuja fama tanto voa.  
Ia lhe obedece toda a Estremadura,  
Obidos, Alanquer, por onde loa  
O tom das frescas agoas, entre as pedras,  
Que murmurando laua, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras transtaganas,  
Affamadas co dom da flaua Ceres,  
Obedeceis aas forças mais que humanas,

Entregando lhe os muros, & os poderes.  
E tu laurador Mouro, que te enganas,  
Se sustentar a fertil terra queres.  
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,  
E Alcaçare do fal, estão rendidas.

Eis a nobre Cidade, certo affento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Nos ares se aleuantão nobremente.  
Obedeceo, por meio & ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancofo destruida,  
Affonso que não sabe fofegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Não se lhe pede muito sustentar  
A Cidade: mas sendo ja rendida,  
Em toda a coufa viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,  
E a piscofa Cizimbra, & juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a ferra della,  
Que a focorrella vinha diligente.  
Pela fralda da ferra descuydodo,  
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
Com quatro mil cauallos furiosos,  
Innumeros piões, darmas & de curo  
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro  
Cos ciumes da vaca, arreceosos,

Sentindo gente o bruto, & cego amante  
Saltea o descuidado caminhante.

Defta arte Affonso lubito moſtrado,  
Na gente da, que paſſa bem ſegura,  
Fere, mata, derriba denodado,  
Foge o Rei Mouro, & ſo da vida cura,  
Dum Panico terror todo aſombrado,  
So de ſeguillo o exercito procura.  
Sendo eſtes que fizeram tanto aballo,  
Nomais que ſo ſefenta de cauallo.

Logo ſegue a victoria ſem tardança,  
O grão Rei incanſabil, ajuntando  
Gentes de todo o Reino, cuja vſança  
Era andar ſempre terras conquiſtando,  
Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
O fim de ſeu deſejo, pelejando  
Com tanto eſforço & arte, & valentia,  
Que a fez fazer aas outras companhia.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O caſtigo daquelle que o mereçe,  
Ou pera que ſe emmende aas vezes tarda,  
Ou por ſegredos que homem não conhece,  
Se ate qui ſempre o forte Rei reſguarda,  
Dos perigos a que elle ſe offereçe.  
Agora lhe não deixa ter defeſa,  
Da maldição da mãy que estaua preſa.

Que eſtando na cidade que cercâra,  
Cercado nella foy dos Lioneſes,  
Porque a conquista della lhe tomâra,  
De Lião ſendo, & não dos Portugueſes.  
A pertinacia aqui lhe custa cara,  
Aſi como acontece muytas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceſo  
Aa batalha onde foy vencido & preſo.

O famofo Pompeyo não te pene,  
De teus feitos illuftres a ruyna,  
Nem ver que a jufta Nemefis ordene,  
Ter teu logro de ti victoria dina,  
Pofto que o frio Fafis, ou Syene  
Que pera nenhum cabo a fombra inclina:  
O Bootes gellado, & a linha ardente,  
Temeffem o teu nome geralmente.

Pofto que a rica Arabia, & que os feroces  
Eniocos, & Colcos, cuja fama  
O Veo dourado eftende: & os Capadoços,  
E Iudea, que hum Deos adora & ama,  
E que o molles Sofenos, & os Atroces,  
Silicios, com a Armenia, que derrama,  
As agoas dos dous Rios, cuja fonte  
Estâ noutro mais alto & fancto Monte.

E pofto em fim que defdo mar de Atlante,  
Ate o Scitico Tauro, monte erguido  
Ia vencedor te viſſem, não te eſpante  
Se o campo Emathio fo te vio vencido,  
Porque Affonfo veras ſoberbo & ouante,  
Tudo render, & ſer deſpois rendido.  
Aſi o quis o conſelho alto celeſte,  
Que vença o logro a ti, & o genro a eſte.

Tornado o Rei ſublime finalmente,  
Do diuino juyzo caſtigado,  
Deſpois que em Santarem ſoberbamente,  
Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
E deſpois que do martyre Vicente,  
O ſanctiſſimo corpo venerado.  
Do ſacro promontorio conhecido,  
Aa cidade Vliſſea foy trazido.

Porque leuaſſe auante ſeu deſejo,  
Ao forte filho manda o laſſo velho,  
Que aas terras ſe paſſaſſe dalentejo,

Com gente, & co beligero aparelho:  
Sancho, desforço & danimo fobejo,  
Auante paffa, & faz correr vermelho,  
O rio que Seuilha vay regando,  
Co fangue mauro, barbaro & nefando.

E com eſta victoria cobiçoſo,  
Ia não deſcanſa o moço ate que veja,  
Outro eſtrago como eſte, temeroſo  
No barbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o Principe ditoſo,  
Sem ver o fim daquillo que deſeja.  
Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem ſua eſperança.

Ia ſe ajuntão do monte, a quem Meduſa  
O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
Ia vem do promontorio de Ampelufa,  
E do Tinge que aſſento foy de Anteo.  
O morador de Abila não ſe eſcula,  
Que tambem com ſuas armas ſe moueo:  
Ao ſom da Mauritana & ronca tuba,  
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua com toda eſta companhia,  
O Miralmomini em Portugal  
Treze Reis mouros leua de valia,  
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
E aſſi fazendo quanto mal podia,  
O que em partes podia fazer mal.  
Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
Porem não lhe focede muito bem.

Dalhe combates aſperos, fazendo  
Ardis de guerra mil, o Mouro yroſo,  
Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,  
Mina ſecreta, Ariete forçoſo:  
Porque o filho de Affonſo, não perdendo  
Nada do eſforço, & acordo generoſo,



Tudo prouê com animo & prudencia,  
Que em toda a parte ha esforço & refiftencia

Mas o velho a quem tinham ja obrigado  
Os trabalhosos annos, ao fofego,  
Eftando na Cidade, cujo prado  
Enuerdecem as agoas do Mondego:  
Sabendo como o filho està cercado,  
Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
Se parte diligente da Cidade,  
Que não perde a prefteza co a idade.

E co a famofa gente â guerra vlada,  
vay focorrer o filho, & afsi ajuntados,  
A Portuguefa furia coftumada,  
Em breue os Mouros tem desbaratados:  
A campina que toda eftà qualhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cauallos, jaezes, prefa rica,  
De feus senhores mortos chea fica.

Logo todo o reftante fe partio  
De Lufitania, poftos em fugida,  
O Miralmomini fo não fogio,  
Por que antes de fogir lhe foge a vida,  
A quem lhe efta victoria permitio,  
Dão lououres & graças fem medida:  
Que em calos tão eftranhos claramente,  
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,  
O velho Affonfo, Principe fubido,  
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,  
Da larga, & muita idade foi vencido,  
A palida doença lhe tocaua,  
Com fria mão o corpo enfraquecido:  
E pagàrão feus annos deste geito,  
Aa trifte Libitina feu direito

Os altos promontorios o chorarão,  
E do rios as agoas laudofas,  
Os femeados campos alagarão,.  
Com lagrimas correndo piadofas:  
Mas tanto pelo mundo se alargarão  
Com fama suas obras valerofas,  
Que sempre no seu Reino chamarão,  
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficàra  
Imitando seu pay na valentia,  
E que em sua vida ja se exprimentàra,  
Quando o Betis de sangue se tingia,  
E o barbaro poder desbaratàra,  
Do Ismaelita Rei de Andaluzia.  
E mais quando os que Beja em vão cercâão.  
Os golpes de seu braço em si prouârão.

Depois que foy por Rei aleuantado,  
Auendo poucos annos que reinava,  
A cidade de Silves tem cercado,  
Cujos campos o barbaro laurava:  
Foy das valentes gentes ajudado,  
Da Germanica armada, que passava.  
De armas fortes & gente apercebida,  
A recobrar Iudea ja perdida.

Passaão a ajudar na sancta empresa,  
O roxo Federico, que moueo  
O pederoso exercito, em defesa  
Da cidade onde Christo padeceo,  
Quando Guido co a gente em fede acefa,  
Ao grande Saladino se rendeo:  
No lugar onde aos Mouros lobejaão,  
As agoas que os de guido defejaão.

Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraste de vento, aaquella parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera,

Ia que em feruiço vay, do fancto Marte  
Afsi como a feu pay acontecèra,  
Quando tomou Lisboa, da mefma arte,  
Do Germano ajudado Silues toma,  
E o brauo morador deftrue & doma.

E fe tantos tropheos do Mahometa,  
Aleuantando vay tambem do forte  
Liones, não confente eftar quieta  
A terra vñada aos cafos de Mauorte:  
Ate que na ceruiz feu jugo meta  
Da soberba Tui, que a mesma forte,  
Veo ter a muitas villas fuas vizinhas,  
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas entre tantas palmas falteado  
Da temerofa morte, fica erdeiro,  
Hum filho feu de todos estimado,  
Que foy segundo Affonfo, & Rei terceiro  
No tempo defte, aos Mauros foi tomado  
Alcaçere do fal por derradeiro:  
Por que dantes os Mouros o tomarão,  
Mas agora eftruidos o pagarão.

Morto depois Affonfo lhe fucede  
Sancho segundo, manfo & defcuidado,  
Que tanto em feus defcuidos fe defmede,  
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,  
De gouernar o Reino que outro pede,  
Por caufa dos priuados foi priuado,  
Porque como por elles fe regia,  
Em todos os feus vicios confentia.

Não era Sancho não tam defonefto,  
Como Nero, que hum moço recebia  
Por molher, & depois horrendo incesto,  
Com a mãy Agripina cometia:  
Nem tam cruel aas gentes & molefto,  
Que a cidade queimaffe onde viuia,

Nem tam mau como foi Hedio gabão,  
Nem como o mole Rei Sardanapão.

Nem era o pouo seu tiranizado,  
Como Sicilia foy de seus tiranos,  
Nem tinha como Phalaris achado,  
Genero de tormentos inhumanos:  
Mas o Reino de altiuo, & costumado  
A senhores em tudo soberanos.  
A Rei não obedece, nem consente,  
Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o Reino governou,  
O Conde Bolonhes, depois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou,  
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado  
Este que Affonso o brauo se chamou,  
Depois de ter o Reino segurado:  
Em dilatalo cuida, que em terreno  
Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
Em casamento dada, grande parte,  
Recupêra co braço, & deita fora  
O Mouro mal querido ja de Marte:  
Este de todofez liure & senhora  
Lusitania, com força & bellica arte:  
E acabou de oprimir a nação forte,  
Na terra que aos de Lusó coube em forte.

Eis depois vem Dinis, que bem parece,  
Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,  
Com quem a fama grande se escurece,  
Da liberalidade Alexandrina.  
Co este o Reino prospero florece,  
(Alcançada ja a paz aurea diuina)  
Em constituições, leis & costumes,  
Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
O valeroso officio de Minerua,  
E de Helicon a Musas fez passar-se,  
A pifar de Mondego a fertil erua:  
Quanto pode de Athenas desejar-se,  
Tudo o soberbo Apolo aqui referua.  
Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
Fortalezas, castellos muy seguros,  
E quasi o Reino todo reformou,  
Com edificios grandes, & altos muros:  
Mas depois que a dura Atropos cortou,  
O fio de seus dias ja maduros:  
Ficoulhe o filho pouco obediente,  
Quarto Affonso: mas forte & excelẽte:

Este sempre as soberbas Castelhanas,  
Co peito desprezou firme & sereno,  
Porque não he das forças Lusitanas,  
Temer poder maior, por mais pequeno  
Mas porem quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Esperico terreno.,  
Entrarão pelas terras de Castella,  
Foy o soberbo Affonso a socorrerella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
Veio os campos Ydalpicos enchendo,  
Nem Atila, que Italia toda espanta,  
Chamandose de Deos açoute horrendo.  
Gottica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co poder excessiuo de Granada,  
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

E vendo o Rei sublime Castelhana,  
A forza inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,

Ia perdido hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lufitano,  
Lhe mandaua a caríssima conforte,  
Mulher de quem a manda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entraua a fermofíssima Maria,  
Polos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
E seus olhos em lagrimas banhados,  
Os cabellos Angelicos trazia,  
Pelos eburneos hombros espalhados:  
Diante do Pay ledo, que a agafalha,  
Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos poucos a terra produzio  
De Africa toda gente fera & estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduzio  
Pera vir possuir a nobre Espanha:  
Poder tamanho junto não se vio,  
Depois que o salfo Mar a terra banha.  
Trazem ferocidade, & furor tanto,  
Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co pequeno poder, offerecido  
Ao duro golpe está, da Maura espada,  
E se não for contigo foorrido,  
Verme as delle & do Reino ser priuada,  
Viua & triste, & posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,  
O corrente Muluca se congella,  
Rompe toda a tardança, acude cedo,  
Aa miseranda gente de Castella.  
Se esse gesto que mostras claro & ledo,  
De pay o verdadeiro amor affella:

Acude & corre pay, que se não corres,  
Pode ser que não aches quem focorres.

Não de outra forte a tímida Maria  
Falando está, que a triste Venus, quando  
A Iupiter seu pay fauor pedia,  
Pera Eneas seu filho, nauegando,  
Que a tanta piedade o comouia,  
Que caído das mãos o rayo infando.  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pefandolhe do pouco que lhe pede.

Mas já cos esquadrões da gente armada,  
Os Eborenſes campos vão qualhados,  
Luftra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vão rinchando os caualllos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações aa paz acoſtumados:  
Vay às fulgentes armas incitando  
Polas concauidades retumbando.

Entre todos no meio se ſublima,  
Das inſignias Reais acompanhado,  
O vaferoſo Affonſo, que por cima  
De todos, leua o collo aleuantado,  
E ſomente co geſto eſforça & anima,  
A qualquer coração amedrontado.  
Aſſi entra nas terras de Caſtella,  
Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonſos finalmente,  
Nos campos de Tarifa, eſtão defronte  
Da grande multidão da cega gente,  
Pera quem ſam pequenos campo & monte.  
Não ha peito tão alto & tam potente,  
Que de deſconfiança não ſe a fronte,  
Em quanto não conheça, & claro veja,  
Que co braço dos ſeus Chriſto peleja.

Eltão do Agar os netos cali rindo,  
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,  
As terras como fuas repartindo,  
Ante mão, entre o exercito Agareno:  
Que com titulo falso possuindo  
Eltà o famoso nome Sarraceno.  
Assi tambem com falsa conta & nua,  
Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,  
Do Rei Saul, com causa tam temido,  
Vendo o Pastor enorme estar diante,  
So de pedras & esforço apercebido,  
Com palauras soberbas o arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido:  
Que rodeando a funda o defengana,  
Quanto mais pode a Fê que a força humana.

Desta arte o Mouro perfido despreza,  
O poder dos Christãos, & não entende,  
Que eltà ajudado da alta fortaleza,  
A quem o Inferno horrifico se rende.  
Co ella o Castelhana, & com destreza,  
De Marrocos o Rei comete & offende.  
O Portugues que tudo estima em nada,  
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,  
Por cima dos arnefes, brauo estrago,  
Chamão (segundo as leis que ali seguião,)  
Hũs Mafamede, & os outros Sanctiago,  
Os feridos com grita o Ceo ferião,  
Fazendo de seu sangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos se afogauão,  
Quando do ferro as vidas escapauão.

Com esforço tamanho estrue & mata,  
O Lufo ao Granadil, que em pouco espaço,  
Totalmente o poder lhe desbarata,



Sem lhe valer defeza, ou peito de aço:  
De alcançar tal victoria tam barata,  
Inda não bem contente o forte braço,  
Vay ajudar ao brauo Castelhano,  
Que pelejando està co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,  
Pera a cafa de Thetis, & inclinado,  
Pera o Ponente o vespero trazendo,  
Estaua o claro dia memorado,  
Quando o poder do Mauro grande & horêdo  
Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
Com tanta mortindade, que a memoria,  
Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
Dos que morrerão neste vencimento,  
Quando as agoas co sangue do aduersario,  
Fez beber ao exercito sedento,  
Nem o Peno asperissimo contrario,  
Do Romano poder de nascimento:  
Quando tantos matou da illustre Roma,  
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

E se tu tantas almas lo podesse,  
Mandar ao Reino escuro de Cocito,  
Quando a sancta Cidade desfizesse  
Do pouo pertinaz no antigo rito:  
Permissam & vingança foy celeste,  
E não força de braço, o nobre Tito,  
Que assi dos Vates foy profetizado,  
E depois por I E S V certificado.

Passada esta tão prospera victoria,  
Tornado Affonso aa Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta foybe ganhar na dura guerra,  
O cafo triste & dino da memoria,  
Que do sepulchro os homens desenterra,

Aconteceo da mísera, & mezquinha  
Que despois de fer morta foy Rainha.

Tu lo, tu puro Amor com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Defte caufa aa molesta morte sua,  
Como se fora perfida inimiga:  
Se dizem fero Amor que a fede tua,  
Nem com lagrimas triftes se mitiga:  
E porque queres áspero & tirano  
Tuas aras banhar em fangue humano.

Eftauas linda Ines pofta em fofego  
De teus annos, colhendo doce fructo,  
Naquelle engano da alma, ledó & cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos faudofos campos do Mondego,  
De teus fermofos olhos nunca enxuto,  
Aos montes infinando, & às eruinhas  
O nome que no peito efcripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,  
As lembranças que na alma lhe morauão,  
Que fempre ante feus olhos te trazião,  
Quando dos teus fermofos se apartauão  
De noite em doces fonhos, que mentião,  
De dia em penfamentos que voauão.  
E quanto em fim cuidaua, & quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas fenhoras, & Princefas,  
Os defejados tâlamos engeita,  
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
Quando hum gesto fuaue te fogeita:  
Vendo estas namoradas eftranhezas,  
O velho pay fefudo, que refpeita  
O murmurar do pouo, & a fantasia  
Do filho, que cafarfe não queria.

Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem prefo,  
Crendo co fangue lô da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo acefo:  
Que furor confentio, que a espada fina,  
Que pode sustentar o grande pefo  
Do furor Mauro, folfe aleuantada,  
Contra hũa fraca dama delicada?

Trazião a os horrificos algozes,  
Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
Mas o pouo com fallas, & ferozes  
Razões, aa morte crua o perfuade:  
Ella com tristes & piedofas vozes,  
Saidas lô da magoa, & laudade  
Do feu Principe, & filhos que deixaua,  
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,  
Com lagrimas os olhos piedofos,  
Os olhos, porque as mãos lhe eftaua atando,  
Hum dos duros miniftros rigurofos.  
E despois nos mininos atentando,  
Que tam queridos tinha, & tam mimofos,  
Cuja orfindade como mãy temia,  
Pera o auô cruel afsi dizia.

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nafcimento,  
E nas aues agreftes, que fomite  
Nas rapinas aerias tem o intento,  
Com pequenas crianças vio a gente,  
Terem tam piadofo fentimento,  
Como co a mãy de Nino ja moftirão,  
E cos yrmãos que Roma edificarão.

O tu que tês de humano o gefto & o peito  
(Se de humano he, matar hũa donzella  
Fraca & fem força, fo por ter fubjeito

O coração, a quem foubes vencella)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens aa morte escura della,  
Mouate a piedade tua & minha,  
Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo & ferro,  
Sabe também dar vida com clemencia,  
A quem para perdela não fez erro:  
Mas se to assim merece esta inocencia,  
Poem me em perpetuo & misero desterro,  
Na Scitia fria, ou lá na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas vivas eternamente.

Poem me onde se vê toda a feridade,  
Entre Leões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei:  
Ali co amor intrinseco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarei  
Estas reliquias tuas que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,  
Mouido das palavras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouco, & seu destino  
(Que desta forte o quis) lhe não perdoão,  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carniceros  
Feros vos amostrais, & cavalleiros?

Qual contra a linda moça Policena,  
Consoação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar ferena,  
(Bem como paciente, & mansa ouelha)

Na mísera mãe postos, que endoudeçe  
Ao duro sacrificio se offereçe.

Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que fostinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquella que depois a fez Rainha:  
As espadas banhando, & as brancas flores,  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçaão, feridos & yrofos,  
No futuro castigo não cuidofos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes  
Teus rayos apartar aquelle dia,  
Como da feua mesa de Tyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
Vos, ô concauos vales que podestes,  
A voz extrema ouuir da boca fria,  
O nome do feu Pedro que lhe ouuistes,  
Por muito grande espaço repetistes.

Afsi como a bonina que cortada,  
Antes do tempo foy, candida & bella,  
Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
Da minina que a trouxe na capella:  
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
Tal està morta a palida donzella,  
Secas do rosto as rofas, & perdida  
A branca & viua cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego, a morte efcura  
Longo tempo chorando memorarão,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarão:  
O nome lhe poderão, que inda dura,  
Dos amores de Ines que ali passarão.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas fã a agoa, & o nome amores

Não correo muito tempo que a vingança  
Não vilfe Pedro das mortais feridas,  
Que em tomando do Reino a gouernança,  
A tomou dos fugidos humicidas:  
Do outro Pedro cruífsimo os alcança,  
Que ambos immigos das humanas vidas,  
O concerto fizerão duro & injusto,  
Que com Lepido, & Antonio fez Augufto.

Este castigador foy regurofo,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yrofo,  
Erão os feus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando juftiçofo,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões caftigando aa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Thefeu.

Do jufto & duro Pedro nafce o brando  
(Vede da natureza o desconcerto)  
Remiffo, & fem cuidado algum Fernando,  
Que todo o Reino pos em muito aperto,  
Que vindo o Caftelhano deuastando  
As terras fem defefa, efteue perto  
De deftruirfe o Reino totalmente,  
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy caftigo claro do peccado,  
De tirar Lianor a feu marido,  
E cafar fe co ella de enleuado,  
Num falfo parecer mal entendido:  
Ou foy que o coração fogeito, & dado  
Ao vicio vil, de quem fe vio rendido,  
Molle fe fez, & fraco, & bem parece  
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão fempre a pena  
Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
Os que forão roubar a bella Elena,

E com Apio tambem Tarquino o vio:  
Pois por quem Daud Sancto se condena?  
Ou quem o Tribo illuftre deftruio  
De Benjamim? bem claro nolo infina,  
Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,  
Hum inconceffo amor defatinado,  
Bem no filho de Almena se parece,  
Quando em Omfale andaua transformado,  
De Marco Antonio a fama se efcoreçe,  
Com fer tanto a Cleopatra affeioado:  
Tu tambem Peno proſpero o fentifte,  
Deſpois que hũa moça vil na Apulia viſte.

Mas quem pode liurarſe por ventura,  
Dos laços que amor arma brandamente  
Entre as roſas & a neve humana pura,  
O ouro, & o alabaſtro transparente  
Quem de hũa peregrina fermofura  
De hum vulto de Meduſa propriamente  
Que o coração conuerte que tem preſo,  
Em pedra não: mas em deſejo aceſo.

Quem vio hum olhar ſeguro, hum geſto brando,  
Hũa ſuaue & Angelica excelencia,  
Que em ſi eſtã ſempre as almas trãformãdo  
Que tiueſſe contra ella reſiſtencia:  
Deſculpado por certo eſtã Fernando,  
Pera quem tem de amor experencia:  
Mas antes tendo liure a fantasia,  
Por muyto mais culpado o julgaria.  
Fim.

☛ Canto Quarto.

Deſpois de procello  
ſa tempeſtade,

Nocturna fombra, & libilante  
vento,  
Traz a manhã ferena claridade,  
Esperança de porto, & saluamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reino forte aconteeço,  
Depois que o Rei Fernando falleço.

Porque se muito os nossos defejarão,  
Quem os danos & offensas va vingando,  
Naquelles que também se aproueitirão,  
Do descuido remisso de Fernando,  
Depois de pouco tempo o alcançarão,  
Ioanne sempre illustre aleuantando  
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos ceos diuina,  
Por finais muito claros se mostrou  
Quando em Euora a voz de hũa minina,  
Ante tempo falando o nomeou:  
E como coufa em fim que o Ceo destina,  
No berço o corpo, & a voz aleuantou,  
Portugal, Portugal, alçando a mão  
Disse, polo Rei nouo Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,  
Co odio que occupado os peitos tinha,  
Abfolutas cruezas, & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha,  
Matando vão amigos & parentes,  
Do adultero Conde, & da Rainha,  
Com quem sua incontinencia defonesta  
Mais (depois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa defonrado,  
Diante della a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado



Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
Quem como Astianas precipitado  
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podêfe por em longo esquecimento,  
As cruezas mortais que Roma vio  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por illo Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lufitania vir Castella,  
Dizendo fer sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que calada  
Co Castelhana està, que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castella aleuantada,  
Dizendo que esta filha ao pay succede:  
Suas forças ajunta pera as guerras  
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a provincia que de hum Brigo,  
(Se foy) ja teue o nome diriuado  
Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
Ganharão do tirano & Mauro estado:  
Não estimão das armas o perigo,  
Os que cortando vão co duro arado  
Os campos Lionefes, cuja gente,  
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntauão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Goadalquibir as agoas lauão,  
A nobre Ilha tambem se apercebia,  
Que antigamente os Tirios habitauão:

Trazendo por insignias verdadeiras  
As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,  
Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vay suaue & ledado,  
Que das ferras de Conca vem manando:  
A vos outros tambem não tolhe o medo,  
O fordidos Galegos, duro bando,  
Que pera refistirdes, vos armastes,  
Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negrasfurias,  
A gente Bizcainha, que careçe  
De polidas razões, & que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadeçe:  
A terra de Guipufcua, & das Asturias  
Que com minas de ferro se ennobreçe,  
Armou delle, os soberbos matadores,  
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane, a quem do peito o eforço creçe,  
Como a Sarifam Hebreo da guedelha,  
Pofo que tudo pouco lhe parece  
Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
E não porque conselho lhe faleçe,  
Cos principaes senhores se aconselha:  
Mas fo por ver das gentes as sentenças,  
Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo se conuerte,  
Em defufada & ma deflealdade,  
Podendo o temor mais, gelado, inerte  
Que a propria & natural fidelidade,  
Negão o Rei & a patria, & se conuem  
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que efte erro fe fentiffe,  
No forte dom Nuno aluerez: mas antes  
Pofto que em feus Irmãos tão claro o vilfe,  
Reprouando as vontades incoftantes:  
A aquellas duuidofas gentes diffe,  
Com palauras mais duras que elegantes,  
A mão na efpada irado, & não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como da gente illuftre Portuguefa,  
Ha de auer quem refufe o patrio Marte?  
Como, defta prouincia que princefa  
Foy das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de fair quem negue ter defefa,  
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte  
De Portugues, & por nenhum refpeito  
O proprio Reino queira ver logeito?

Como, não loís vos inda os defcendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez, feros & valentes  
Venceftes efte gente tam guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poferam em fugida, de maneira,  
Que fete illuftres Condes lhe trouxerão  
Presos, afora a prefa que tiuerão?

Com quem forão contino fopeados  
Estes, de quem o eftais agora vos,  
Por Dinis & feo filho, fublimados  
Se não cos voífos fortes pais & auôs?  
Pois fe com feus defcuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza afi vos pos,  
Torne vos voífas forças o Rei nouo,  
Se he certo que co Rei fe muda o pouo.

Rei tendes tal, que fe o valor tiuerdes  
Igual ao Rei que agora aleuantafteis,  
Desbaratareis tudo o que quiferdes,

Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
E se com isto em fim vos não mouerdes,  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atay as mãos a vóllo vão receio,  
Que eu lo refiltirey ao jugo alheio.

Eu lo com meus vaffalos, & com esta,  
(E dizendo isto arranca mea espada)  
Defenderey da força dura, & infesta  
A terra nunca de outrem sojugada,  
Em virtude do Rei, da patria mefita,  
Da lealdade ja por vos negada,  
Vencerey (não lo estes aduersarios:)  
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mançebos recolhidos,  
Em Camifio, reliquias los de Canas,  
Ia pera se entregar quasi moidos  
A fortuna das forças Affricanas:  
Cornelio moço os faz, que compelidos  
Da sua espada jurem, que as Romanas  
Armas, nam deixarão em quanto a vida  
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

Destarte a gente força, & e força Nuno,  
Que com lhe ouuir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo, & volteando arremelloes,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Viua o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão  
A guerra com que a patria se fofinha,  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes eltofam, peitos prouão,  
Armafe cada hum como conuinha.

Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrofa companhia,  
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes:  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os muy possantes,  
Orientais exercitos, sem conto,  
Com que passava Xerxes o Helesponto.

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro  
Açoute de soberbos Castelhanos,  
Como ja o fero Huno o foy primeiro  
Pera Eranceles, pera Italianos,  
Outro tambem famoso caualleiro,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandalos, & regelos,  
Meu Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,  
Antão vazquez de Almada he Capitão,  
Que depois foy de Abranches nobre Conde,  
Das gentes vay regendo a festa mão,  
Logo não retagoarda não se esconde,  
Das quinas & castellos o pendão,  
Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,  
E de hum alegre medo quasi frias,  
Rezando as mais, irmãs, damas, & esposas  
Prometendo jejûs, & romarias:  
Ja chegão as esquadras bellicosas,  
Defronte das imigas companhias,  
Que com grita grandissima os recebem,  
E todas grande duuida concebem.

Respondem as trombetas menfageiras,  
Pifaros fibilantes, & atambores,  
Alferezes volteão as bandeiras,  
Que variadas são de muitas cores:  
Era no fco tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu final a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,  
Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,  
A tras tornou as ondas de medroso:  
Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,  
Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
E as mãis que o fom terribil escuitarão,  
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,  
Que ao coração acode o sangue amigo,  
Que nos perigos grandes, o temor,  
He mayor muitas vezes que o perigo,  
E se o não he, pareceo, que o furor  
De offender, ou vencer o duro inimigo,  
Faz não sentir, que he perda grande & rara  
Dos membros corporais da vida cara.

Começaſe a trauar a incerta guerra,  
De ambas partes ſe moue a primeira ala,  
Hũs leua a defenſam da propria terra,  
Outros as eſperanças de ganhala:  
Logo o grande Pereira em quem ſe encerra  
Todo o valor, primeiro ſe aſſinala  
Derriba, & encontra, & a terra ẽ fim ſemea  
Dos que a tanto deſejão, ſendo alhea.

Ia pelo eſpeſſo ar, os eſtridentes  
Farpões, ſetas, & varios tiros voão,  
Debaxo dos pêſ duros dos ardentes  
Caualllos, treme a terra, os vales ſoão:  
Eſpedação ſe as lanças, & as frequentes  
Quedas, co as duras armas tudo atroão.  
Recreçem os immigos ſobre a pouca  
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali ſeus yrmãos contra elle vão,  
(Caſo feo & cruel:) mas não ſe eſpanta,  
Que menos he querer matar o yrmão,  
Quem contra o Rei & a patria ſe aleuanta:  
Desteſ arrenegados muitos ſam,  
No primeiro eſquadrão, que ſe adianta,  
Contra yrmãos & parentes (caſo eſtranho)  
Quaes nas guerras Ciuis de Iuleo Magno.

O tu Sertorio, o nobre Cariolano  
Catilina, & vos outros dos antigos,  
Que contra voſſas patrias, com profano  
Coração, vos fizesteſ inimigos:  
Se lâ no reino eſcuro de Sumano  
Receberdeſ grauífſimos caſtigos  
Dizeilhe que tambem dos Portugueſes  
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem ſe aqui dos noſſos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vão:

Esta ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita está o fortíssimo lião  
Que cercado se ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão,  
Perseguem no com as lanças, & elle irofo  
Toruado hũ pouco está, mas não medrofo.

Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a yra não lhe compadecem  
Que as coltas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem:  
Tal está o caualeiro que a verdura  
Tinge co sangue alheyo, ali perecem  
Algũs dos seus, que o animo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioane a afronta que passava  
Nuno, que como fabio capitão,  
Tudo corria, & via, & a todos dava  
Com preferença & palauras coração:  
Qual parida Lioa fera & braua  
Que os filhos que no ninho fôz estão  
Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,  
O pastor de Malsilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos  
Os montes sete Irmãos atoa & abala,  
Tal Ioane com outros escolhidos  
Dos seus, correndo acode aa primeira ala:  
O fortes companheiros, o subidos  
Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,  
Defendey vossas terras que a esperança  
Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro  
Que entre as lanças & fêtas, & os arneses  
Dos inimigos corro, & vou primeiro  
Pelejay verdadeiros Portugueses.  
Isto disse o magnanimo guerreiro



E fopelando a lança quatro vezes,  
Com força tira & defte vnico tiro  
Muytos lançarão o vltimo fofpiro,

Porque eis os feus acefos nouamente  
Dhũa nobre vergonha & honrofo fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerã, do Marcio jogo  
Porfião: tingeo ferro o fogo ardente  
Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
Afsi recebem junto & dão feridas  
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Eftigio lago  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua  
O Mefre morre ali de Sanctiago  
Que fortifsimamente pelejaua  
Morre tambem, fazendo grande eftrago  
Outro Mefre cruel de Calatraua  
Os Pereiras tambem arrenegados  
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil fem nome  
Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
Onde o Trifauce Cão perpetua fome  
Tem, das almas que pallão defte mundo  
E porque mais aqui fe amanfe & dome  
A foberba do imigo furibundo,  
A fublime bandeira Caftelhana  
Foy derribada os pêes da Lufitana.

Aqui a fera batalha fe encruece  
Com mortes, gritos, fangue & cutiladas  
A multidão da gente que perece  
Tem as flores da propria cor mudadas:  
Ia as coftas dão & as vidas: ja falece  
O furor, & fobejão as lançadas,  
Ia de Caftella o Rey desbaratado  
Se vee, & de feu propofito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor  
Contente de lhe não deixar a vida  
Seguê no os que ficarão, & o temor  
Lhe da não pês, mas alas aa fugida:  
Encobrem no profundo peito a dor  
Da morte, da fazenda despendida,  
Da magoa, da defonra, & triste nojo  
De ver outrem triumphar de feu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
Do primeyro que guerra fez no mundo  
Outros a fede dura vão culpando  
Do peito cobiçoso & litibundo:  
Que por tomar o alheo, o miserando  
Pouo auentura aas penas do profundo  
Deixando tantas mãis, tantas espolas  
Sem filhos, fem maridos desditofas.

O vencedor Ioanne esteue os dias  
Costumados no campo, em grande gloria  
Com offertas despois, & romarias  
As graças deu a quem lhe deu victoria:  
Mas Nuno que não quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de fi memoria  
Se não por armas sempre soberanas  
Pera as terras se passa Trãstaganas.

Ajudao feu destino de maneira  
Que fez igoal o effeito ao penfamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo & o vencimento  
Ia de Siuilha a Betica bandeira  
E de varios senhores nũ momento  
Se lhe derriba aos pês fem ter defesa  
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente  
Erão os Castelhanos oprimidos  
Quando a paz desejada ja da gente

Derão os vencedores aos vencidos:  
Depois que quis o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Aas duas Illustrísimas Inglesas  
Gentis, fermosas, inclitas princefas.

Não fofre o peito forte vlado aa guerra  
Não ter imigo ja a quem faça dano,  
E afsi não tendo a quem vencer na terra  
Vay cometer as ondas do Occeano:  
Efte he o primeiro Rey que fe defterra  
Da patria, por fazer que o Afrinano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento  
Da furiofa Tetis inquieta,  
Abrindo as pandas alas vão ao vento  
Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
O monte Abila, & o nobre fundamento  
De Ceita toma, & o torpe Mahometa  
Deita fora, & fegura toda Elpanha  
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não confentio a morte tantos annos  
Que de Heroe tão ditofe fe lografse  
Portugal, mas os coros foberanos  
Do ceo fupremo, quis que pouoafse:  
Mas pera defenfam dos Lufitanos  
Deixou quem o leuou, quem gouernafse,  
E aumentafse a terra mais que dantes  
Inclita gêração, altos Infantes.

Não foy do Rey Duarte tão ditofe  
O tempo que ficou na fumma alteza,  
Que afsi vay alternando o tempo irofo  
O bem co mal, o gofto co a tristeza:  
Quem vio fempre hum eftado deleitofe?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?

Pois inda neste Reino, & neste Rey  
Não vfou ella tanto desta ley.

Vio fer captiuo o fancto irmão Fernando  
Que a tão altas empresas aspiraua  
Que por saluar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:  
Sô por amor da patria eftâ paffando  
A vida de senhora feyta efcaua,  
Por não se dar por elle ha forte Ceita  
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Cadro porque o inimigo não venceffe,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria não perdeffe,  
Quis mais a liberdade ver perdida:  
Este porque se Espanha não temeffe  
A captiueiro eterno se conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto  
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,  
Nome em armas ditofo, em noffa Hesperia,  
Que a soberba do barbaro fronteiro,  
Tornou em baxa & humilima miseria,  
Fora por certo inuicto caualleiro,  
Se não quifera yr ver a terra Iberia:  
Mas Affrica dira ser impossibil,  
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,  
Que famente o Terintio colher pode,  
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
A ceruiz inda agora nam facode:  
Na fronte a palma leua, & o verde louro,  
Das victorias do barbaro, que acode  
A defender Alcaçer forte villa,  
Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,  
Os muros abaxarão de Diamante,  
Aas Portugueſas forças coſtumadas,  
A derribarem quanto achão diante,  
Marauilhas em armas eſtremadas,  
E de eſcriptura dinas elegante,  
Fizerão caualleiros nesta empreſa  
Mais, affinando a fama Portugueſa.

Porem deſpois tocado de ambição,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragão,  
Sobre o potente Reino de Caſtella,  
Ajuntafe a inimiga multidão,  
Das ſoberbas & varias gentes della,  
Deſde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos ocioſo,  
O mancebo Ioanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambicioſo,  
Que então lhe foy ajuda não pequena,  
Saioſe em fim do trançe perigoſo,  
Com fronte não toruada, mas ſerena  
Desbaratado o pay languinolento:  
Mas ficou duuidoſo o vencimento.

Porque o filho ſublime & ſoberano,  
Gentil, forte, animoſo caualleiro,  
Nos contrarios fazendo imenſo dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
Desta arte foy vencido Octauiano,  
E Antonio vencedor ſeu companheiro,  
Quando daquelles que Cefar matârão  
Nos Philipicos campos ſe vingârão.

Porem deſpois que a eſcura noite eterna,  
Affonſo apouſentou no Ceo ſereno,  
O Principe que o Reino então gouerna,

Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:  
Elte por auer fama fempiterna,  
Mais do que tentar pode homem terreno  
Tentou, que foy buſcar da roxa Aurora  
Os terminos, que eu vou buſcando agora.

Manda ſeus menſageiros que paſſarão  
Eſpanha, França, Italia celebrada,  
E la no illuſtre porto ſe embarcâão,  
Onde ja foy Partenope enterrada,  
Napoles onde os fados ſe moſtrâão,  
Fazendoa a varias gentes ſubjugada,  
Pola illuſtrar no fim de tantos annos,  
Co ſenhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegão,  
Vão ſe aas praias de Rodes arenofas,  
E dali aas ribeiras altas chegão,  
Que com morte de Magno ſam famoſas:  
Vão a Menfis, & aas terras que ſe regão,  
Das enchentes Niloticas vndofas,  
Sobem aa Ethiopia, ſobre Egipto,  
Que de Chriſto la guarda o ſancto rito.

Paſſam tambem as ondas Eritreas,  
Que o pouo de Ifrael ſem Nao paſſou,  
Ficão lhe a tras as ferras Nabateas,  
Que o filho de Iſmael co nome ornou:  
As coſtas odoriferas Sabeas,  
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,  
Cercão, com toda a Arabia deſcuberta  
Feliz, deixando a Petrea, & a Deſerta.

Entrão no estreito Perfico, onde dura  
Da confuſa Babel, inda a memoria,  
Ali co Tigre o Eufrates ſe meſtura,  
Que as fontes onde nãcem tem por gloria:  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que cauſa inda fera de larga hiſtoria

Do Indo, pellas ondas do Occeano,  
Onde nam se atreueo paffar Trajano.

Virão gentes incognitas, & eſtranhas  
Da India, da Carmania, & Gedrofia,  
Vendo varios costumes, varias manhas  
Que cada Região produce & cria:  
Mas de vias tão aſperas, tamanhas  
Tornarſe facilmente não podia,  
La morrerão em fim, & la ficârão.  
Que aa defejada patria não tornârão.

Pareſce que guardaua o claro Ceo  
A Monoel, & ſeus merecimentos,  
Eſta empreſa tão ardua, que o moueo  
A ſubidos & illuſtres mouimentos:  
(Manoel, que a Ioane ſocedeo  
No reino, & nos altiuos penſamentos)  
Logo como tomou do reino cargo  
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como de nobre penſamento  
Daquelle obrigação, que lhe ficâra  
De ſeus antepaſſados, (cujo intento,  
Foy ſempre acrecentar a terra chara)  
Não deixaffe de ſer hum ſo momento  
Conquiſtado: No tempo que a luz clara  
Foge, & as eſtrellas nitidas que ſaem  
A repouſo conuidão, quando caem.

Eſtando ja deitado no aureo leito  
Onde ymaginações mais certas ſam,  
Reuoluendo contino no conceito  
De ſeu officio, & ſangue a obrigação,  
Os olhos lhe occupou o ſonno acceito  
Sem lhe defoccupar o coração,  
Porque tanto que laſſo ſe adormece  
Morfeo em varias formas lhe aparece.

Aqui se lhe apresenta que subia  
Tão alto que tocava aa prima Esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antiquos longinquos & altos montes  
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte feluatico habitauão,  
Mil aruores fyluestres & eruas varias  
O passo & o trato aas gentes atalhauão:  
Estas duras montanhas aduerfarias  
De mais conuerfção, por si mostrauão  
Que desde Adão peccou aos nossos annos  
Não as romperão nunca pêas humanos.

Das agoas se lhe antolha que faião  
Por elle os largos passos inclinando,  
Dous homens, que muy velhos parecião  
De alpeito, inda que agreste, venerando:  
Das pontas dos cabellos lhe faião  
Gotas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrida  
A barba hirsuta, intonfa, mas comprida.

Dambos de dous a fronte coroada  
Ramos não conhecidos & eruas tinha,  
Hum delles a preferença traz canfada  
Como quem de mais longe ali caminha,  
E assi a agoa com impeto alterada  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracufa  
Vay buscar os abraços de Aretufa.

Este que era o mais graue na pessoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos reinos & coroa



Grande parte do mundo esta guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,  
Te auifamos que he tempo que ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta ferra  
Que vês, seu nascimento tem primeiro:  
Cultartemos com tudo dura guerra,  
Mas infiltrando tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receyo  
A quantas gentes vês poras o freyo:

Não diffe mais o rio Illustre & sancto,  
Mas ambos desaparecem num momento,  
Acorda Emanuel cum nouo espanto  
E grande alteração de pensamento:  
Estendeo nisto Febo o claro manto  
Pello escuro Emisperio somnolento:  
Veyo a menham no ceo pintando as côres  
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho  
E propõe lhe as figuras da vifam,  
As palauras lhe diz do sancto velho,  
Que a todos forão grande admiração:  
Determinão o nautico aparelho  
Pera que com sublime coração  
Vaa a gente que mandar cortando os mares  
A bulcar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
Se pofesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes coufas deste geito  
Prefago o coração me prometia:  
Não sey porque razão, porque respeito,  
Ou porque bom final que em mi se via,

Me poë o inclyto Rei nas mãos a chaue  
Defte cometimento grande, & graue.

E com rogo & palauras amorofas  
Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,  
Me diffe: As coufas arduas & lustrofas  
Se alcanção com trabalho & com fadiga:  
Faz as peffoas altas & famofas  
A vida que fe perde & que periga,  
Que quando ao medo infame não fe rende  
Então, fe menos dura, mais fe eftende.

Eu vos tenho entre todos efcolhido  
Para hũa empresa qual a vos fe deue,  
Trabalho illuftre, duro & efclarefcido,  
O que eu fey que por mi vos fera leue:  
Não fofri mais, mas logo: O Rey fubido,  
Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,  
He tão pouco por vos que mais me pena  
Ser eſta vida coufa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas  
Quaes Eurifteo a Alcides inuentaue,  
O lião Cleonêo, Arpias duras  
O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
Decer em fim aas ſombras vans & efcuras  
Onde os campos de Dite a Eſtíge laue,  
Porque a mayor perigo, a môr affronta  
Por vos, o Rey, o efprito & carne he prõpta.

Com merces ſumptuoſas me agradece  
E com razões me louua eſta vontade,  
Que a virtude louuada viue & crece,  
E o louuor altos caſos perſuade:  
A acompanharme logo fe offerece  
Obrigado damor & damizade,  
Não menos cobiçoſo de honra & fama,  
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais fe me ajunta Nicolao Coello  
De trabalhos muy grande soffredor,  
Ambos fam de valia & de confelho  
Dexperiencia em armas & furor:  
Ia de manceba gente me aparelho  
Em que crece o defejo do valer,  
Todos de grande esforço, & alsi parece  
Quem a tamanhas coufas fe offerece.

Forão de Emanoel remunerados,  
Porque com mais amor fe apercebellsem,  
E com palauras altas animados  
Pera quantos trabalhos foccedeffsem:  
Alsi forão o Mynias ajuntados  
Pera que o veo dourado combateffsem,  
Na Fatidiça nao, que oufou primeira  
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja no porto da inclita Vliffsea  
Cum aluoroço nobre, & cum defejo,  
(Onde o licor meftura & branca area  
Co falgado Neptuno o doce Tejo:)  
As naos preftes eftão, & não refrea  
Temor nenhum o iuuenil despejo,  
Porque a gente maritima & a de Marte  
Eftão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os foldados  
De varias cores vem, & varias artes,  
E não menos de esforço aparelhados  
Pera bulcar do mundo nouas partes:  
Nas fortes naos os ventos soffegados  
Ondeão os aerios estandartes,  
Ellas prometem vendo os mares largos  
De fer no Olimpo eftrellas como a de Argos.

Despois de aparelhados desta forte  
De quanto tal viagem pede & manda,  
Aparelhamos a alma pera a morte

Que fempore aos nautas ante os olhos anda:  
Pera o fumo poder que a Etherea corte  
Softenta fo coa vista veneranda,  
Imploramos fauor que nos guialfe  
E que noffos começos aspiraffe.

Partimonos alsi do fancto templo  
Que nas Praís do mar eftâ affentado,  
Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
Certifico te, o Rey, que fe contemplo  
Como fuy deftas prayas apartado,  
Cheyo dentro de duuida & receyo  
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

A gente da cidade aquelle dia  
(Hûs por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver fomite) concorria  
Saudofo na viſta & deſcontentes:  
E nos coa virtuofa companhia  
De mil religiofoſos diligentes,  
Em prociffam folene a Deos orando  
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidofo  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As mulheres cum choro piadofo,  
Os homêſ com ſuſpiros que arrancauão:  
Mãis, Eſpoſas, Irmãs, que o temerofo  
Amor mais deſconfia, acrecentauão  
A deſeſperação, & frio medo  
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
So pera refrigerio, & doce emparo  
Desta canſada ja velhice minha,  
Que em choro acabarâ, penofo & amaro:  
Porque me deixas, miſera & mezquinha?  
Porque de mi te vas, o filho charo

A fazer o funereo enterramento  
Onde fejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado espófo  
Sem quem não quis amor que viuer possfa,  
Porque is auenturar ao mar iroso  
Essa vida que he minha, & não he vossa?  
Como por hum caminho duuidoso  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que dizem  
De amor, & de piedosa humanidade,  
Os velhos & os mininos os seguem  
Em quem menos esforço põe a idade:  
Os montes de mais perto respondem  
Quasi moidos de alta piedade,  
A branca areia as lagrimas banhauão  
Que em multidão co ellas se ygoalauão.

Nos outros sem a vista aleuantarmos  
Nem a Mãe, nem a Espófa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do preposito firme começado:  
Determiney de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento costumado,  
Que posto que he de amor viança boa  
Aquem se aparta, on fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficava nas prayas, entre a gente,  
Postos em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada hum pouco aleuantando,  
Que nos no mar ouuimos claramente,  
Cum saber fo dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vaã cubiça  
Defta vaidade, a quem chamamos Fama,  
O fraudolento gofto, que fe atixa  
Cũa aura popular, que honra fe chama:  
Que castigo tamanho & que juftiça  
fazes no peito vão que muito te ama,  
Que mortes, que perigos, que tormentas  
Que crueldades nelles efprimentas.

Dura inquietação dalma & da vida  
Fonte de defemparos & adulterios,  
Sagaz confumidora conhecida  
De fazendas, de reinos, & de imperios:  
Chamante illuftre, chamante fubida,  
Sendo dina de infames vituperios,  
Chamante Fama, & Gloria foberana,  
Nomes com quem fe o pouo nefcio engana.

A que nouos defaftres determinas  
De leuar estes reynos & efta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo dalgum nome preminente?  
Que promeffas de reynos, & de minas  
Douro, que lhe faras tão facilmente?  
Que famas lhe prometeras, que hiftorias?  
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle infano  
Cujo peccado & defobediencia,  
Não fomenta do reino foberano  
Te pos nefte defterro & trifte auulencia:  
Mas inda doutro estado mais que humano  
Da quieta & da fimpres innocencia,  
Idade douro, tanto te priuou  
Que na de ferro & darmas te deitou.

Ia que nesta goftofa vaidade  
Tanto enleuas a leue fantasia,  
Ia que aa bruta crueza & feridade

Pofeste nome esforço & valentia,  
Ia que prezas em tanta quantidade  
O defprezo da vida, que deuia  
De fer fempore eftimada, pois que ja  
Temeo tanto perdella quem a dê.

Não tens junto com tigo o Ifmaelita  
Com quem fempore teras guerras fobejas?  
Não fegue elle do Arabio a ley maldita,  
Se tu polla de Chrifto fo pellejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras & riqueza mais defejas?  
Não he elle por armas esforçado  
Se queres por victorias fer louuado?

Deixas criar aas portas o inimigo  
Por yres buscar outro de tão longe,  
Por quem fe depouoe o reino antigo  
Se enfraqueça & fe vaa deitando a longe:  
Buscas o incerto & incognito perigo  
Porque a fama te exalte & te lifonge,  
Chamando te fenhor com larga copia  
Da India, Perfia, Arabia, & de Ethiopia.

O maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vella pôs en feco lenho,  
Dino da eterna pena do profundo  
Se he jufta a jufta ley que figo & tenho:  
Nunca juyzo algum alto & profundo,  
Nem cythara fonora, ou viuo engenho,  
Te dê por iffo fama, nem memoria,  
Mas comtigo fe acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas accendeo  
Em mortes, em defonras (grande engano)  
Quanto melhor nos fora Prometeo,  
E quanto pera o mundo menos dano,

Que a tua estatua Illuftre não tiuera  
Fogo de altos defejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pay, nem o âr vazio  
O grande Achitector co filho, dando  
Hum, nome ao mar, & o outro, fama ao rio:  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
Deixa intentado a humana geração:  
Mifera forte, eftranha Condição!  
F I M.

✎ Canto Quinto.

Eftas fentenças tais  
o velho honrado  
Vociferando eftaua, quando a-  
brimos  
As alas ao fereno & foffegado  
Vento, & do porto amado nos partimos:  
E como he ja no mar cultume vfado  
A vella desfraldando o ceo ferimos,  
Dizendo Boa viagem, logo o vento  
Nos troncos fez o vfado mouimento.

Entruaa neste tempo o eterno lume,  
No animal Nemeyo truculento,  
E o mundo que com tempo fe confume  
Na feifta idade andaua enfermo & lento:  
Nella ve, como tinha por coftume  
Curfos do Sol quatorze vezes cento,  
Com mais nouenta & fete, em que corria  
quando no mar a armada fe estendia.

Ia a vista pouco & pouco fe desterra  
Daquelles patrios montes que ficauão,  
Ficaua o charo Tejo, & a fresca ferra



De Sintra, & nella os olhos fe alongauão:  
Ficauanos tambem na amada terra  
O coração, que as magoas lâ diyxauão,  
E ja despois que toda fe escondeo  
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Afsi fomos abrindo aquelles mares  
Que geração algũa não abrio,  
As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,  
Que o generoso Enrique descobrio:  
De Mauritania os montes & lugares  
Terra que Anteo num tempo possuyou,  
Deyxando aa mão ezquerda, que aa direita  
Não ha certeza doutra, mas folpeita.

Paffamos a grande Ilha da madeira  
Que do muito aruoredo afsi se chama,  
Das que nos pouoamos, a primeira,  
Mais celebre por nome, que por fama:  
Mas nem por ser do mundo a derradeira  
Se lhe auentajão quantas Venus ama,  
Antes sendo esta sua se esquecera  
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.

Deixamos de Mafsilia a esteril costa  
Onde feu gado os Azenegues pastão,  
Gente que as frescas agoas nunca gofta  
Nem as eruas do campo bem lhe abaftão:  
A terra a nenhum fruto em fim despofta,  
Onde as aues no ventre o ferro gastão,  
Padecendo de tudo extrema inopia  
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Paffamos o lemite aonde chega  
O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
Onde jazem os pouos, a quem nega  
O filho de Climêne a cor do dia:  
Aqui gentes estranhas lava & rega  
Do negro Sanagã a corrente fria,

Onde o Cabo Arfinario o nome perde  
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo já as Canareas ilhas  
Que tiveram por nome Fortunadas,  
Entramos navegando pelas filhas  
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas  
Terras por onde novas maravilhas  
Andarão vendo já nossas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella ilha aportamos, que tomou  
O nome do guerreiro Sanctiago,  
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou  
A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
Daqui tanto que Boreas nos ventou  
Tornamos a cortar o immenso lago,  
Do falgado Oceano, & assim deixamos  
A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
De Africa, que ficava ao Oriente,  
A provincia lalofo, que reparte  
Por diversas nações a negra gente:  
A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
Logramos o metal rico & luzente,  
Que do curuo Gambea as agoas bebe  
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas  
Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,  
Que de vista total sendo priuadas  
Todas tres dhum só olho se feruião:  
Tu só, tu cujas tranças encrespadas  
Neptuno lá nas agoas acendião,  
Torna lá já de todas a mais fea  
De buoas encheite a ardente area.

Sempre em fim pera o Auftro a aguda proa  
No grandifsimo golfão nos metemos,  
Deixando a ferra asperrima Lyoa  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:  
O grande rio, onde batendo foa  
O mar nas prayas notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno eftâ de Congo  
Por nos ja conuertido â fee de Christo,  
Por onde o Zaire paffa claro & longo  
Rio pellos antigos nuca vifto:  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido pollo de Califto,  
Tendo o termino ardente ja paffado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia defcuberto tinhamos diante  
La no nouo Hemisperio noua estrela  
Não vifta deoutra gente, que ignorante  
Algũs tempos efteue incerta della:  
Vemos a parte menos rutilante  
E por falta destrellas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda fe não fabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe:

Afsi paffando aquellas regioës  
Por onde duas vezes paffa Apolo,  
Dous inuernos fazendo & dous veroës  
Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
Por calmas, por tormentas & opreffoës  
Quefempre faz no mar o yrado Eolo,  
Vimos as Vrfas a pefar de Iuno  
Banharemse nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigofas  
Coufas do mar, que os homens não entendem,  
Subitas trouoadas temerofas,

Relampados que o ar em fogo acendem:  
Negros chuueiros, noites tenebrolas,  
Bramidos de trouoês que o mundo fendem,  
Não menos he trabalho, que grande erro  
Ainda que tiuiffe a voz de ferro.

Os cafos vi que os rudos marinheiros  
Que tem por meltra a longa experiencia,  
Contão por certos sempre & verdadeiros  
Iulgando as coufas fo polla apparencia.  
E que os que tem juizos mais inteiros  
Que fo por puro engenho & por ciencia,  
Vem do mundo, os legredos efcondidos  
Iulgão por fallos, ou mal entendidos.

Vi claramente vifto o lume viuo  
Que a maritima gente tem por fanto,  
Em tempo de tormenta & vento efquiuo  
De tempeftade efcura & triste pranto:  
Não menos foy a todos eccelsiuo  
Milagre, & coufa certo de alto efpanto,  
Ver as nuuês do mar com largo cano  
Soruer as altas agoas do Occeano.

Eu o vi certamente (& não prefumo  
Que a vifta me enganaua) leuantar fe,  
No ar hum vaporzinho & futil fumo  
E do vento trazido, rodearfe:  
De aqui leuado hum cano ao Polo fumo  
Se via, tão delgado que enxergarfe  
Dos olhos facilmente não podia,  
Da materia das nuuês parecia.

Hiafe pouco & pouco acrecentando  
E mais que hum largo malto fe engroffaua,  
Aqui fe eftreita, aqui fe alargaquando  
Os golpes grandes de agoa em fi chupaua:  
Eftauafe co as ondas ondeando,  
Encima delle hũa nuuem fe efpeffaua,

Fazendofe mayor mais carregada  
Co cargo grande dagoa em fi tomada.

Qual roxa Sanguefuga fe veria  
Nos beijos da alimaria (que imprudente,  
Bebendo a recolheo na fonte fria)  
Fartar co sangue alheyo a fede ardente:  
Chupando mais & mais fe engroffa & cria  
Ali fe enche & fe alarga grandemente,  
Tal a grande coluna, enchendo aumenta  
A fi, & a nuuem negra que fultenta.

Mas despois que de todo fe fartou  
O pê que tem no mar a fi recolhe,  
E pello ceo chouendo em fim voou  
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:  
Aas ondas torna as ondas que tomou:  
Mas o labor do fal lhe tira, & tolhe,  
Veirão agora os fabios na escriptura  
Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão  
Tantas terras, por ver segredos dellas,  
As marauilhas que eu paffei, paffarão  
A tão diuerfos ventos dando as vellas:  
Que grandes escripturas que deixarão  
Que influição de finos & de estrellas,  
Que eſtranhezas, que grandes qualidades,  
E tudo ſem mentir, puras verdades.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apreſſada,  
Agora meyo roſto, agora inteiro  
Moſtrara, em quão o mar cortaua a armada:  
Quando da Eterea gauea hum marinheiro  
Prompto coa viſta, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuês se começa  
A descobrir os montes que enxergamos,  
As ancoras peladas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do Astrolabio  
Inuenção de futil juizo & fabio.

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver coufas estranhas desejava  
Da terra que outro pouco não pisou:  
Porem eu cos pilotos na areosa  
Praya, por vermos em que parte estou,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos ter de todo ja passado  
Do Semicapro pexe a grande meta,  
Estando entre elle & o circulo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta:  
Eis de meus companheiros rcdeado  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomarão per força, em quanto apanha  
De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle  
Que não se vira nunca em tal estremo,  
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
Seluagem mais que o bruto Polifemo:  
Começolhe a mostrar da rica pelle  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais fomenos  
Contas de Chriftalmo transparente,  
Alguns foantes cascaueis pequenos,

Hum barrete vermelho, cor contente:  
Vi logo por finais & por acenos  
Que com isto se alegra grandemente,  
Mando o soltar com tudo, & assim caminha  
Pera a pousoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros  
Todos nós, & da cor da escura treua,  
Decendo pelos ásperos outeiros  
As peças vem buscar que estoutro leua:  
Domésticos já tanto & companheiros  
Se nos mostram, que fazem que se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partir-se co elles pelo mato.

He Velloso no braço confiado  
E de arrogante cre que vá seguro,  
Mas, sendo hum grande espaço já passado,  
Em que algum bom final saber procuro:  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureyro, eis pelo monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha  
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy depressa  
Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
Hum Etiope ouzado se arremessa  
A elle porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem vesse em pressa  
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse,  
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto  
Se mostra hum bando negro descoberto.

Da espessa nuvem fêtas & pedradas  
Chouem sobre nos outros sem medida,  
E não forão ao vento em vão deitadas  
Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
Mas nos como pessoas magoadas  
A resposta lhe demos tão tecida,

Que em mais que nos barretes se fofpeita  
Que a cor vermelha leuão deſta feita.

E ſendo ja Velloſo em ſaluamento  
Logo nos recolhemos pera a armada,  
Vendo a malicia fea & rudo intento  
Da gente beſtial, bruta & maluada:  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Podemos ter da India deſejada,  
Que eſtarmos inda muyto longe della  
E aſi torney a dar ao vento a vella.

Diſſe então a Velloſo hum companheiro  
(Começando ſe todos a forrir)  
Oula Vedolo amigo, aquelle outeiro  
He melhor de decer que de ſubir:  
Si he, reſponde o ouſado aaventureiro  
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
Daquelles caães, de preſſa hum pouco vim  
Por me lembrar que eſtaueis ca ſem mim.

Contou então que tanto que paſſarão  
Aquelle monte, os negros de quem fallo,  
Auante mais paſſar o não deixarão,  
Querendo, ſe não torna, ali matallo:  
E tornando ſe, logo ſe emboſcarão  
Porque ſaindo nos pera tomallo,  
Nos podeſſem mandar ao reino eſcuro  
Por nos roubar em mais a ſeu ſeguro.

Porem ja cinco Soes erão paſſados  
Que dali nos partiramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Proſperamente os ventos aſſoprando:  
Quando hũa noite eſtando deſcuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Hũa nuem que os ares eſcurece  
Sobre noſſas cabeças aparece.



Tão temerosa vinha & carregada,  
Que pos nos corações hum grande medo,  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como se desse em vão nalgum rochedo:  
O potestade, disse, sublimada  
Que ameaço diuino, ou que segredo,  
Este clima, & este mar nos apresenta,  
Que môr coufa parece que tormenta?

Não acabaua, quando hũa figura  
Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
De disforme & grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida:  
Os olhos encouados, & a postura  
Medonha & maa, & a cor terrena & palida,  
Cheos de terra & crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarelllos.

Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificarte, que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que hum dos sete milagres foy do mundo:  
Cum tom de voz nos falla horrendo & grosso  
Que pareceo sair do mar profundo,  
Arrepião se as carnes & o cabelo  
A mi, & a todos, foy de ouuillo & vello.

E disse: O gente oufada mais que quantas  
No mundo cometerão grandes coufas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos vãos nunca repoufas:  
Pois os vedados terminos quebrantas  
E nauegar meus longos mares oufas,  
Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho  
Nunca arados de tranho, ou proprio lenho.

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos

De nobre, ou de immortal merecimento:  
Ouue os danos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu fobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar & polla terra  
Que inda has de fojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos & tormentas desmedidas:  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insuffridas,  
Eu farey dimprouiſo tal caſtigo  
Que feja môr o dano que o perigo.

Aqui eſpero tomar ſe não me engano  
De quem me deſcobrio ſuma vingança,  
E não ſe acabarâ ſo niſto o dano  
De voſſa pertinace confiança:  
Antes em voſſas naos vereys cada anno  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda forte,  
Que o menor mal de todos ſeja a morte.

E do primeiro Illuſtre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
Serey eterna & noua ſepoltura  
Por juizos incognitos de Deos:  
Aqui porà da Turca armada dura  
Os ſoberbos & proſperos tropheos,  
Comigo de ſeus danos o ameaça  
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virâ de honrada fama  
Liberal, caualeiro, enamorado,  
E configo trará a fermôſa dama  
Que Amor por gram merce lhe terá dado:  
Trifte ventura, & negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro & yrado,

Os deixarâ dhum crú naufragio viuos  
Pera verem trabalhos ecceſtiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
Em tanto amor gêrados & nacidos,  
Verão os Cafres ásperos & auaros  
Tirar aa linda dama ſeus veſtidos:  
Os cristalinos membros & perclaros  
Aa calma, ao frio, no ar verão deſpidos,  
Deſpois de ter piſada longamente  
Cos delicados pêſ a area ardente.

E verão mais oſolhos que eſcaparem  
De tanto mal, de tanta deſventura,  
Os dous amantes miſeros ficarem  
Na ſeruida & implacabil eſpeſſura:  
Ali deſpois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
Abraçados as almas foltaram  
Da fermola & miſerrima priſam.

Mais hia por diante o monſtro horrendo  
Dizendo noſſos fados, quando alçado  
Lhe diſſe eu: Quem es tu? que eſſe eſtupendo  
Corpo, certo me tem marauilhado  
A boca & os olhos negros retorcendo,  
E dando hum eſpantoſo & grande brado,  
Me reſpondeo, com voz peſada & amara  
Como quem da pergunta lhe peſara.

Eu ſou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Eltrabo,  
Plinio, & quantos paſſarão fuy notorio:  
Aqui toda a Africana coſta acabo  
Neſte meu nunca viſto Promontorio,  
Que pera o Polo Antariuo ſe eſtende  
A quem voſſa ouſadia tanto offende.

Fuy dos filhos asperros da terra  
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
Não que pofesse ferra fobre ferra  
Mas conquiftando as ondas do Oceano,  
Fuy capitão domar, par onde andava  
A armada de Neptuno, que eu bufcava.

Amores da alta efpoſa de Peleo  
Me fizeram tomar tamanha empreſa,  
Todas as Deoſas deſprezey do ceo  
So par amar das agoas a Princeſa:  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr nua na praya, & logo preſa,  
A vontade finti, de tal maneira  
Que inda não finto coufa que mais queira.

Como foſſe impoſſibil alcançalla  
Polla grandeza fea de meu geſto,  
Determiney por armas de tomalla  
E a Doris eſte caſo manifeſto:  
De medo a Deoſa então por mi lhe falla:  
Mas ella cum fermoſo riſo honeſto,  
Reſpondeo: Qual fera o amor baſtante  
De Nimpha que fuſtente o dhum Gigante.

Com tudo por liurarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu bufcarey maneira,  
Com que com minha honra eſcuſe o dano.  
Tal reſpoſta me torna a menſageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encherãome com grandes abundanças  
O peito de deſejos & eſperanças.

Ia neſcio, ja da guerra deſiſtindo  
Hũa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o geſto lindo

Da branca Thetis vnica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Destte corpo, & começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não fey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amaua,  
Abraçado me achey cum duro monte  
De alpero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte  
Queu pollo rosto angelico apartaua,  
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo  
E junto dhum penedo outro panedo

O Nimpha a mais fermosa do Oceano  
Ia que minha presença não te agrada,  
Que te custaua terme neste engano,  
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
Daqui me parto irado, & quasi infano  
Da magoa & da desonra ali passada,  
A bulcar outro mundo, onde não vísse  
Quem de meu pranto, & de meu mal se rísse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos  
Vencidos & em miseria extrema postos,  
E por mais segurar-se os Deoses vãos  
Algũ a varios montes sottopostos:  
E como contra o Ceo não valem mãos,  
Eu que chorando andaua meus desgostos,  
Comecey a sentir do fado imigo  
Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizerão,  
Estes membros que ves & esta figura  
Por estas longas agoas se estenderão:  
Em fim minha grandíssima estatura  
Neste remoto cabo conuerterão

Os Deoses, & por mais dobradas magoas  
Me anda Thetis cercando deſtas agoas.

Aſſi contaue & cum medonho choro  
Subito dante os olhos ſe apartou,  
Deſfez ſe a nuuem negra, & cum ſonoro  
Bramido, muito longe o mar ſoou:  
Eu, leuando as mãos ao ſancto coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deos pedi que remoueffe os duros  
Caſos, que Adamaſtor contou futuros.

Ia Phlegon, & Pyrois vinhão tirando  
Cos outros dous o carro radiante,  
Quando a terra alta ſe nos foy mostrando  
Em que foy conuertido o grão gigante:  
Ao longo deſta coſta, começando  
Ia de cortar as ondas do Leuante,  
Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
Onde ſegunda vez terra tomamos.

A gente que eſta terra poſſueya  
Poſto que todos Etiopes erão,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros, que tão mal nos receberão:  
Com bailos & com feſtas de alegria  
Pella praya arenôa a nos vierão,  
As mulheres conſigo & o manſo gado  
Que apacentauão, gordo & bem criado.

As mulheres queimadas vem encima  
Dos vagarôſos bois, ali ſentadas  
Animais que elles tem em mais eſtima  
Que todo o outro gado das manadas:  
Cantigas paſtoris, ou proſa, ou rima,  
Na ſua lingua cantão concertadas,  
Co doce ſom das ruſticas auenas  
Imitando de Titiro as Camenas.

Eltes como na vifta prazenteiros  
Foffem, humanamente nos tratarão,  
Trazendonos galinhas & carneiros  
A troco doutras peças que leuarão:  
Mas como nunca em fim meus companheiros  
Palaura fua algũa lhe alcançarão  
Que deffe algun final do que bufcamos:  
As vellas dando, as ancoras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum gram rodeyo  
Aa cofta negra de Africa, & tornaua  
A proa a demandar o ardente meyo  
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:  
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo  
Outra armada primeira, que bufcaua  
O tormentorio Cabo, & defcuberto,  
Naquelle ilheo fez feu limite certo.

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes & bonanças,  
No largo mar fazendo nouas vias  
So conduzidos de arduas efperanças:  
Co mar hum tempo andamos em porfias  
Que como tudo nelle fã mudanças,  
Corrente nelle achamos tão poffante  
Que paffar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demafia  
Segundo pera tras nos obrigaua,  
Do mar, que cantro nos ali corria  
Que por nos a do vento que affopraua:  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar (parece) tanto eftaua  
Os affopros esforça iradamente  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis das partes do Oriente,  
Forão bufcar hum Rey de pouco nado

No qual Rey outros tres ha juntamente:  
Neste dia outro porto foy tomado  
Por nos, da mesma ja contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos metemos.

Defta gente refresco algum tomamos,  
E do rio fresca agoa, mas com tudo  
Nenhum final aqui da India achamos  
No pouo com nos outros cafi mudo:  
Ora vê Rey quamanha terra andamos  
Sem fair nunca deste pouo rudo,  
Sem vermos nunca noua, nem final,  
Da defejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
Andariamos todos, quam perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados  
Por climas & por mares não sabidos:  
E do esperar comprido tão cansados  
Quanto a desesperar ja compellidos,  
Por ceos não naturais, de qualidade  
Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento  
Danoso & mão ao fraco corpo humano,  
E alem disso nenhum contentamento  
Que sequer da esperança fosse engano:  
Cres tu que se este nosso ajuntamento  
De soldados, não fora Lusitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a seu Rey & a seu regente?

Cres tu que ja não forão leuantados  
Contra seu capitão se os refiltira,  
Fazendo se Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo estão prouados  
Pois que nenhum trabalho grande os tira



Daquella Portugueſa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio  
E tornando a cortar a agoa ſalgada,  
Fizemos deſta costa algum deſuio  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manſo & frio  
Nã nos apanhaſſe a agoa da enſeada,  
Que a coſta faz ali daquella banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Eſta paſſada, logo o leue leme  
Encomendado ao ſacro Nicolao,  
Pera onde o mar na coſta brada & geme  
A proa inclina dhũa & doutra nao.  
Quando indo o coração que eſpera & teme  
E que tanto fiou dhum fraco pao,  
Do que eſparaua ja deſeſperado  
Foy dhũa nouidade aluoroçado.

E foy, que eſtando ja da costa perto  
Onde as prayas & valles bem ſe vião,  
Num rio, que ali ſae ao mar aberto  
Bateis aa vela entrauão & ſayão:  
Alegria muy grande foy porcerto  
Acharmos ja peſſoas que ſabião  
Neuegar, porque entrellas eſperamos  
De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes ſam todos, mas parece  
Que com gente melhor comunicauão,  
Palaura algũa Arabia ſe conhece  
Entre a lingoagem ſua que falauão.  
E com pano delgado que ſe tece  
De algodão, as cabeças apertauãa,  
Com otro que de tinta azul ſe tinge  
Cadahum as vergonhofas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,  
E que Fernão martinz muy bem entende  
Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoalão  
As noffas, o feu mar fe corta & fende.  
Mas que la donde fae o Sol, fe abalão  
Pera onde a cofta ao Sul fe alarga, & eftende  
E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
Gente afsi como nos da cor do dia.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Coa gente, & com as nouas muito mais.  
Pellos finais que nefte rio achamos  
O nome lhe ficou dos bons finais:  
Hum padrão nefte terra aleuantamos  
Que pera afinalar lugares tais  
Trazia alguns, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, calcas & doftrinhos,  
Nojofa criação das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminos  
Longos do mar, vem fórdidas & immundas:  
Dos ofpedes que tinhamos vizinhos  
Com moftas apraziueis & jocundas,  
Ouuemos fempre o vfado mantimento  
Limpas de todo o falfo penfamento.

Mas não foy, da efperança grande & immenfa  
Que nefte terra ouuemos, limpa & pura  
A alegria: mas logo a recompensa  
A Ramnufia com noua defuentura:  
Afsi no ceo fereno fe difpenfa,  
Coesta condição pefada & dura  
Nacemos, o pefar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy que de doença crua & feya  
A mais que eu nunca vi, defemparrão  
Muitos a vida, & em terra eftranha & alheia

Os ossos pera sempre sepultarão:  
Quem aueirã que sem o ver o creya  
Que tão disformemente ali lhe incharão,  
As gengivas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionava,  
Não tínhamos ali medico astuto,  
Surgião futil menos se achava:  
Mas qualquer neste officio pouco instructo  
Pella carne ja podre assi cortava,  
Como se fora morta, & bem conuinha  
Pois que morto ficava quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura  
Deixamos pera sempre os companheiros,  
Que em tal caminho & em tanta defventura  
Forão sempre com nosco aventureiros:  
Quam facil he ao corpo a sepultura  
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,  
Estranhos, assimelmo como aos nossos,  
Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi que deste porto nos partimos  
Com mayor esperança & mór tristeza,  
E pella costa abaixo o mar abrimos  
Buscando algum final de mais firmeza:  
Na dura Moçambique em fim surgimos,  
De cuja faldade & má vileza  
Ia feras labedor, & dos enganos  
Dos poucos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,  
Cuja brandura & doce tratamento,  
Darã laude a hum viuo, & vida a hũ morto,  
Nos trouxe a piedade do alto assento:  
Aqui repousou, aqui doce conforto,  
Noua aquietação do pensamento

Nos deste, & vês aqui se atente ouviſte,  
Te contey tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey se ouue no mundo  
Gentes que tais caminhos cometeffem?  
Crês tu que tanto Eneas & o facundo  
Vliffes, pello mundo se eftendeffem?  
Oufou algum a ver do mar profundo  
Por mais verſos que delle se eſcreueſſem,  
Do que eu vi, a poder deſforço & de arte,  
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?

Eſſe que bebeo tanto da agoa Aonia  
Sobre quem tem contenda peregrina,  
Entre ſi, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:  
E ſoutro que eſclarece toda Aufonia,  
A cuja voz altifona & diuina  
Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,  
Mas o Tibre co ſom se enſoberuece.

Cantem, louuem, & eſereuão ſempre eſtremos  
Deſſes ſeus Semideos, & encareção,  
Fingindo Magas Circes, Polifemos,  
Syrenas que co canto os adormeção:  
Dem lhe mais nauegar â vella & remos  
Os Cicones, & a terra onde se eſquecem  
Os companheiros em goſtando o Loto,  
Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos ſoltos lhe finjão & imaginem  
Dos odres, & Calipſos namoradas,  
Harpias, que o manjar lhe contaminem  
Decer aas ſombras nuas ja paſſadas:  
Que por muito & por muito que ſe afinem  
Nestas Fabulas vaãs tambem ſonhadas,  
A verdade que eu conto nua & pura  
Vence toda grandiloca eſcriptura.

Da boca do facundo capitão  
Pendendo estauão todos embibidos,  
Quando deu fim aa longa narração  
Dos altos feitos grandes & subidos:  
Louua o Rey o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira  
O cafo cada qual que mais notou,  
Nenhum delles da gente os olhos tira  
Que tão longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descanfar nos Thetios braços  
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria  
Dos proprios feitos, quando sam loados,  
Qualquer nobre trabalha que em memoria  
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:  
As enuejas da illustre & alhea historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
Quem valerosas obras exercita  
Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Achilles, Alexandro na pelleja,  
Quanto de quem o canta, os numerosos  
Versos, isso se louua, isso deseja:  
Os tropheos de Melciades famosos  
Temistocles despertão se de enueja,  
E diz, que nada tanto o deleitava  
Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha par mostrar Vasco da Gama  
Que essas nauegações que o mundo canta,  
Não merecem tamanha gloria & fama:

Como a lua, que o ceo & a terra espanta:  
Si mas aquelle Heroe que estima & ama  
Com doês, merces, fauores, & honra tanta  
A lira Mantuana faz que loe  
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dâ a terra Lufitana Scipioês  
Cefares, Alexandros, & da Auguftos,  
Mas não lhe dê com tudo aquelles doês  
Cuja falta os faz duros & robustos  
Octauio, entre as mayores opressões  
Compunha versos doutos & venustos,  
Não dirá Fuluia certo que he mentira  
Quando a deixaua Antonio por Glafira.

Vay Cefar fojugando toda França  
E as armas não lhe empedem a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança  
Igoalua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe & alcança  
He nas comedias grande experiencia,  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
Que não fosse tambem douto & sciente,  
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Se não da Portugueza tão fomite:  
Sem vergonha o não digo, que a rezão  
Dalgum não ser por versos excelente,  
He não se ver prezado o verso & rima,  
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura  
Não ha tambem Virgilio nem Homeros,  
Nem auerá se este costume dura  
Pios Eneas, nem Achilles feros:  
Mas o pior de tudo he que a ventura  
Tão asperos os fez, & tão Austeros,

Tão rudos, & de ingenho tão remiſſo  
Que a muitos lhe dê pouco, ou nada diſſo.

Aas Mufas agradeça o noſſo Gama  
O muito amor da patria, que as obriga  
A dar aos feus na lira nome & fama  
De toda a illuſtre & bellica fadiga:  
Que elle, nem quem na eſtirpa ſeu ſe chama,  
Caliope não tem por tão amiga,  
Nem as filhas do Tejo, que deixalſem  
As tellas douro fino, & que o cantalſem.

Porque o amor fraterno & puro gosto  
De dar a todo o Luſitano feito  
Seu louuor, he fomite o propoſto  
Das Tagides gentis, & ſeu reſpeito:  
Porem não deixe em fim de ter deſpoſto  
Ninguem a grandes obras ſempre o peito,  
Que por eſta, ou por outra qualquer via  
Não perdera ſeu preço & ſua valia.

**F I M.**

☛ Canto Seifto.

Nam ſabia em que  
modo festejaſſe  
O Rey Pagão os fortes nauegan  
tes,  
Pera que as amizades alcançaſſe  
Do Rey Chriſtão, das gentes tão poſſantes:  
Peſalhe que tão longe o apouſentaſſe  
Das Europeas terras abundantes,  
A ventura, que namno fez vizinho  
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias  
A ſegundo a policia Melindana,

Com vřadas & ledas peřcarias  
Com que a Lageia Antonio alegre & engana:  
Eřte famořo Rey todos os dias  
Felteja a companhia Lufitana,  
Com banquetes, manjares defufados  
Com frutas, aues, carnes, & peřcados.

Mas vendo o Capitão que ũe detinha  
Ia mais do que deuia, & o freřco vento  
O conuida que parta & tome afinha,  
Os Pilotos da terra & mantimento,  
Nãe ũe quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do falřo argento,  
Ia do Pagão benigno ũe deřpede  
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto ũeja  
Sempre com fuas Frotas viřitado,  
Que nenhum outro bem mayor deřeja  
Que dar a tais baroēs ũe reino & estado:  
E que em quanto ũe corpo o řprito reja  
Eřtarã de contino aparelhado,  
A pôr a vida & reino totalmente  
Por tãe bom Rey, por tãe ũublime gente.

Outras palauras tais lue reřpndia  
O Capitão, & logo as vellas dando,  
Pera as terras da Aurora ũe partia,  
Que tanto tempo ha ja que vay buřcando:  
No Piloto que leua nãe auia  
Falfidade, mas antes vay mořtrando  
A nauegação certa, & ařsi caminha  
Ia mais ũeguro do que dantes vinha.

As ondas nauegauão do Oriente  
Ia nos mares da India, & enxergauão  
Os talamos do Sol, que nace ardente,  
Ia quafi ũeus deřeitos ũe acabauão:  
Mas o mao de Tioneo, que na alma ũente



As venturas, que então se aparelhauão  
Aa gente Lusitana dellas dina,  
Arde, morre, blasfema & defatina.

Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode estoruar, que destinado  
Está doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma,  
Entra no humido reino, & vai-se aa corte  
Daquelle, a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibundas,  
Quando as iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros Deuses do mar, onde  
As agoas campã deixão as cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto  
As areas ali de prata fina,  
Torres altas se vem no campo aberto  
Da transparente massa cristalina,  
Quanto se chegam mais os olhos perto,  
Tanto menos a vista determina  
Se he cristal o que vê, se diamante,  
Que assi se mostra claro & radiante.

As portas dourado fino, & marchetadas  
Do rico aljofar que nas conchas nasce,  
De escultura fermosa estão lauradas,  
Na qual do irado Baco a vista paze:  
E vê primeiro em cores variadas  
Do velho Chaos a tão confusa face,  
Vem-se os quatro elementos trasladados  
Em diuerfos officios occupados.

Ali fublime o Fogo eftaua encima,  
Que em nenhũa materia fe fustinha,  
Daqui as coufas viuas fempore anima,  
Deſpois que Prometeo furtado o tinha:  
Logo a pos elle leue fe fublima  
O inuifibil Ar, que mais afinha  
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
Algum deixa no mundo eftar vazio

Eftaua a terra em montes reueſtida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando paſto diuerſo & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma ali eftaua eſculpida  
Das agoas entre a terra deſparzidas,  
De peſcados criando varios modos,  
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida eftaua a guerra  
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,  
Esta Tifeo debaixo da alta ferra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes:  
Eſculpido ſe vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes.  
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica Ouliueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Ne viſta deſtas couſas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auifado  
Da vinda ſua, o eftaua ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nimphas, que ſe eſtão marauilhando,  
De ver que cometendo tal caminho,  
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.

O Neptuno, lhe diſſe, não te eſpantes.  
De Baco nos teus reinos receberes,  
Porque tambem cos grandes & poſſantes

Mostra a Fortuna injusta seus poderes:  
Manda chamar os Deoses do mar, antes  
Que fale mais, se ouvirme o mais quizeres,  
Verão da desventura grandes modos,  
Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando já Neptuno que seria  
Estranho caso aquelle, logo manda  
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,  
Que o mar habitão dhũa & doutro banda,  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rey, & de Salacia veneranda,  
Era mancebo grande, negro & feyo  
Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem  
Da cabeça nos ombros, todos erão,  
Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem  
Que nunca brando pentem conhecerão:  
Nas pontas pendurados não falecem  
Os negros Mifilhoês, que ali se gerão,  
Na cabeça por gorra tinha posta  
Hũa muy grande calca de Lagosta.

O corpa nú, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camaroês, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento,  
Ostras, & Camaroês do musco çujos,  
As coftas coa calca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força já tocava,  
A voz grande canora foy ouvida  
Por todo o mar, que longe retumbava:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos Deoses, para os paços caminhava

Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
Destroidos despois da Grega infania.

Venha o padre Oceano acompanhado  
Dos fillos & das filhas que gerara,  
Vem Nereo, que com Doris foy caído,  
Que todo o mar de Nimphas pouoara:  
O Profeta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem, mas ja sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
Graue & leda no gesto, & tão fermosa  
Que se amansava o mar de marauilha:  
Vestida hũa camisa preciosa  
Trazia de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino dera ver,se,  
Que tanto bem não he para esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,  
Neste caso não quis que falecesse,  
O Delfim traz consigo, que aos amores  
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
Cos olhos que de tudo sam senhores  
Qualquer parecera que o Sol vencesse,  
Ambas vem pella mão, ygoal partido  
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
Fugindo, veyo a ter diuino estado,  
Consigno traz o filho, bello Infante,  
No numero dos Deoses relatado.  
Pella praya brincando vem diante  
Com as lindas conchinhas, que o falgado  
Mar sempre cria, & aas vezes pella area  
No colo o toma a bella Panopea.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,  
E por virtude da erua poderofa  
Foy conuertido em pexe, & defte dano  
Lhe refultou deidade gloriofa,  
Inda vinha chorando o feio engano,  
Que Circes tinha vfado coa fermofa  
Scylla, que elle ama, desta fendo amado  
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ia finalmente todos affentados  
Na grande fala nobre & diuinal,  
As Deofas em riquifsimos estrados,  
Os Deofes em cadeiras de cristal:  
Forão todos do Padre agafalhados,  
Que co Thebano tinha affento ygoal:  
De fumos enche a cafa a rica maffa  
Que no mar nace, & Arabia em cheiro paffa.

Eftando foffegado ja o tumulto  
Dos Deofes, & de feus recebimentos,  
Começa a defcubrir do peito occulto,  
A caufa o Tyoneo de feus tormentos:  
Hum pouco carregando fe no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Lufo triste morte  
Co ferro alheyo, fala delta forte.

Princepe que de juro fenhoreas  
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,  
Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
Que não paffem o termo limitado:  
E tu padre Oceano, que rodeas  
O mundo vniuerfal, & o tens cercado:  
E com jufto decreto afsi parmites,  
Que dentro viuão fo de feus limites.

E vos Deofes do mar, que não foffreis  
Injuria algũa em voffo reino grande,  
Que com castigo ygoal vos não vingueis,  
De quemquer que por elle corra, & ande:  
Que defcuido foy este em que viueis?  
Quem pode fer que tanto vos abrande,  
Os peitos, con razão endurecidos  
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandifsima oufadia  
Forão ja cometer o Ceo fupremo,

Vistes aquella infana fantasia  
De tentarem o mar com vella & remo:  
Vistes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & infolencias tais, que temo  
Que do mar & do Ceo em poucos anos,  
Venhão Deofes a fer, & nos humanos.

Vedes agora a fraca geração  
Que dhum vaffallo meu o nome toma,  
Com soberbo, & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o voffo mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o voffo reino deuaffando  
Os voffos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No voffo reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquilo, & os outros todos refiltirão:  
Pois se do ajuntamento aaventureiro  
Os ventos esta injuria afsi sentirão,  
Vos a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais, porque a pondes em tardança?

E não confinto Deofes que cuideis  
Que por amor de vos do ceo deci,  
Nem da magoa da injuria que sofreis,  
Mas da que feme faz tombem a mi:  
Que aquellas grandes honras, quefabeis  
Que no mundo ganhey, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

Que o gran Senhor & fados que destinão,  
Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
Famas mores que nunca determinão  
De dar a estes baroões no mar profundo:  
Aqui vereis o Deofes como infinão

O mal tambem a Deofes. que a segundo  
Se ve, ninguem ja tem menos valia  
Que quem com mais razão valer deua.

E por isso do Olimpo ja fugi,  
Buscando algum remedio a meus peiores,  
Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
Se por dita acharey nos vossos mares:  
Mais quis dizer, & não passou daqui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado  
O coração dos Deofes foy num ponto,  
Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum descontento:  
Ao grande Eolo mandão ja recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes,  
Que não aja no mar mais naufragantes.

Bem quizer primeiro ali Protheo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo,  
Era alguma profunda prophesia:  
Porem tanto o tumulto se moveo  
Subito na diuina companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradou,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palauras animaua,  
Contra os varões audaces & animosos:  
Subito o ceo fereno se obumbrava,  
Que os ventos mais que nunca impetuosos  
Começão nouas forças a yr tomando,  
Torres, montes & cascas derribando.



Em quanto este confelho se fazia  
No fundo aquoso, a leda lassa Frota  
Com vento soffegado proseguia  
Pello tranquilo mar, a longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia.  
Do Eoo Emisperio estâ remota,  
Os do quarto da prima se deitauão  
Pera o segundo os outros despertauão.

Vencidos vem do sono, & mal despertos  
Bocijando a miudo se encoftauão,  
Pellas antenas, todos mal cubertos,  
Contra os agudos ares que affoprauão:  
Os olhos contra seu querer abertos  
Mas estregando os membros estirauão,  
Remedios contra o sono buscar querem,  
Hiftorias contão, calos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
Este tempo passar, que he tão pesado,  
Se não com algum conto de alegria  
Com que nos deixe o sono carregado?  
Responde Lionardo, que trazia  
Penfamentos de firme namorado,  
Que contos paderemos ter milhores  
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Velofo, coufa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
Não soffre amores, nem delicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A nossa historia seja, pois dureza  
Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
Que o trabalho por vir mo esta dizendo.

Consentem nisto todos, & encomendão  
A Velofo que conte isto que aproua,  
Contarei disse, sem que me reprendão

De contar coufa fabulofa, ou noua:  
E porque os que me ouuirem daqui aprendão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nacidos direy na noffa terra,  
E efte feirão os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,  
Despois que foffegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o moleftaua:  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal fempore abunda, femeaua  
A fera Erinis dura & mâ cizania  
Que luftre foffea noffa Lufitania.

Entre as damas gentis da corte Inglefta,  
E nobres cortefãos, a calo hum dia  
Se leuantou difcordia em ira acefa,  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Cortefãos a quem tam pouco pela  
Soltar palauras graues de oufadia  
Dizem que prouarão, que honras & famas  
Em tais damas não ha, pera fer damas.

E que fe ouuer alguem com lança & efpada  
Que queira fustentar a parte fua,  
Que elles em campo rafo, ou estacada,  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
A femenil fraqueza pouco vfada  
Ou nunca a oprobrios tais, vendo fe nua  
De forças naturais conuenientes,  
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como foffem grandes & pollantes  
No reino os inimigos, não fe atreuem  
Nem parentes, nem feruidos amantes  
A fustentar as damas, como deuem:  
Com lagrimas fermofas & bastantes  
A fazer que em focorro os Deofos leuem

De todo o Ceo, por roftos de alabaftro  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era efte Ingres potente, & militara  
Cos Portuguefes ja contra Castella,  
Onde as forças magnanimas prouara  
Dos companheiros, & benigna eftrella?  
Não menos nella terra efprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rey, que por mulher a toma.

Efte que focorrer lhe não queria,  
Por não caufar difcordias inteftinas  
Lhe diz, quando o direito pretendia  
Do reino la das terras Iberinas,  
Nos Lufitanos vi tanta oufadia,  
Tanto primor, & partes tão diuinas,  
Que elles fos poderião, fe não erro  
Sultentar voffa parte a fogo & ferro.

E fe agrauadas damas fois feruidas,  
Por vos lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas difcretas & polidas,  
De voffo agrauo os fação fabedores:  
Tambem por voffa parte encarecidas  
Com palauras dafagos & damores,  
Lhe fejão voffas lagrimas, que eu creyo  
Que ali terees focorro & forte efteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes,  
E porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que fobrelles lancem fortes,  
Que ellas fo doze fam: & defcuberto  
Qual a qual tem caida das confortes,  
Cadhũa efcreue ao feu por varios modos,  
E todas a feu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o menfageiro,  
Toda a corte aluoroça a nouidade,  
Quifera o Rey fublime fer primeiro,  
Mas não lho foffre a Regia Mageftade:  
Qualquer dos cortefãos aentureiro  
Deseja fer, com feruida vontade,  
E fo fica por bemaenturado,  
Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue  
Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem fe os doze em tempo breue  
Darmas, & roupas de vfo mais moderno,  
De elmos, cimera, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do feu Rey tomado tem licença  
Pera partir do Douro celebrado,  
Aqueles, que efcolhidos por fentença  
Forão do Duque Ingles efprimentado:  
Não ha na companhia differença  
De caualeiro, destro, ou esforçado:  
Mas hum fo, que Magriço fe dizia  
Destarte fala aa forte companhia,

Fortifsimos confocios, eu defejo  
A muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,  
Varias gentes, & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as coufas fãmanhas)  
Quero fe me deixais, ir fò por terra,  
Porque eu ferey conuofco em Inglaterra.

E quando cafo for, que eu impedido  
Por quem das coufas he vltima linha,  
Não for com vofco ao prazo instituido,

Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que he diuido:  
Mas se a verdade o espirito me adiuinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,  
Não farão que eu com vosco lá não seja.

Assi diz & abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim se parte,  
Passa Lião, Castella vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
Neuarra, cos altíssimos perigos  
Do Perineo, que Espanha & Galia parte:  
Vistas em fim de França as coufas grandes,  
No grande imperio foy parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse cafo, ou manha,  
Sem passar se deteu muitos dias,  
Mas dos onze a illustíssima companhia  
Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
Chegados de Inglaterra aa costa estranha,  
Pera Londres já fazem todos vias,  
Do Duque sam com festa agafalhados,  
E das damas feruidos, & amimados.

Chegasse o prazo, & dia afinalado,  
De entrar em campo já cos doze Ingleses,  
Que pello Rey já tinham segurado,  
Armanse delmos, greuas, & de arneses:  
Lá as damas tem por si fulgente & armado  
O Mauorte feroz dos Portugueses,  
Vestem se ellas de cores & de sedas  
De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em forte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja seu caualeiro, nesta empresa:  
Bem que os onze apregoão, que acabado  
Sera o negocio assi na corte Inglesa,

Que as damas vencedoras se conheção  
Pofo que dous & tres dos seus falleção.

Ia num fublime & pubrico theatro  
Se affenta o Rey Ingles com toda a corte,  
Eftauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cada qual coubera em forte:  
Não fam vistos do Sol do Tejo ao Batro,  
De força, esforço, & danimo mais forte,  
Outros doze fayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portuguefes.

Maftigão os caualos escumando  
Os aureos freos, com feroz fembrante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em criftal, ou rigido diamante:  
Mas enxergafe num & noutro bando  
Partido defigoal & diffonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa a aluoroçar se geralmente.

Verão todos o rosto aonde auia  
A caufa principal do rebuliço,  
Eis entra hum caualeiro, que trazia  
Armas, caualo, ao bellico feruiço.  
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia  
Pera os onze, que efte era o gram Magriço,  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não fata certo nos perigos.

A dama como ouuio, que este era aquelle,  
Que vinha a defender feo nome, & fama,  
Se alegre, & vefte ali do animal de Hele,  
Que a gente bruta mais que vertude ama:  
Ia dão final, & o fom da tuba impelle  
Os belicofos animos, que inflama,  
Picão defporas, largão redeas logo  
Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece  
Que faz, que o chão debaixo todo treme,  
O coração no peito, que estremece  
De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
Qual do caualo voa, que não dece,  
Qual co caualo em terra dando, geme,  
Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo fono,  
E fez da vida ao fim breue interualo,  
Correndo algum cauallo vay sem dono,  
E noutra parte o dono sem caualo:  
Cae a soberba Inglesa de seu trono,  
Que dous ou tres ja fora vão do valo,  
Os que de espada vem fazer batalha,  
Mais achão ja que arnes, escudo, & malha.

Gastar palauras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
He deffes gaftadores, que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
Desejoso de ver as coufas grandes,  
La se deixou ficar, onde hum seruiço

Notauel aa condeffa fez de Frandes:  
E como quem não era ja nouiço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
Hum Frances mata em campo, que o deſtino  
La teue de Torcato & de Coruino.

Outro tambem dos doze em Alemanha  
Se lança, & teue hum fero deſafio  
Cum Germano enganoso, que com manha  
Não diuida o quis pòr no eſtremo fio:  
Contando aſſi Veloſo, ja a companha  
Lhe pede, que não faça tal deſuio  
Do caſo de Magriço, & vencimento  
Nem deixe o de Alemanha em eſquecimento.

Mas neste paſſo aſſi promptos eſtando,  
Eis o meſtre, que olhando os ares anda,  
O apito toca, acordão deſpertando  
Os marinheiros dhũa & doutra banda:  
E porque o vento vinha refreſcando,  
Os traquetes das gaueas tomar manda,  
Alerta, diſſe, eſtay, que o vento crece  
Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,  
Quando dà a grande & ſubita procella,  
Amaina, diſſe o meſtre a grandes brados  
Amaina, diſſe, amaina a grande vella,  
Não eſperão os ventos indinados  
Que amainafſem, mas juntos dando nella,  
Em pedaços a fazem, cum ruido  
Que o mundo pareceo ſer deſtruydo.

O ceo fere com gritos niſto a gente,  
Cum ſubito temor, & deſacordo,  
Que no romper da vela a Nao pendente  
Toma gram fuma dagoa pello bordo,  
Alija, diſſe o meſtre, rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acordo,



Vão outros dar a bomba não cessando,  
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os foldados animofos  
A dar aa bomba, & tanto que chegarão,  
Os balanços, que os mares temerofos  
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:  
Tres marinheiros duros, & forçofos,  
A menear o leme não baftarão,  
Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte  
Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão  
Mostrar mais força dimpeto cruel,  
Se pera derribar então vierão  
A fortífsima torre de Babel:  
Nos altífsimos mares, que crecerão,  
A pequena grandura dhum batel,  
Mostra a possante nao, que moue espanto  
Vendo que se loftem nas ondas tanto.

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,  
Quebrada leua o maíto pello meyo,  
Quafi toda alagada: a gente chama  
Aquelle que a saluar o mundo veyo:  
Não menos gritos vãos ao ar derrama  
Toda a Nao de Coelho, com receyo,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora fobre as nuuens os fubião  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Agora a ver parece que decião  
As intimas entranhas do profundo.  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo,  
A noite negra & feya se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto  
Junto da costa braua leuantarão,  
Lembrando se de seu passado pranto,  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entre tanto  
La nas couas maritimas entrarão,  
Fugindo aa tempestade, & ventos duros  
Que nem no fundo os deixa estar seguros

Nunca tam viuos rayos fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes,  
O gram ferreiro fordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o gram Tonante arremessou  
Relampados ao mundo fulminantes,  
No gram diluio, donde los viuerão  
Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão  
As ondas que batião denodadas,  
Quantas arvores velhas arrancarão  
Do vento brauo as furias indinadas:  
As forçosas raizes não cuidarão  
Que nunca pera o ceo fossem viradas,  
Nem as fundas arêas que possam  
Tanto os mares que encima as reuoluefsem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
Ora com noua furia ao ceo subia,  
Confuso de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio sancto & forte  
Que o impossibil pode, desta forte.

Diuina guarda, angelica, celeste,  
Que os ceos, o mar & terra senhoreis,  
Tu que a todo israel refugio des

Por metade das agoas Eritreas:  
Tu que liuraste Paulo & defendeste  
Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
E guardaste cos fillos o segundo  
Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho novos medos perigosos  
Doutra Scylla & Caribdis já passados,  
Outras Syrtes, & baixos arenosos,  
Outros Acroceraunios infamados,  
No fim de tantos calos trabalhosos,  
Por que fomos de ti desamparados,  
Se este nosso trabalho não te offende,  
Mas antes teu serviço lo pretende?

O ditosos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes fostiuerão  
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illustres se foberão,  
De quem ficão memorias soberanas,  
De quem se ganha a vida com perdella,  
Doce fazendo a morte as honras della.

Assi dizendo os ventos que lutauão,  
Como touros indomitos bramando,  
Mais & mais a tormenta acrescentauão,  
Pella miuda enxarcia affuuiando.  
Relampados medonhos não cessauão,  
Feros trouoês que vem representando  
Cair o ceo dos exos sobre a terra,  
Cenfigo os elementos terem guerra.

Mas já a amorosa strela scintilava  
Diante do Sol claro, no Horizonte  
Menfageira do dia, & visitava  
A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
A deusa que nos ceos a governava,  
De quem foge o enifero Oriente,

Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco fã por certo,  
Diffe, mas não ferã, que auante leue  
Tão danada tenção, que defcuberto  
Me fera fempore o mal a que fe atreue,  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gãtando efpãço breue,  
Em quanto manda as nimphas amorofas  
Grinaldas nas cabeças por de rofas.

Grinaldas manda por de varias cores  
Sobre cabellos louros a porfia,  
Quem não dirã, que nãcem roxas flores  
Sobre ouro natural, que amor infia:  
Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojofa companhia,  
Mostrandolhe as amadas Nimphas bellas,  
Que mais fermofas vinhão que as eftrellas.

Afsi foy, porque tanto que chegarão  
A vifta dellas, logo lhe falecem  
As forças com que dantes pellejarão,  
E ja como rendidos lhe obedecem.  
Os pê & mãos, parece, que lhe atarão  
Os cabellos que os rayos efcurecem,  
A Boreas, que do peito mais queria,  
Afsi diffe a belliffima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
Que me tiuefte nunca amor constante,  
Que brandura he de amor mais certo arreyo,  
E não conuem furor a firme amante:  
Se ja não pões a tanta infãnia freyo,  
Não efperes de mi daqui em diante,  
Que poffa mais amarte, mas temerte,  
Que amor contigo, em medo fe conuerte.

Afsi mefmo a fermofa Galatea  
Dizia ao fero Noto, que bem fabe  
Que dias ha que em vella fe recrea,  
E bem crê que com elle tudo acabe,  
Não fabe o brauo tanto bem fe o crea,  
Que o coração no peito lhe não cabe,  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz fe logo abranda.

Defta maneira as outras amanfauão  
Subitamente os outros amadores,  
E logo aa linda Venus fe entregauão,  
Amanfadas as iras & os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauão.  
Sempiterno fauor em feus amores,  
Nas bellas mãos tomandelhe omenagem  
De lhe ferem leais eſta viagem.

Ia a menham clara daua nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando foa,  
Quando da celfa gauea os marinheiros  
Enxergarão terra alta pella proa,  
Ia fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa,  
Diffe alegre o Piloto Melindano,  
Teria he de Calccu, fe não me engano.

Eſta he por certo a terra que buſcais  
Da verdadeira India, que aparece  
E fe do mundo mais não defejais,  
Voſſo trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledο em ver que a terra fe conhece,  
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, & razão tinha  
Que não fomite a terra lhe moſtraua,  
Que com tanto temor buſcando vinha

Por quem tanto trabalho esprimentava,  
Mas via se liurado tão afinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhava  
O vento duro, feruido, & medonho,  
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos parigos  
Destes trabalhos graues & temores,  
Alcanção os que lam de fama amigos  
As honras immortais, & graos mayores:  
Não encoftados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não cos manjares nouos & exquisitos,  
Não cos passeos molles & ouciofos,  
Não cos varios deleites & infinitos  
Que afeminão os peitos generofos:  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a Fortuna tem sempre tão mimofos,  
Que não soffre a nenhum que o passo mude  
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com bulcar co seu forçofo braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço  
Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,  
A parecer seguro, ledó, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
Destarte o peito hum calo honroso cria  
Desprezador das honras, & dinheiro,

Das honras, & dinheiro, que a venntura  
Forjou, & não vertude justa, & dura.

Destarte se esclarece o entendimento,  
Que experiencias fazem repoufado,  
E fica vendo, como de alto affento,  
O baxo tracto humano embaraçado,  
Este onde tiuer força o regimento  
Direito, & nam de affeitos occupado,  
Subirà (como deue) a illustre mando,  
Contra vontade fua, & não rogando.

**FIM.**

☛ Canto Septimo.

Ia se viã chegados  
junto aa terra,  
Que defejada ja de tantos fora,  
Que entre as correntes Indicas se  
encerra,  
E o Ganges, que no çeo terreno mora:  
Ora fus gente forte que na guerra  
Quereis leuar a palma vencedora,  
Ia fois chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

A vos, ô geraçam de Lufo digo,  
Que tam pequena parte fois no mundo:  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral de quem gouerna o çeo rotundo:  
Vos, a quem não fomenta algum perigo  
Estorua conquistar o pouo inmundo:  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos çeos estâ em effencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder voffo não pefais,

Vos que aa culpa de voffas varias mortes  
A lei da vida eterna dilatais:  
Afsi do çeo deitadas fam as fortes,  
Que vos por muito poucos que fejais,  
Muito façais na fancta Chriftandade:  
Que tanto, ô Chrifto exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, foberbo gado,  
Que por tam largos campos fe apacenta,  
Do fucceffor de Pedro rebelado,  
Nouo paftor, & noua ceita inuenta:  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error fe nam contenta,  
Não contra o superbifsimo Otomano:  
Mas por fair do jugo foberano.

Vedelo duro Ingles, que fe nomea  
Rei da velha & fanctifsima cidade,  
Que o torpe Ifmaelita fenhorea,  
(Quem via honra tam longe da verdade)  
Entre as Boreais neues fe recrea,  
Noua maneira faz de Chriftandade,  
Pera os de Christo tem a efpada nua,  
Nem por tomar a terra que era fua.

Guardalhe por entanto hum falfo Rei,  
A cidade Hierofolima terrestre,  
Em quanto elle não guarda a fancta lei,  
Da cidade Hierofolima celefte:  
Pois de ti Gallo indigno que direy?  
Que o nome Christianifsimo quifeste,  
Nem pera defendelo, nem guardalo,  
Mas para fer contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em fenhorios  
De Chriftãos, fendo o teu tam largo & tão.  
E nam contra o Cynifio & Nilo rios  
Inimigos do antigo nome fancto,  
Ali fe ande prouar da efpada os fios,



Em quem quer reprovár da Ygreja o canto,  
De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
Erdalte, & as causas nam da justa guerra?

Pois que direy daquelles que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastão as vidas, logrão as diuicias,  
Esquecidos de seu valor antigo:  
Nascem da tyrania inimicicias,  
Que o pouco forte tem de si inimigo,  
Contigo Italia fallo, já fumerla  
Em vícios mil, & de ti mesma aduerla.

O míseros Christãos, pola ventura  
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,  
Sendo todos de hum ventre produzidos?  
Nem vedes a diuina sepultura  
Possuida de cães, que sempre vnidos  
Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
Fazendo se famosas pela guerra?

Vedes que tem por vfo & por decreto,  
Do qual sam tão inteíros obseruantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto,  
Contra os poucos, que sam de Christo amantes.  
Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
De famear cizanias repugnantes,  
Olhay festais seguros de perigos,  
Que elles & vos, fois vossos inimigos.

Se cobiça de grandes senhórios  
Vos faz yr conquistar terras alheas,  
Nam vedes que Pactolo & Hermo rios,  
Ambos voluem auríferas areas,  
Em Lidia, Assíria laurão de ouro os fios,  
Affrica esconde em si luzentes veas,  
Mouauos já se quer riqueza tanta,  
Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuenções feras & nouas,  
De instrumentos mortais da artelharia,  
Ia deuem de fazeras duras prouas,  
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
Fazei que torne la aas filueftres couas,  
Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
A Turca geração, que multiplica  
Na policia da voffa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
Bradando vos eftão, que o pouo bruto  
Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
Preceptos do alcorão (duro tributo)  
Em caftigar.os feitos inhumanos  
Vos gloriay de peito forte, & aftuto,  
E não queirais louuores arrogantes,  
De ferdes contra os voffos muy pollantes.

Mas em tanto que cegos, & fedentos  
Andais de voffo fangue, o gente infana,  
Não faltarão Christãos atreuimentos,  
Nefta pequena cafa Lufitana  
De Affrica tem maritimos affentos,  
He na Afia mais que todas foberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E fe mais mundo ouuera la chegâra.

E vejamos em tanto que aconteçe  
Aaquelles tam famofos nauegantes,  
Deſpois que a branda Venus enfraqueçe  
O furor vão dos ventos repugnantes:  
Deſpois que a larga terra lhe appareçe,  
Fim de fuas perfias tam conftantes,  
Onde vẽ famear de Christo a ley,  
E dar nouo coſtume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra fe chegâão,  
Leues embarcações de peſcadores  
Acharão, que o caminho lhe moſtrâão

De Calecu onde eram moradores:  
Pera la logo as proas se inclinarão,  
Porque esta era a cidade das milhores  
Do Malabar melhor, onde viuia  
O Rei que a terra toda possuia.

Alem do Indo jaz, & âquem do Gange,  
Hum terreno muy grande, & affaz famoso  
Que pela parte Aufralo mar abrange,  
E pera o Norte o Emodio cauernofo.  
Iugo de Reis diuerfos o conftange  
A varias leis: algũs o viciofo  
Mahoma, algũs os Idolos adorão,  
Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando  
Tam larga terra, toda Afia difcorre,  
Que nomes tam diuerfos vai tomando,  
Segundo as regiões por onde corre,  
As fontes faem, donde vem manando  
Os rios, cuja gram corrente morre  
No mar Indico, & cercão todo o pefo  
Do terreno, fazendo o Cherfonefo.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço  
Say da larga terra hũa longa ponta  
Quafi piramidal , que no regaço  
Do mar com Ceilão infula confronta,  
E junto donde nasce o largo braço  
Gangetico, o rumor antigo conta.  
Que os vizinhos da terra moradores  
Do cheiro se mantem das finas flores.

Mas agora de nomes, & de vfança,  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os Delijs, os Patanes, que em polfança  
De terra, & gente, sam mais abundantes,  
Decanis, Oriãs, que a esperança  
Tem de fua faluação nas refonantes

Agoas do Gange, & a terra de Bengala  
Fertil de forte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicofo  
(Dizem que foy de Poro Rei potente)  
O Reino de Narfinga poderoso,  
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:  
Aqui se enxerga la do mar vndofo  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,  
Do pê do qual pequena quantidade  
Se estende hũa fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica, & bella,  
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada a frota ao rico senhorio,  
Hum Portugues mandado logo parte,  
A fazer fabedar o Rei gentio  
Da vinda sua a tam remota parte:  
Entrando o mensageiro pelo Rio,  
Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo  
Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,  
Se chega hum Mahometa, que nascido  
Fora na região da Berberia,  
La onde fora Anteo obedecido.  
Ou pela vezinhança ja teria  
O Reino Lufitano conhecido,  
Ou foy ja afsinalado de seu ferro,  
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o menfageiro com jocundo  
Roſto, como quem ſabe a lingua Hiſpana  
Lhe diſſe, quem te trouxe a eſtoutro mundo,  
Tam longe da tua patria Luſitana?  
Abrindo lhe reſponde o mar profundo,  
Por onde nunca veio gente humana,  
Vimos buſcar do Indo o grão corrente,  
Por onde a Lei diuina ſe acrecente.

Eſpantado ficou da gram viagem,  
O mouro qne Monçaide ſe chamaua,  
Ouuindo as opreſſões que na paſſagem  
Do mar, o Luſitano lhe contaui,  
Mas vendo em fim, que a força da menfajem  
So pera o Rei da terra releuaua,  
Lhe diz que eſtaua fora da cidade.  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegeſſe  
De ſua eſtranha vinda, ſe queria  
Na ſua pobre caſa repoufaſſe,  
E do manjar da terra comeria:  
E deſpois que ſe hum pouco recreaſſe,  
Coelle pera a armada tornaria,  
Que alegria não pode ſer tamanha,  
Que achar gente vezinha em terra eſtranha.

O Portugueſes aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece  
Como ſe longa fora ja a amizade,  
Coelle come & bebe, & lhe obedeçe:  
Ambos ſe tornão logo da cidade,  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
Sobem aa Capitaina, & toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente.

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
Ouuindo clara a lingua de Caſtella,  
Iunto de ſi o aſſenta, & prompto & quedo

Pela terra pergunta, & coufas della:  
Qual se juntaua em Rodope o aruoredo,  
So por ouuir o amante da donzella  
Euridiçe, tocando a lira de ouro,  
Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro.

Elle começa, o gente que a natura  
Vizinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tam grande, ou que ventura  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
Nam he sem causa não occulta, & escura  
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lenho arados,  
A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algum seruiço seu por vos obrado:  
Por isso se vos guia, & vos defende  
Dos inimigos do mar, do vento yrado:  
Sabey que estais na India, onde se estende  
Diuerfo pouo, rico & prosperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,  
Cheiro suaue, ardente especiaria.

Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Ydolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama:  
De diuerfos Reis he, mas dum se fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
Saramã Perimal foy derradeiro  
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam vießsem,  
De la do feyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico troueßsem,  
No qual me instituirão meus parentes,  
Succedeo que pregando conuertesssem  
O Perimal, de sabios & elloquentes,

Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,  
Que profupos de nella morrer fancto.

Naos arma, & nellas mete curiofo  
Mercadoria que offereça rica,  
Pera yr nellas a fer religiofo,  
Onde o prepheta jaz, que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque não lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, liures de fojeitos.

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
A qual Coulão, a qual dâ Cranganor  
E os mais, a quem o mais ferue & contenta  
Hum fo moço, a quem tinha muito amor,  
Depois que tudo deu, se lhe aprefenta,  
Pera este Calecu fomite fica,  
Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dâ co titulo excellente  
De Emperador, que sobre os outros mande,  
Isto feito se parte diligente,  
Pera onde em fancta vida acabe, & ande,  
E daqui fica o nome de potente  
Camorî, mais que todos digno, & grande  
Ao moço & descendentes, donde vem  
Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,  
De fabulas composta se imagina:  
Andão nûs, & fomite hum pano cobre  
As partes, que a cubrir natura infina:  
Dous modos ha de gente, porque a nobre  
Naires chamados sam, & a menos digna  
Poleãs tem por nome, a quem obriga  
A ley não misturar a casta antiga

Porque os q̃faram femp̃re hum mesmo officio,  
De outro nam podẽ receber conforte,  
Nem os filhos terem outro exercicio,  
Senão o de feus paffados ate morte,  
Pera os Neires he certo grande viçio  
Deftes ferem tocados de tal forte,  
Que quando algum fe toca por ventura,  
Com ceremonias mil fe alimpa & apura.

Defta forte o Iudaico pouo antigo  
Nem tocaua na gente de Samaria,  
Mais eftranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vfança varia,  
Os Naires fos lam dados ao perigo  
Das armas, los defendem da contraria  
Banda o feu Rei, trazendo femp̃re vfada  
Na ezquerda a adarga, e na derecha a efpada:

Bramenes lam os feus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia,  
Obferuão os preceitos tam famofos  
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:  
Nem matão coufa viua, & temerosos  
Das carnes tem grandifsima abstinencia,  
Somente no venereo ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais lam as molheres: mas fomente  
Pera os da geração de feus maridos:  
Ditofa condiçam, ditofa gente,  
Que nam lam de ciumes offendidos.  
Efes & outros costumes variamente  
Sam pelos Malabares admitidos,  
A terra he groffa em trato, em tudo aquilo  
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Afsi contaua o Mouro: mas vagando  
Andaua a fama ja pela cidade,  
Da vinda defta gente efranha, guando



O Rei faber mandaua da verdade,  
Ia vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo fexo, & idade,  
Os principaes que o Rei bulcar mandâra,  
O Capitão da armada que chegâra.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
Pera defembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portuguefes fem detenção  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermofa diferença  
A viſta alegre ao pouo aluoroçado,  
O remo compaffado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na praia hum regedor do Reino eſtaua,  
Que na fua lingoa Catual ſe chama,  
Rodeado de Naires, que eſperaua  
Com defufada feſta o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuaua,  
E num partatil leito hũa rica cama  
Lhe offereçe em que va, costume vſado,  
Que nos hombros dos homens he leuado.

Desta arte o Malabar, deſtarte o Lufo,  
Caminhão la pera onde o Rei o eſpera:  
Os outros Portuguefes vão ao vſo  
Que infantaria ſegne eſquadra fera:  
O pouo que concorre vay confuſo  
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera  
Perguntar: mas no tempo ja paſſado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando  
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,  
Monçaide entrelles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Aſſi pela cidade caminhando,  
Onde hũa rica fabrica ſe erguia

De hum sumptuofo templo ja chegauão,  
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali estam das deidades as figuras  
Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
Varias degeftos, varias de pinturas,  
A segundo o Demonio lhe fingia.  
Vem fe as abominaueis esculpturas,  
Qual a Chimêra em membros se varia,  
Os Chriftãos olhos a ver Deos vfados  
Em forma humana eftam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,  
Outro num corpo roftos tinha vnidos,  
Bem como o antigo Iano se pintaua:  
Outro com muitos braços diuididos  
A Briareo parece que imitaua:  
Outro fronte Canina tem de fora,  
Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio  
A supersticiofa adoração,  
Direitos vão sem outro algum defuio,  
Pera onde estaua o Rei do pouo vão:  
Engrossando se vay da gente o fio,  
Cos que vem ver o eſtranho Capitão,  
Eſtão pelos telhados & janellas  
Velhos & moços, donas & donzellas.

Ia chegão perto, & não paſſos lentos,  
Dos jardins odoriferos fermofos,  
Que em fi eſcondem os regios apouſentos,  
Altos de torres não, mas sumptuoſos,  
Edificação se os nobres seus aſſentos,  
Por entre os aruoredos deleitofos,  
Aſsi viuem os Reis daquella gente,  
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a futilidade  
Se enxerga da Dedalea facultade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da Índia a mais remota antiguidade:  
Afiguradas vão com tal viueza  
As histórias daquela antiga idade,  
Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava hum grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe lava,  
Rege o hum capitão de frente lisa,  
Que com frondentes Tirfos palejava,  
Por elle edificada estava Nisa  
Nas ribeiras do rio, que manava,  
Tão proprio, que se ali estivesse Semelle,  
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais auante bebendo feca o rio,  
Mui grande multidão da Assíria gente,  
Sujeita a feminino senhorio,  
De hũa tam bella, como incontinente:  
Ali tem junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
As bandeiras de Grecia gloriosas,  
Terceira Monarchia, & sojugauão,  
Até as agoas Gargeticas vndosas:  
Dum capitão mancebo se guiauão  
De palmas rodeado valerosas,  
Que já não de Filipo, mas sem falta  
De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portuguezes vendo estas memorias,  
Dizia o Catual ao Capitão,  
Tempo cedo virá que outras victorias,

Estas que agora olhais abaterão:  
Aqui se escreverão novas histórias,  
Por gentes estrangeiras que virão  
Que os nossos sábios magos o alcançarão,  
Quando o tempo futuro especularão.

E diz-lhe mais a mágica ciência,  
Que para se evitar força tamanha,  
Não valerá dos homens resistência,  
Que contra o Céu não val da gente manha:  
Mas também diz que a bellica excellência  
Nas armas, & na paz, da gente estranha  
Será tal, que fera no mundo ouvido  
O vencedor, por glória do vencido.

Assi fallando entrarão já na sala,  
Onde aquelle potente Emperador  
Nua camilha jaz, que nam se iguala  
De outra alguma no preço & no lauro:  
No recostado gesto se asinala  
Hum venerando & prospero senhor,  
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
Cos giolhos no chão, de quando em quando  
Lhe dava a verde folha da erua ardente  
Que a seu costume estava ruminando:  
Hum Bramene, pessoa preminente,  
Para o Gama vem com passo brando,  
Para que ao grande Principe o apresente,  
Que diante lhe acena que se affente.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
Os seus mais afastados, prompto em vista  
Estava o Samori no traje & geito  
Da gente, nunca de antes delle vista:  
Lançando a grave voz do sábio peito,  
Que grande authoridade logo aquista

Na opinião do Rei, & do pouo todo  
O Capitão lhe falla defte modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
O ceo volubil com perpetua roda  
Da terra a luz folar coa terra efconde,  
Tingindo a que deixou de efcura noda,  
Ouuindo do rumor que la responde  
O eco, como em ti da India toda  
O principado eftâ, & a mageftade,  
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,  
Por te fazer faber que tudo aquillo  
Que fobre o mar, que fobre as terras anda  
De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:  
E desda fria plaga de Gelandá,  
Ate bem donde o Sol nam muda o eftilo  
Nos dias, fobre a gente de Ethiopia,  
Tudo tem no feu Reino em grande copia.

E fe queres com pactos, & lianças  
De paz, & de amizade facra, & nua,  
Comerçio confentir das abundanças  
Das fazendas da terra fua, & tua,  
Porque creção as rendas, & abaftanças,  
Por quem a gente mais trabalha & fua,  
De voffos Reinos, fera certamente  
De ti proueito, & delle gloria ingente.

E fendo afsi que o nô defta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Eftara prompto a toda aduerfidade,  
Que por guerra a teu Reino fe offereça:  
Com gente, armas, & naos de qualidade  
Que por yrmão te tenha, & te conheça,  
E da vontade em ti fobrifto pofta  
Me des a my certifsima reposta.

Tal embaxada daua o Capitão,  
A quem o Rei gentio respondia,  
Que em ver embaxadores de nação  
Tam remota, gram gloria recebia:  
Mas neste caso a vltima tençam  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informando se certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que differa.

E que em tanto podia do trabalho  
Passado yr repoufar, & em tempo breue  
Daria a seu despacho hum jufto talho,  
Com que a seu Rei reposta alegre leue:  
Ia nisto punha a noite o vfado atalho  
Aas humanas canseiras, porque ceue  
De doce sono os membros trabalhados,  
Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agafalhados foram juntamente,  
O Gama, & Portugueses no apoufento  
Do nobre Regedor da Indica gente,  
Com festas & geral contentamento:  
O Catual no cargo diligente  
De seu Rei, tinha ja por regimento  
Saber da gente estranha donde vinha  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermofo  
Mancebo Delio vio, que a luz renoua,  
Manda chamar Monçaide, desejofo  
De poder se informar da gente noua:  
Ia lhe pergunta prompto & curiofo,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha  
Que he gente de sua patria muy vizinha.

Que particularmente ali lhe desse  
Informação muy larga, pois fazia  
Nisso feruiço ao Rei, porque foubesse

O que neste negocio se faria:  
Mançaide torna, posto que eu quisesse  
Dizerte disto mais nam saberia,  
Somente ley que he gente la de Hespanha  
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da mãy, tal que por bafo estã aprouado  
Do Deos, que tem do mundo o regimento:  
O que entre meus antigos he julgado  
Delles, he que o valor sanguinolento  
Das armas, no seu braço resplandeçe,  
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude fobre humana,  
Os deitarão dos campos abundofos  
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,  
Com feitos memoraueis, & famofos:  
E não contentes inda, & na Affricana  
Parte, cortando os mares procelofos  
Nos não querem deixar viuer seguros,  
Tomando nos cidades, & altos muros.

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,  
Em quaesquer outras guerras que acõteção,  
Ou das gentes beligeras da Elspanha,  
Ou la dalgũs que do Pirene deção.  
Assi que nunca em fim com lança estranha  
Se tem, que por vencidos se conheção,  
Nem se sabe inda não, te afirmo & assello  
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E esta informação nam for inteira  
Tanto quanto conuem, delles pretende  
Informarte, que he gente verdadeira,  
A quem mais fallidade enoja & offende:  
Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira  
Do fundido metal, que tudo rende,

E folgaras de veres a policia  
Portuguesa na paz, & na milicia.

Ia com defejos o Idolatra ardia,  
De ver isto, que o Mouro lhe contaue,  
Manda esquipar bateis, que yr ver queria  
Os lenhos em que o Gama nauegaua.  
Ambos partem da praia, a quem seguia  
A Naira geraçam, que o mar coalhaua,  
Aa Capitaina sobem forte & bella,  
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras  
Do rico fio sam, que o bicho gera,  
Nellas estam pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais auentureiras,  
Desafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os ollos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A ceita Epicurea, experimente:  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor, que Noe mostrâra aa gente:  
Mas comer o Gentio nam pretende,  
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,  
Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
Co fogo o diabolico instrumento,  
Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
Tudo o Gentio nota: mas o intento  
Mostraua sempre ternos singulares  
Feitos dos homens, que em retrato breue  
A muda poesia ali descreue.



Alçafe em pê, co elle os Gamas junto  
Coelho de outra parte, & o Mauritano  
Os olhos poem no bellico trafunto  
De hum velho branco, alpeito venerando,  
Cujo nome nam pode fer defuncto  
Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
No traje a Grega vfança eftâ perfeita,  
Hum ramo por infignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego  
Eu que cometo infano, & temerario,  
Sem vos Nimphas do Tejo, & do Mondego,  
Por caminho tam arduo, longo, & vario:  
Voffo fauor inuoco, que nauego  
Por alto mar, com vento tam contrario,  
Que fe nam me ajudais, ei grande medo,  
Que o meu fraco batel fe alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando  
O voffo Tejo, & os voffos Lufitanos,  
A fortuna me traz peregrinando,  
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:  
Agora o mar, agora efprimentando  
Os perigos Mauorcios inhumanos,  
Qual Canace que â morte fe condena,  
Nũ mão fempore a efpada, & noutra a pena:

Agora com pobreza auorrecida,  
Por hofpicios alheios degradado,  
Agora da efperança ja adquirida,  
De nouo mais que nunca derribado:  
Agora aas costas efcapando a vida,  
Que dum fio pendia tam delgado,  
Que não menos milagre foi faluarfe,  
Que pera o Rei Iudaico acrecentarfe.

E ainda Nimphas minhas não baftaua,  
Que tamanhas misérias me cercaffem:  
Senão que aquelles que eu cantando andaua,

Tal premio de meus verfos me tornaffem  
A troco dos defcanfos que efparaua,  
Das capellas de louro que me honraffem,  
Trabalhos nunca vfados me inuentârão,  
Com que em tam duro eftado me deitârão.

Vede Nimphas que engenhos de lenhores  
O voſſo Tejo cria valeroſos,  
Que aſi ſabem prezas com tais fauores  
A quem os faz cantando glorioſos:  
Que exemplos a futuros eſcriptores,  
Pera efpertar engenhos curioſos,  
Pera porem as couſas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois logo em tantos males he forçado,  
Que ſo voſſo fauor me não falleça,  
Principalmente aqui, que ſou chegado  
Onde feitos diuerſos engrandeça:  
Daimo vos ſos, que eu tenho ja jurado  
Que não no empregue em quem o não mereça  
Nem por liſonja louue algum ſubido,  
Sob pena de não ſer agradecido.

Nem creais Nimphas nam que fama deſſe  
A quem ao bem comum, & do ſeu Rei  
Antepoſer ſeu proprio intereſſe:  
Imigo da diuina & humana ley,  
Nenhum ambicioſo, que quiſeſſe  
Subir a grandes cargos, cantarey,  
So por poder com torpes exercicios  
Vſar mais largamente de ſeus vicios.

Nenhum que vſe de ſeu poder bastante  
Pera ſeruir a ſeu deſejo feio,  
E que por comprazer ao vulgo errante  
Se muda em mais figuras que Proteio,  
Nem Camenas tambem cuideis que cante  
Quem com habito honeſto & graue veio,

Por contentar o Rei no officio nouo,  
A despir & roubar o pobre pouo.

Nem quem acha que he justo & que he dereito  
Guardafe a ley do Rei feueramente,  
E não acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o fuor da feruil gente.  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões aprende, & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace & escaffa,  
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles fos direy que auenturâão  
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
Onde perdendoa, em fama a dilatâão,  
Tambem de suas obras merecida  
Apolo, & as Mufas que me acompanharão,  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento descanfado,  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

**F I M.**

☛ Canto Octauo.

Na primeira figura  
se detinha  
O Catual, que vira estar pinta-  
da.  
Que por diuifa hum ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, & penteada:  
Quem era, & porque caufa lhe conuinha  
A diuifa que tem na mão tomada,  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano fabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,  
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,

Mais brauos, & mais feros se conhecem  
Pela fama, nas obras, & nos feitos  
Antigos sam, mas inda resplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,  
Este que ves he Luso, donde a fama  
O nosso Reino Lusitania chama.

Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tam diuerfas partes conquistou  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seruindo as armas que continuo vfo,  
Do Douro, Guadiana o campo vfo,  
Ia dito Elifio, tanto o contentou  
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos  
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuifa,  
O verde Tyrfo foi de Baco vfo,  
O qual aa nossa idade amoftra & auifa  
Que foi seu companheiro & filho amado:  
Ves outro, que do Tejo a terra pifa,  
Depois de ter tam longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edefica,  
E templo a Palas, que em memoria fica

Vliffes he o que faz a sancta casa  
Aa Deosa, que lhe da lingua facunda,  
Que se la na Asia Troia infligir abrafa,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda:  
Quem sera estoutro ca que o campo arrafa  
De mortos, com presenca furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas,  
Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

Assi o Gentio diz, responde o Gama,  
Este que ves pastor ja foi de gado,  
Viriato sabemos que se chama,  
Destro na lanca mais que no cajado:  
Injuriada tem de Roma a fama,

Vencedor inuencibil afamado,  
Nem tem coelle não, nem ter puderão  
O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força não: com manha vergonhosa,  
A vida lhe tirarão que os espanta,  
Que o grande aperto em gente, inda q̃honrosa  
Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
Outro estã aqui que contra a patria yrofa  
Degradado com nosco se aleuanta,  
Escolheo bem com quem se aleuantasse  
Pera que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras  
Dessas aues de Iupiter validas,  
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nos foubaram fer vencidas:  
Olha tam fatis artes & maneiras,  
Pera adquerir os poucos tam fingidas  
A fatidica Cerua que o auisa,  
Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,  
O gram progenitor dos Reis primeiros,  
Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
Crem fer em Lotharingia os estrangeiros:  
Despois de ter cos Mouros superado  
Galegos, & Leonefes caualleiros,  
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,  
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
Pergunta o Malabar marauilhado,  
Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
Com tam pouca, tem roto & destroçado:  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas da nunca cansado,  
Tantas coroas tem por tantas partes,  
A seus pés derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estigio lago jura a fama,  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,  
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cefar, se Alexandre Rei tiuerão,  
Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
Contra tantos inimigos quantos erão,  
Os que desbarataua este excelente,  
Nam creas que seus nomes se estenderão  
Com glorias imortais tam largamente:  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Ve que os de seus vassallos fã notaueis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
Pera o rompido Alumno mal sofrido,  
Dizendo lhe que o exercito espalhado,  
Recolha, & torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido,  
Egas moniz se chama o forte velho  
Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregar-se,  
Acorda ao colo, nu de feda & pano,  
Porque nam quis o moço fogueitar-se,  
Como elle prometera ao Castelhana:  
Fez com fiso & promessas levantar-se  
O cerco que ja estaua soberano,  
Os filhos & mulher obriga aa pena,  
Pera que o senhor salue, a si condena.

Nem fez o Consul tanto que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a passar por baxo foi forçado

Do Samnitico jugo triumphante:  
Este pelo seu pouo injuriado,  
Assi se entrega fo firme & constante,  
Eltoutro assi, & os filhos naturais,  
E a conforle sem culpa, que doe mais

Ves este que saindo da cilada,  
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,  
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada  
Illustre feito digno de Mauorte,  
Velo ca vay pintado nesta armada  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando lhe as galès, leuando a gloria,  
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,  
E no mar resplandece juntamente,  
Co fogo que acendeo junto da ferra  
De Abila, nas gales da Maura gente  
Olha como então justa & sancta guerra  
De acabar pelejando està contente:  
Dar mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
Trajo, sair da grande armada noua,  
Que ajuda a combater o Rei primeiro  
Lisboa, de si dando sancta proua:  
Olha Enrique famoso caualleiro,  
A Palma que lhe nasce junto aa coua,  
Por elles mostra Deos milagre visto,  
Germanos sam os Martyris de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,  
Contra Arronches que toma, por vingança  
De Leiria, que de antes foi tomada,  
Por quem porMaphamede enresta a lança:  
He Teotonio Prior: mas vê cercada  
Sanctarem, & veras a legurança

Da figura nos muros, que primeira  
Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
Os imigos rompendo, o Alferez mata,  
E Hispalico pendão derriba em terra,  
Mem Moniz he, que em fi o valor retrata,  
Que o sepulchro do pay cos offos cerra,  
Digno destas bandeiras, pois sem falta  
A contraria derriba, & a sua exalta.

Olha aquelle que deçe pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a çilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas & oufadias:  
Ella por armas toma a semelhança  
Do caualleiro, que as cabeças frias  
Na mão leuaua, feito nunca feito,  
Giraldo sem pauor he o forte peito.

Nem vês hum Castelhano, que agrauado,  
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendose inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros infieis que traz consigo:  
Mas vê que hum Portugues com pouca gente  
O desbarata & o prende oufadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,  
Que destes levar pode a palma, & o louro:  
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:  
Vêllo entre os duuidosos tam inteiro,  
Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
Olha o final no çeo que lhe aparece,  
Com que nos poucos seus o esforço creçe.



Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
Rotos, cos outros dous, & não de espaço,  
Rotos? mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, que não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,  
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,  
Portugues de nação, como conquista  
A terra dos Algarues, & ja nella  
Nem acha que por armas lhe resista,  
Com manha, esforço, & com benigna estrella  
Villas, castellos toma a escalla vista:  
Ves Tauila tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha  
Silues, que elle ganhou com força ingente,  
He dom Paio Correa, cuja manha  
E grande esforço faz enueja aa gente:  
Mas não passas os tres q' Frãça & Espanha  
Se fazem conhecer perpetuamente,  
Em desafios, justas & torneos,  
Nellas deixando publicos trofeos.

Vellos co nome vem de aventureiros,  
A Castella, onde o preço los leuâão  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de algũs se exercitâão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiarão,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende

Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Não no ves tinto de yra, que reprende  
A vil desconfiança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,  
De Rei seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselheiro & oufadia,  
De Deos guiada so, & de sancta Estrella  
So pode o que impossibil parecia,  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves par industria, esforço, & valentia  
Outro estrago & victoria clara & bella  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Que entre o Tarteso, & Goadiana habita.

Mas não ves quasi ja desbaratado,  
O poder Lusitano, pela ausencia  
Do Capitão deuoto, que apartado  
Orando inuoca a fuma & trina effencia:  
Vello com pressa ja dos seus achado,  
Que lhe dizem que falta resistencia  
Contra poder tamanho, & que viesse,  
Porque contigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,  
Que inda não era tempo respondia,  
Como quem tinha em Deos a segurança  
Da victoria, que logo lhe daria:  
Assi Pompilio, ouvindo que a possança  
Dos inimigos a terra lhe corria,  
A quem lhe a dura noua estava dando,  
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,  
Ouvir quizeres como se nomea,  
Portugues Cipião chamar se deue:  
Mas mais de dom Nuno Alvarez se arrea,  
Ditosa patria que tal filho teue:  
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea

Este globo de Ceres & Neptuno,  
Sempre fustpirará por tal aluno.

Na mesma guerra vê que prefas ganha,  
Estoutro Capitão de pouca gente,  
Comendadores vence, & o gado apanha,  
Que leuão roubado oufadamente:  
Outra vez vê que a lança em fangue banha  
Destes, fo por liurar com amor ardente  
O prefo amigo, prefo por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este defleal o como paga  
O perjurio que fez & vil engano,  
Gil Fernandez he de Eluas quem o efraga,  
E faz vir a paffar o vltimo dano:  
De Xerez rouba o campo, & quafi alaga  
Co fangue de feus donos Castelhana:  
Mas olha Rui Pireira que co rofto  
Faz efcudo aas gales, diante pofto.

Olha que dezezete Lufitanos,  
Neste outeiro fabulas fe defendem,  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar fe eftendem,  
Porem logo sentiram com feus danos,  
Que nam fo fe defendem, mas effendem,  
Digno feito de fer no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo & no moderno.

Sabe fe antigamente que trezentos  
Ia contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os viris atreuimentos  
De Viriato tanto fe illuftrarão,  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por fer poucos nam temamos  
O que depois mil vezes amoftramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,  
Progenie generosa de Ioane,  
Aquelle faz que fama illustre fique  
Delle em Germania, com que a morte engane:  
Este, que ella nos mares o pubrique,  
Por seu descobridor, & defengane  
De Ceita a Maura tumida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidades.

Vês o Conde dom Pedro que fustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria,  
Vês outro Conde estã que representa  
Em terra Marte, em forças & ousadia,  
De poder defender se nam contenta  
Alcaçere da ingente companhia:  
Mas do seu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião:  
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,  
Honra, premio, fauor que as artes crião,  
Culpa dos viciosos succellores,  
Que degenerão certo, & se defuião  
Do lustre, & do valor dos seus passados,  
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão  
Principio aa geraçam que delles pende,  
Pela virtude muyto antão fizerão,  
E por deixar a casa que descende,  
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,  
Se alta fama & rumor delles se estende,  
Escuros deixão sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,  
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,  
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados  
Dão mais que a mil, q̃esforço & saber tenham  
Estes os seus nam querem ver pintados,  
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,  
E como a seu contrairo natural,  
Aa pintura que falla querem mal.

Não nego que â com tudo descendentes  
Do generoso tronco, & casa rica

Que com costumes altos & excellentes  
Sustentão a nobreza que lhe fica:  
E se ha luz dos antigos seus parentes  
Nelles mais o valor não clarifica,  
Nam falta ao menos, nem se faz escura:  
Mas destes acha poucos a pintura.

Afsi estã declarando os grandes feitos,  
O Gama que ali mostra a varia tinta,  
Que a douta mão tam claros, tam perfeitos  
Do singular artifice ali pinta:  
Os olhos tinha promptos & dereitos,  
O Catual na historia bem da tinta,  
Mil vezes perguntava, & mil ouvia,  
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,  
Porque a alampada grande se escondia  
Debaxo do Orizonte & luminosa  
Leuava aos Antipodas o dia,  
Quando o Gentio, & a gente generosa,  
Dos Naires, da nao forte se partia  
A buscar o repouso que descansava,  
Os laços animais, na noite mansa.

Entre tanto os Aruspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrificios  
Anteum sempre os casos duvidosos,  
Por finais diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitavam a arte & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a nova gente lhe feria  
Lugo perpetuo, eterno cativo,  
Destruíam de gente, & de valia:  
Vaíse espantado o atonito agoureiro

Dizer ao Rei (segundo o que entendia)  
Os finais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das victimas que oulhará:

A isto mais se ajunta que hum deuoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,  
Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina Fe, que tudo excede,  
Em forma do Propheta falso & noto,  
Que do filho da escraua Agar procede,  
Baco odiofo em sonhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se nam deçe.

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,  
Do mal que se aparelha pelo imigo  
Que pelas agoas humidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo acorda o Mouro afinha,  
Espantado do sonho: mas configo  
Cuida que não he mais que sonho vfado  
Torna a dormir quieto & sossegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
O gram legillador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a que obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
Pois faberas que aquelles que chegados  
De nouo sam, feram muy grande dano  
Da lei que eu dei ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente,  
Ordena como em tudo se refista,  
Porque quando o Sol fae facilmente  
Se pode nelle por a aguda vista:  
Porem despois que sobe claro & ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tam cega fica, quanto ficareis  
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito, elle & o fono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno  
Salta da cama, lume aos feruos pede  
Laurando nelle oo feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
Mostrara rosto Angelico & sereno,  
Conuoca os principais da torpa ceita,  
Aos quais do que fohou dê conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios  
Ali se dão segundo o que entendião,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauam & tecião:  
Mas deixando confelhos temerarios,  
Destruçam da gente pretendião,  
Por manhas mais fofis & ardis milhores,  
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas fecretas  
Concilião da terra os principais,  
E com razões notauéis & difcretas  
Mostram fer perdiçam dos naturais,  
Dizendo que fã gentes inquietas,  
Que os mares difcorrendo Occidentais,  
Viuem fo de piraticas rapinas,  
Sem Rei, fêm leis humanas ou diuinas.

O quanto deue o Rei que bem gouerna,  
De olhar que os confelheiros, ou priuados,  
De confciencia, & de virtude interna,  
E de fincero amor fejam dotados:  
Porque como estè pafo na fuperna  
Cadeira, pode mal dos apartados  
Negocios, ter noticia mais inteira,  
Do que lhe der a lingoa confelheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto  
Em groffo, a confciencia limpa & certa  
Que fe enleue num pobre & humilde manto,



Onde ambição a cafo ande encuberta,  
E quando hũ bom em tudo he juſto & ſancto  
E em negocios do mundo pouco acerta,  
Que mal coelles poderã ter conta,  
A quieta innocencia, em ſo Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,  
Que o Gentilico pouo governauão,  
Induzidos das gentes infernais,  
O Portugues deſpacho dilatauão:  
Mas o Gama, que não pretende mais,  
De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
Que levar a ſeu Rei hum final certo  
Do mundo, que deixa deſcuberto.

Niſto trabalha ſo, quem bem ſabia  
Que deſpois que leuaſſe eſta certeza,  
Armas, & naos, & gentes mandaria  
Manoel, que exercita a ſumma alteza,  
Com que a ſeu jugo & ley ſometeria  
Das terras, & do mar a redondeza,  
Que elle não era mais que hum diligente  
Deſcobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,  
Porque com ſeu deſpacho ſe tornafſe,  
Que ja ſentia em tudo da malina  
Gente impedirſe quanto delejaſſe:  
O Rei que da noticia falſa, & indina  
Nam era deſpantar ſe leſpantaſſe,  
Que tam credulo era em ſeus agouros,  
E mais ſendo affirmados pelos Mouros.

Eſte temor lhe eſfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza eſtã fugeito,  
Hum deſejo immortal lhe acende, & atiça:  
Que bem vê que grandíſſimo proueito  
Farã ſe com verdade, & com juſtiça

O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
Achava muy contrarios pareceres,  
Que naquelles, com quem se aconselhava,  
Executa o dinheiro seus poderes:  
O grande Capitão chamar mandava,  
A quem chegado disse, se quiseses  
Confessarme a verdade limpa, & nua,  
Perdão alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que he fingida:  
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,  
Mas vagabundo vas passando a vida:  
Que quem da Hisperia vltima alongada  
Rei, ou senhor de infancia desmedida,  
Ha de vir cometer com naos, & frotas  
Tam incertas viagens, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,  
O teu Rei tem a regia majestade,  
Que presentes me trazes valerosos,  
Sinais de tua incognita verdade:  
Com peças & dões altos sumptuosos  
Se lia dos Reis altos a amizade:  
Que final nem penhor não he bastante,  
A palauras dum vago nauegante.

Se por ventura vindes desterrados,  
Como ja foram homens da alta forte,  
Em meu Reino fereis agalhados,  
Que toda a terra he patria pera o forte:  
Ou se piratas sois ao mar vltimos,  
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:  
Que por se sustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital necessidade.

Ísto afsi dito, o Gama que ja tinha  
Suspeitas das infidias que ordenaua  
O Mahometico odio, donde vinha  
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:  
Cũa alta confianca, que conuinha,  
Com que feguro credito alcançaua,  
Que Venus Acidalia lhe influia,  
Tais palauras do fabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometeo na prifca idade,  
Nam caufaram, que o vafo da niquicia,  
Açoute tão cruel da Chriftandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geraçam de Adão, co a fallidade  
O poderofa Rei da torpe feita,  
Nam conceberas tu tam mã fofpeita.

Mas porque nenhumb grande bem fe alcança  
Sem grandes oprefões, & em todo o feyto  
Segue o temor os pallfos da efperança,  
Que em fuor viue fempre de feu peyto,  
Me mofttras tu tão pouca confiança  
Defta minha verdade: fem refpeyto  
Das razões em contrario que acharias  
Senão creffes a quem não crer deuias.

Porque fe eu de rapinas fo viueffe  
Vndiuago, ou da patria desterrado,  
Como cres que tão longe me vieffe,  
Bulcar affento incognito & apartado?  
Porque efperanças, ou porque intereffe,  
Viria efprimentando o mar yrado,  
Os Antarticos frios, & os ardores  
Que fofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes prefentes dalta eftima  
O credito me pedes do que digo,  
Eu não vim mais qã achar o efranho Clima

Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
Mas fe a Fortuna tanto me sublima,  
Que eu torne à minha patria, & Reino amigo  
Então verás o dom soberbo & rico  
Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,  
O coração sublime, o regio peito,  
Nenhum caso possível tem por grande.  
Bem parece que o nobre & gram conceito  
Do Lusitano espírito demande  
Maior credito, & fe de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente propuserão  
De vencer os trabalhos, & perigos,  
Que sempre às grandes coufas se opuserão  
E descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderão  
De saber que fim tinham, & onde estauão  
As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso Rei, que arrou primeiro  
O mar, por yr deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Este por sua industria, & engenho raro,  
Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pode a parte, que faz clara  
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crescendo cos successos bons primeyros  
No peito as ousadias, descobrirão  
Pouco & pouco caminhos estrangeyros,  
Que hũs succedendo aos outros profeguirão:  
De Affrica os moradores derradeyros  
Austrais, que nunca as sete flammaz virão,

Forão viſtos de nos, atras deyxando  
Quantos eſtão os Tropicós queymando.

Aſſi com firme peyto, & com tamanho  
Propoſito vencemos à Fortuna,  
Ate que nos no teu terreno eſtranho  
Viemos pôr a vltima columna:  
Rompendo a força do liquido Eſtanho  
Da tempeſtade horrifica, & importuna  
Ati chegamos, de quem ſo queremos  
final, que ao noſſo Rey de ti leuemos.

Eſta he a verdade Rey, que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco premio  
Qual, não ſendo isto aſſi, eſperar podia,  
Tão longo tão fingido, & vão proemio:  
Mas antes deſcanſar me deyxaria  
No nunca deſcanſado & fero gremio  
Da madre Thetis, qual pirata inico  
Dos trabalhos alheyos feyto rico.

Aſſi que ô Rey, ſe minha grão verdade  
Tês por qual he, ſincera, & não dobrada,  
Ajuntame ao deſpacho breuidade,  
Não me impidas o goſto da tornada:  
E ſe inda te parece falſidade,  
Cuyda bem na razão que eſta prouada,  
Que com claro juyzo pode verſe,  
Que facil he a verdade dentenderſe.

A tento eſtaua o Rey na ſegurança,  
Com que prouaua o Gama o que dizia,  
Concebe delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera, das palauras ha abanção,  
Iulga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuais currutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,  
Que espera do contrato Lufitano,  
O faz obedecer, & ter respeyto,  
Co Capitão, & não co Mauro engano:  
Enfim ao Gama manda, que direyto  
Aas naos se vê, & seguro dalgum dano  
Possa a terra mandar qualquer fazenda,  
Que pela especiaria troque, & venda.

Que manda da fazenda enfim lhe manda,  
Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
Salgũa traz idonea lá da banda  
Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
Iá da Real preferença veneranda  
Se parte o Capitão, pera onde peça  
Ao Catual, que delle tinha cargo  
Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:  
Mas o mau Regedor, que novos laços  
Lhe machinava, nada lhe concede,  
Interponda tardanças & embaraços:  
Coelle parte ao caes, porque o arrede  
Longe quanto poder dos regios paços,  
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,  
Faça o que lhe inflamar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
Embarcaçam bastante, em que partisse,  
Ou que pera a luz craftina do dia  
Futuro, sua partida diffirisse:  
Ia com tantas tardanças entendia  
O Gama, que o Gentio consentisse  
Na ma tençam dos Mouros, torpe & fera,  
O que delle ate lá nam entendêra:

Era este Catual, hum dos que estauão  
Corrutos pela Maumetana gente,  
O principal por quem se governauão

As cidades do Samorim potente:  
Delle fomite os Mouros esperauão  
Efeyto a feus enganos torpemente,  
Elle, que no concerto vil confpira  
De fuas eſperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe requiere  
Que o mande por nas naos, & não lhe val,  
E que aſſi lho mandàra, lhe refere,  
O nobre ſucceſſor de Perimal:  
Porque razão lhe empede & lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado  
Nam pode fer por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palauras, antes reuoluendo  
Na fantafia algum futil, & aſtuto  
Engano diabolico, & eſtupendo,  
Ou como banhar poſſa o ferro bruto  
No fangue auorrecido, eſtaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abraſaſſe,  
Porque nenhũa aa patria mais tornaſſe.

Que nenhum torne aa patria ſo pretende  
O conſelho infernal dos Maumetanos,  
Porque nam ſaiba nunca onde ſe eſtende  
A terra Eoa o Rei dos Luſitanos:  
Não parte o Gama em fim, que lho defende  
O Regedor dos barbaros profanos,  
Nem ſem licença ſua yrſe podia,  
Que as almâdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
Reſponde o Idolatra, que mandafſe  
Chegar aa terra as naos, que longe eſtão,  
Porque melhor dali foſſe, & tornaſſe:  
Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
Que la tam longe a frota ſe alargafſe,

Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama  
Enxerga bem, que as naos deseja perto  
O Catual, porque com ferro, & flama  
Lhas affalte, por odio descuberto:  
Em varios penfamentos se derrama:  
Fantasiando estâ remedio certo,  
Que desse a quanto mal se lhe ordenaue  
Tudo temia, tudo em fim cuidaue.

Qual o reflexo lume do polido  
Espelho de aço, ou de cristal fermofo,  
Que do rayo solar sendo ferido,  
Vai ferir noutra parte luminoso,  
E sendo da ouciosa mão mouido  
Pela casa do moço curiofo,  
Anda pelas paredes, & telhado,  
Tremulo, aqui & ali, & deffoffegado.

Tal o vago juyzo fluctuaue  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por caso o esparaua  
Na praia cos bateis, como ordenara:  
Logo secretamente lhe mandaua,  
Que se tornasse aa frota, que deixâra,  
Nam fosse salteado dos enganos,  
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igoalalos.  
Voar co penfamento a toda parte,  
Adiuinhar pirigos, & euitallos:  
Com militar engenho, & futil arte  
Entender os imigos, & enganalos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O Capitão que diga, não cuidey.



Infiste o Malabar em telo prefo,  
Senão manda chegar a terra a armada,  
Elle constante, & de yra nobre acefo,  
Os ameaços feus nam teme nada:  
Que antes quer fobre fi tomar o pefo,  
De quanto mal a vil malicia oufada  
Lhe andar armando, que por em ventura  
A frota de feu Rei, que tem fegura.

Aquella noite efteue ali detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De fe tornar ao Rei. mas impedido  
Foi da guarda que tinha não pequena:  
Comete lhe o Gentio outro partido,  
Temendo de feu Rei castigo, ou pena,  
Se fabe esta malicia, a qual afinha  
Saberâ, fe mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que mande vir toda á fazenda  
Vendibil, que trazia, pera a terra,  
Pera que de vagar fe troque, & venda,  
Que quem nam quer comercio, bulca guerra:  
Posto que os maos prepositos entenda  
O Gama, que o danado peito encerra,  
Confente, porque fabe por verdade,  
Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertã fe que o negro mande dar,  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os feus bateis não quer auenturar,  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:  
Partem as almâdias a bulcar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Efcreue a feu yrmão, que lhe mandaffe  
A fazenda, com que fe refgataffe.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agafalhou o iffame Catual:  
Coella ficam Alvaro & Diogo,

Que a podessem vender pelo que val,  
Se mais que obrigação, que mando & rogo  
No peito vil o premio pode, & val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama foltou pela fazenda.

Por ella o folta, crendo que ali tinha  
Penhor baltante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o Capitão mais tempo detiuessse:  
Elle vendo que ja lhe nam conuinha  
Tornar a terra, porque nam podesse  
Ser mais retido, fendo aas naos chegado  
Nellas estar se deixa descanfado.

Nas naos estar se deyxar vagarofo,  
Atê ver o que o tempo lhe descobre,  
Que não se fia ja do cobiçoso  
Regedor corrompido, & pouco nobre.  
Veja agora o juyzo curiofo  
Quanto no rico, asy como no pobre  
Pode o vil interesse & sede imiga  
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,  
Sò por ficar senhor do grão tesouro:  
Entra, pelo fortissimo edificio,  
Com a filha de Acrifo a chuua douro:  
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,  
Que a troco do metal luzente, & louro,  
Entrega aos inimigos a alta torre,  
Do qual quasi afogada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,  
Faz tredoros, & falsos os amigos,  
Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega Capitães aos inimigos:  
Este corrompe virginais purezas,  
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,

Este depraúa as vezes às ciencias,  
Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este interpreta mais que futilmente  
Os textos. este faz & desfaz leis:  
Este caufa os perjurios entre a gente:  
E mil vezes tirânos torna os Reis.  
A te os que fo a Deos omnipotente  
Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
Que corrompe este encantador, & illude:  
Mas não fem cor com tudo de virtude.

**F I M.**

☛ Canto Nono.

Tiuerão longamen-  
te na cidade  
Sem vender fe a fazenda os do-  
us feitores,  
Que os infieis por manha, & falfidade  
Fazem, que nam lha comprem mercadores,  
Que todo feu propofito, & vontade  
Era, deter ali os defcubridores  
Da India, tanto tempo que vielfem  
De Meca as naos, que as fuas desfizeffem.

La no feio Eritreo, onde fundada  
Arfinoe foi do Fgipcio Ptholomeo,  
Do nome da irmã fua afsi chamada,  
Que despois em Suez fe conuerteo,  
Não longe, o porto jaz da nomeada  
Cidade Meca, que fe engrandeceo  
Com a fuperftiçam falfa, & profana,  
Da relegiofa agoa Maumetana.

Gidâ fe chama o porto, aonde o trato  
De todo o roxo mar mais florecia,

De que tinha proueito grande, & grato  
O Soldão que effe Reino polſſua:  
Daqui aos Malabares, por contrato  
Dos infieis, fermofa companhia  
De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
Eſpeciaria vem bulcar cada anno.

Por eſtas naos os Mouros eſperauão,  
Que como folſem grandes & poſſantes  
Aquellas, que o commercio lhe tomauão,  
Com flamas abraſſem crepitantes:  
Neſte focorro tanto confiaão,  
Que ja nam querem mais dos nauegantes,  
Se nam que tanto tempo ali tardalſſem,  
Que da famoſa Meca as naos chegallſſem.

Mas o Gouernador dos ceos, & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dâ conuenientes,  
Por onde vem a effeito o fim fadado,  
Influo piadoſos accidentes  
De aſſeiçam em Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auifo,  
E merecer por iſſo o Paraifo.

Eſte de quem ſe os Mouros não guardauão,  
Por ſer Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tençam lhe deſcobre torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe eſtauão  
Viſita, & com piedade confidera  
O dano, ſem razão, que ſe lhe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadano,  
Que agora ſam dos ſeus tam deſejadas,  
Pera ſer inſtrumento deſte dano:  
Diz lhe que vem de gente carregadas,

E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode fer dellas opremido,  
Segundo eſtaua mal apercebido.

O Gama que tambem confideraua  
O tempo, que pera a partida o chama,  
E que deſpacho ja não eſparaua  
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:  
Aos feitores, que em terra eſtão, mandaua  
Que ſe tornem aas naos: & porque a fama  
Deſta ſubita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizeſſem eſcondida.

Porem não tardou muito, que voando  
Hum rumor nam ſoalſſe com verdade,  
Que forão prefos os feitores, quando  
Foram ſentidos virſe da cidade:  
Eſta fama as orelhas penetrando  
Do ſabio capitão, com breuidade  
Faz reprefaria nũs, que aas naos vierão,  
A vender pedraria que trouxerão.

Eram eſtes antigos mercadores  
Ricos em Calecu, & conhecidos  
Da falta delles, logo entre os milhores  
Sentido foi, que eſtão no mar retidos:  
Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,  
Voluem o cabreſtante, & repartidos  
Pelo trabalho, hũs puxão pela amarra,  
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros pendem da verga, & ja deſatão  
A vella, que com grita ſe ſoltaua,  
Quando com maior grita ao Rei relatão  
A preſſa, com que a armada ſe leuaua:  
As molheres & filhos, que ſe matão  
Daquelles que vão prefos, onde eſtaua  
O Samorim, ſe aqueixão que perdidos  
Hũs tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lufitanos  
Com toda sua fazenda liuremente,  
A pefar dos imigos Maumetanos,  
Porque lhe torne a sua prefa gente:  
Desculpas manda o Rei de seus enganos,  
Recebe o Capitão de melhormente  
Os prefos, que as desculpas, & tornando  
Algũs negros, se parte as vellas dando.

Partefe colta abaxo, porque entende  
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,  
Em querer delle paz, a qual pretende  
Por firmar o comercio que trataua:  
Mas como aquella terra que se estende  
Pela Aurora, sabida ja deixaua,  
Com estas nouas torna aa patria cara,  
Certos finais leuando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou  
Per força, dos que o Samorim mandâra,  
Quando os prefos feitores lhe tornou:  
Leua pimenta ardente que comprâra:  
A leca flor de Banda não ficou,  
A Noz, & o negro crauo, que faz clara  
A noua ilha Maluco, coa canella,  
Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouuera a deligencia  
De Monçaide fiel, que tambem leua,  
Que inspirado de Angelica influencia,  
Quer no liuro de Christo que se escreua,  
O ditofo .Affricano, que a clemencia  
Diuina afsi tirou defcura treua,  
E tam longe da patria achou maneira,  
Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas afsi da ardente costa,  
As venturofas naos, leuando a proa  
Pera onde a natureza tinha pofta

A Meta Austrina da esparança boa,  
Leuando alegres nouas & repofita,  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, temidos & ledos.

O prazer de chegar aa patria cara,  
A feus penates caros & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegaçam, os varios çeos, & gentes,  
Vir a lograr o premio, que ganhàra  
Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum, tem por gofio tam perfeito,  
Que o coração para elle he vafo eftreito.

Porem a Deofa Cipria, que ordenada  
Era pera fauor dos Lufitanos  
Do Padre eterno, & por bom genio dada  
Que fempres os guia ja de longos annos.  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem fofridos danos,  
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia  
Darlhe nos mares tristes alegria.

Deſpois de ter hum pouco reuoluido  
Na mente, o largo mar que nauegâção,  
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
Nas Amphioneas Thebas, fe caufarão,  
Ia trazia de longe no ſentido,  
Pera premio de quanto mal paſſarão,  
Buſcarlhe algum deleite, algum deſcanſo  
No Reino de criſtal liquida, & manſo.

Algum repouſo em fim, com que podeſſe  
Refucilar a laſſa humanidade  
Dos nauegantes feus, como intereſſe  
Do trabalho, que incurta a breue idade:  
Parecelhe razão que conta deſſe  
A ſeu filho, por cuja poteſtade

Os Deoses faz decer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo fereno.

Isto bem reuoluido, determina  
De terlhe aparelhada la no meio  
Das agoas, algũa infula diuina,  
Ornada de maltado & verde arreio:  
Que muitas tem no reino, que confina  
Da primeira co terreno feio,  
Afora as que passue soberanas,  
Pera dentro das portas Herculanais.

Ali quer que as aquaticas donzellas,  
Esperem os fortissimos barões,  
Todas as que tem titulo de bellas,  
Gloria dos olhos, dor dos corações,  
Com danças, & coreas, porque nellas  
Influirã secretas affeições,  
Pera com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tal manha buscou ja, pera que aquelle  
Que de Achises pario, bem recebido  
Fosse no campo que a bouina pelle  
Tomou de espaço, por futil partido:  
Seu filho vai buscar, porque so nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que assi como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, nestouta a ajude & figa.

No carro ajunta as aues, que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando,  
E aquellas em que ja foi conuertida  
Peristera, as boninas apanhando:  
Em derredor da Deosa ja partida,  
No ar lasciuous beijos se vão dando,  
Ella por onde passa o ar, & o vento  
Serenos faz, com brandos mouimentos.



Ia fobre os Idalios montes pende,  
Onde o filho frecheiro eſtaua então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer hũa famoſa expedição  
Contra o mundo reuelde, porque emende  
Erros grandes, que ha dias nelle eſtão,  
Amando couſas que nos forão dadas,  
Nam pera ſer amadas, mas vſadas.

Via Acteon na caça, tam auſtero,  
De cego na alegria bruta, infana,  
Que por ſeguir hum feo animal fero,  
Foge da gente, & bella forma humana:  
E por caſtigo quer doce, & ſeuero,  
Maltra lhe a fermofura de Diana,  
E guarde ſe nam ſeja inda comido  
Deſſes cães que agora ama, & conſumido.

E vê do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem publico imagina,  
Vê nelles, que não tem amor a mais  
Que a ſi ſomente, & a quem Philaucia inflina  
Vê que eſſes que frequentão os reais  
Paços, por verdadeira & ſaã doutrina  
Vendem adulação, que mal conſente  
Mandarſe o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza  
Amor diuino, & ao pouo charidade,  
Amão ſomente mandos, & riqueza,  
Simulãdo juſtiça, & integridade:  
Da fea tyrania & de alſpereza  
Fazem direito, & vã ſeueridade:  
Leis em fauor do Rei ſe estabelecem,  
As em fauor do pouo ſo perecem.

Vê em fim que ninguem ama o que deue,  
Se não o que ſomente mal deſeja,  
Não quer que tanto tempo ſe releue,

O castigo que duro, & justo seja:  
Seus ministros ajunta, porque leue  
Exercitos conformes aa peleja,  
Que espera ter coa mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
Estão em varias obras trabalhando,  
Hão amolando ferros passadores,  
Outros afeitas de fetas delgaçando,  
Trabalhando cantando estão de amores,  
Varios casos em verso modulando,  
Melodia sonora, & concertada,  
Suaue a letra, angelica a foadada.

Nas fragras immortais, onde forjauão,  
Pera as fetas as pontas penetrantes,  
Por lenha, corações ardendo estauão,  
Viuas entranhas inda palpitantes:  
As agoas onde os ferros temperauão,  
Lagrimas fã de míseros amantes,  
A viua flama, o nunca morto lume,  
Desejo he lo que queima, & não confume.

Algũs exercitando a mão andauão,  
Nos duros corações da plebe ruda,  
Crebros sospiros pelo ar soauão,  
Dos que feridos vão, da feta aguda,  
Fermosas Nymphas fã, as que curauão  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não fomenta dá vida aos mal feridos:  
Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas fã algũas, & outras feas,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veas,  
Curão no aas vezes ásperas triagas  
Algũs ficão ligados em cadeas,  
Por palauras futas de fabias Magas,

Isso acontece aas vezes quando as fetas  
Acertão de leuar eruas secretas.

Deftes tiros afsi defordenados,  
Que estes moços mal deftros vão tirando,  
Nascem amores mil desconcertados,  
Entre o pouo ferido miserando,  
E tambem nos heroes de altos eftados,  
Exemplos mil fe vem de amor nefando,  
Qual o das moças, Bibli, & Cynirea  
Hum mancebo de Afsiria, hum de Iudea.

E vos ô poderofa por paftoras  
Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
E por bayxos, & rudos vos lenhoras  
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
Hũs efperando andais nocturnas horas,  
Outros fubis telhados & paredes,  
Mas eu creyo que defte amor indino,  
He mais culpa a da mãy, que a da minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,  
Punhão os brancos Cifnes manfamente,  
E Dione, que as rofas entre a neue  
No rosto traz, decia diligente:  
O frecheiro, que contra o çeo fe atreue,  
A recebella vem, ledos, & contente,  
Vem todos os cupidos feruidores,  
Beijar a mão aa Deofa dos amores.

Ella porque não gafte o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia eftà fundada:  
Filho em quem minhas forças fempres eftão,  
Tu que as armas Tifeas tẽs em nada,  
A focorrer me a tua potestade,  
Me traz efpecial necefsidade.

Bem ves as Lufitanicas fadigas,  
Que eu ja de muito longe fauoreço,  
Porque das Parcas sey minhas amigas,  
Que me ande venerar & ter em preço,  
E porque tanto imitação as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
A quanto se estender o poder nosso.

E porque das infidias do odiofo  
Baco foram na India molestados,  
E das injurias foz do mar vndoso,  
Poderão mais fer mortos, que cansados:  
No mesmo mar, que sempre temeroso  
Lhe foi, quero que sejam repousados,  
Tomando aquelle premio, & doce gloria  
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas  
As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
Da mor dos Lufitanos encendidas,  
Que vem de descobrir o nouo mundo,  
Todas nãa ilha juntas & subidas,  
Ilha que nas entranhas do profundo  
Oceano, terei aparelhada,  
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali com mil refrescos & manjares,  
Com vinhos odoriferos, & rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:  
Em fim com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as Nymphas amorosas,  
Damor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no reino Neptunino  
Onde eu nasci, progenie forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil, malino,

Que contra tua potencia se reuela,  
Porque entendão que muro Adamantino,  
Nem triste hypocrefia val contra ella:  
Mal auerâ na terra quem se guarde,  
Se teu fogo imortal nas agoas arde.

Afsi Venus propos, & o filho inico  
Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
Com gesto ledô a Cipria, & impudico,  
Dentro no carro o filho seu recebe,  
Ha redea larga aas aues, cujo canto  
Ha Phaetontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido, que era necessaria  
Hũa famôfa, & celebre terceyra,  
Que poſto que mil vezes lhe he contraria,  
Outras muytas ha tem por companheyras:  
A Deôfa Gigantea temeraria,  
Iactante, mintiroſa, & verdadeyra,  
Que com cem olhos ve, & por onde voa  
O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a bulcar, & mandam a diante,  
Que celebrando va com tuba clara,  
Os louuores da gente nauegante,  
Mais do que nunca os doutrem celebrara  
Ia murmurando a fama penetrante  
Pelas fundas cauernas se eſpalhàra,  
Fala verdade, a vida por verdade,  
Que junto a Deôfa traz Credulidade.

O louuor grande, o rumor excellente  
No coração dos Deofes, que indinados  
Forão por Baco contra a illuſtre gente,  
Mudando os fez hum pouco afeyçoados:  
O peyto feminil, que leuemente  
Muda quaefquer propafitos tomados,

Ia julga por mau zelo, & por crueza  
Deferir mal a tanta fortaleza.

Despede nifto o fero moço as fetas  
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
Dereitas pelas ondas inquietas,  
Algũas vão, & algũas fazem giros:  
Caem as Nimphas, lançam das fecretas  
Entranhas ardentísimos folpiros,  
Cae qualquer, fem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,  
Com força o moço indomito excessiua,  
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:  
Ia não fica na aljaua feta algũa,  
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,  
E se feridas inda eftão viuendo,  
Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas vellas, & redondas,  
Que vem por cima da agoa Neptunina:  
Pera que tu reciproco respondas  
Ardente Amor aa flama feminina,  
He forçado que a pudicicia honesta  
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha  
Das Nereidas, & junto caminhaua  
Em coreas gentis, vfança velha,  
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
Ali a fermosa Deofa lhe aconselha  
O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
Ellas que vão do doce amor vencidas,  
Eftão a seu confelho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via  
Do mar ingente, pera a patria amada,  
Defejando prouer-se de agoa fria,  
Pera a grande viagem prolongada:  
Quando juntas com fubita alegria,  
Ouuerão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo çeo a mãi fermofa  
De Menonio, fuaue & deleitofa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,  
Que Venus pelas ondas lha leuaua  
(Bem como o vento leua branca vella)  
Pera onde a forte armada se enxergaua,  
Que porque não paffaffem, fem que nella  
Tomaffem porto, como defejaua,  
Pera onde as naos nauegão a mouia  
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas viſta, & demandada,  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Deofa aa caça vfada  
Pera la logo a proa o mar abrio,  
Onde a coſta fazia hũa enfeada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermofos outeiros se moſtrauão,  
Erguidos com ſoberba gracioſa,  
Que de gramineo eſmalte se adornauão,  
Na fermofa ilha alegre, & deleitofa:  
Claros fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tem viçofa,  
Por entre pedras aluas se diriua,  
A ſonorofa Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,  
Vinhão as claras agoas ajuntar-se,  
Onde hũa meſa fazem, que se estende

Tam bella, quanto pode imaginarfe:  
Aruoredo gentil fobre ella pende,  
Como que prompto estâ pera afeitarfe,  
Vendose no cristal resplandecente,  
Que em fi o estâ pintando propriamente:

Mil aruores estão ao çeo subindo,  
Com pomos odoriferos & bellos,  
A Laranjeira tem no fruto lindo  
A cor, que tinha Daphne nos cabellos.  
Encoftafe no chão, que estâ caindo  
A Cidreira cos pefos amarellos,  
Os fermofos limoões ali cheirando  
Estam virgineas tetas imitando.

As aruores agreftes, que os outeiros  
Tem com frondente coma emnobrecidos  
Alemos fam de Alcides, & os Loureiros  
Do louro Deos amados, & queridos:  
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros  
De Cybele por outro amor vencidos,  
Estâ apontando o agudo Ciparifo  
Pera onde he pofto o Etereo paraifo.

Os dões que dê Pomona, ali natura  
Produze diferentes nos labores,  
Sem ter necessidade de cultura,  
Que sem ella se dão muito milhores.  
As Cereijas porpureas na pintura,  
As Amoras, que o nome tem de amores,  
O pomo, que da patria Perfia veio,  
Milhor tornado no terreno alheio.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:  
Entre os braços do Vlmeiro estâ a jocunda  
Vide, cûs cachos roxos, & outros verdes:  
E vos se na voffa aruore fecunda  
Peras pyramidais viuer quiferdes,



Entregaiuos ao dano, que cos bicos,  
Em vos fazem os paffaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
Com que se cobre a ruftico terreno,  
Faz ser a de Achemenia menos dina:  
Mas o fombrio valle mais ameno:  
Ali a cabeça o flor Cyfilia inclina,  
Sobollo tanque lucido & sereno,  
Floreçe o filho & neto de Cyniras,  
Por quem tu Deofa Paphia inda fufpiras.

Pera julgar difficil coufa fora,  
No çeo vendo, & na terra as mefmas cores,  
Se daua aas flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha dam a ella as bellas flores:  
Pintando eftaua ali Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O Lirio roxo, a fresca Rofa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

A candida Cecêm das Matutinas  
Lagrimas ruciada, & a Manjarona,  
Venfe as letras nas flores Hyacintinas,  
Vem queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia Cloris com Pomona:  
Pois se as aues no ar cantando voão,  
Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cifne canta,  
Responde lhe do ramo Philomela,  
Da fombra de feus cornos nam se efpanta  
Acteon nagoa criftalina & bella:  
Aqui a fugace Lebre se leuanta  
Da efpeffa mata, ou temida Gazella,  
Ali no bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ô leue paffarinho.

Nesta frefcura tal defembarcauão  
Ia das naos os legundos Argonautas,  
Onde pela floresta fe deixauão  
Andar as bellas Deofas como incautas,  
Algũas doçes Cytaras tocauão,  
Algũas arpas, & fonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro fe fingião  
Seguir os animais, que nam leguião.

Afsi lho aconselhàra a meltra experta,  
Que andaffem pelos campos efpalhadas,  
Que vista dos barões a prefa incerta,  
Se fizeffem primeyro defejadas  
Algũas, que na forma defcuberta  
Do bello corpo eftauão confiadas,  
Pofta a artificiofa fermofura,  
nuas lauarfe deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
Punhão os pes de terra cubiçofos,  
Que não ha nenhum delles, que não faya  
De acharem caça agrefte defejofos:  
Não cuydão que fem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleytofos  
Tão fuaue, domestica, & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em efpingardas, & nas beftas  
Pera ferir os Ceruos fe fiauão,  
Pelos fombrios matos, & florestas  
Determinadamente fe lançauão:  
Outros nas fombras, que de as altas feftas  
Defendem a verdura, paffeauão  
Ao longo da agoa, que fuaue, & queda  
Por aluas pedras corre aa praya leda.

Começão de enxergar fubitamente  
Por entre verdes ramos varias cores,  
Cores de quem a vifta julga, & fente,

Que não erão das rofas, ou das flores,  
Mas da lam fina, & feda diferente  
Que mais incêta a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rofas,  
Fazendose por arte mais fermosas.

Da Velofo espantado hum grande grito,  
Senhores caça estranha disse he esta,  
Se inda durão o Gentio antigo rito,  
A Deofas he sagrada esta floresta:  
Mais descobrimos do que humano espirito  
Desejou nunca, & bem se manifesta  
Que lam grandes as coufas, & excellentes  
Que o mundo encobre aos homens imprudêtes.

Sigamos estas Deofas, & vejamos,  
Se fantasticas lam, se verdadeiras,  
Isto dito velloces mais que Gamos,  
Selançam a correr pelas ribeiras:  
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,  
Mas mais industriosas que ligeiras,  
Pouco & pouco furrindo, & gritos dando,  
Se deixão yr dos Galgos alcançando.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
Acendefe o desejo que se ceua  
Nas aluas carnes subito mostradas,  
Hũa de industria cae, & ja releua  
Com mostras mais mafias, que indinadas,  
Que sobre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguio pela arenofa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
Com as Deofas despidas, que se lauão,  
Ellas começam subito a gritar,  
Como que affalto tal nam esperauão,  
Hũas fingindo menos estimar  
A vergonha, que a força, se lançauão

Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que aas mãos cobiçofas vão negando.

Outra como acudindo mais de preffa,  
Aa vergonha da Deofa caçadora,  
Efconde o corpo nagoa, outra fe apreffa  
Por tomar os vestidos, que tem fora:  
Tal dos mancebos ha, que fe arremeffa  
Vestido afsi & calçado (que co a mora  
Deffe despir, ha medo que inda tarde)  
A matar na agoa o fogo que nelle arde.

Qual tão de caçador fagaz, & ardido,  
Vfado a tomar na agoa a aue ferida,  
Vendo rofto o ferreo cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,  
Antes que foe o eftouro, mal fofrido  
Salta nagoa, & da prefa nam duuîda,  
Nadando vay & latindo, afsi o mancebo  
Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo foldado bem despofto,  
Manhofo, caualleiro, & namorado,  
A quem amor não dera hum fo desgosto,  
Mas fempre fora delle mal tratado:  
E tinha ja por firme profuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porem não que perdesse a efperança,  
De inda poder feu fado ter mudança.

Quis aqui fua ventura, que corria  
Apos Efire, exemplo de belleza,  
Que mais caro que as outras dar queria,  
O que deu para darfe a natureza,  
Ia canfado correndo lhe dizia.  
O fermofura indigna de afpereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Efpera hum corpo de quem leuas a alma.

Todas de correr canlam, Nimpha pura,  
Rendendo se aa vontade do inimigo,  
Tu so de my so foges na espeffura?  
Quem te disse que eu era o que te figo?  
Se to tem dito ja aquella ventura,  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
O nam na creas, porque eu quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canfes, que me canfas: & se queres  
Fujirme, porque nam possa tocarte,  
Minha ventura he tal, que inda que esperes  
Ella farâ que nam possa alcançarte:  
Espera, quero ver, se tu quiseres,  
Que futil modo busca de escaparte,  
E notarâs no fim deste successo,  
Tra la spica & la man, qual muro he meffo.

O não me fujas, alsi nunca o breue  
Tempo fuja de tua fermofura,  
Que so com refrear o passo leue,  
Vencerâs da fortuna a força dura:  
Que Emperador, que exercito se atreue.  
A quebrantar a furia da ventura,  
Que em quanto desejei me vai seguindo,  
O que tu so faras nam me fugindo?

Põe-te da parte da desdita minha?  
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:  
Leuas me hum coração, que liure tinha?  
Solta mo, & corras mais leuemente.  
Não te carrega essa alma tam mezquinha,  
Que nessas fias de ouro reluzente  
Atada leuas? ou depois de presa  
Lhe mudaste a ventura, & menos presa?

Nesta esperanza so te vou seguindo,  
Que ou tu nam sofrerâs o peso della,  
Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudarâs a triste & dura estrellâ.  
E se se lhe mudar, nam vas fugindo,  
Que Amor te ferirà, gentil donzella,  
E tu me esperarâs, se Amor te fere,  
E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nimpha, tanto  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por yr ouuindo o doce canto,  
As namoradas magoas que dizia:  
Voluendo o rosto ja sereno & sancto,  
Toda banhada em riso, & alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.

O que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soaua,  
Que afagos tam suaves, que yra honesta  
Que em risinhos alegres se tornaua:  
O que mais passam na menhã, & na festa  
Que Venus com prazeres inflamaua,  
Milhor he esprimentalo que julgalo,  
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Defta arte em fim conformes ja as fermosas  
Nimphas, cos seus amados nauegantes,  
Os ornão de capellas deleitosas,  
De louro, & de ouro, & flores abundantes:  
As mãos aluas lhe dauão como esposas  
Com palauras formais, & estipulantes,  
Se prometem eterna companhia  
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha  
Todo o coro das Nimphas, & obedece,  
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
O que no gesto bello se parece,  
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,  
O Capitão illustre que o mereçe,

Recebe ali com pompa honesta, & rêgia,  
Mostrando se senhora grande, & egregia.

Que depois de lhe ter dito quem era,  
Cum alto exordio de alta graça ornado,  
Dando lhe a entender, que ali viera  
Por alta influçam do imobil fado,  
Pera lhe descobrir da vnida esphera,  
Da terra immensa, & mar não nauegado  
Os segredos, por alta prophesia,  
O que esta sua naçam lo merecia:

Tomando o pela mão a leua, & guia  
Pera o cume dum monte alto, & diuino,  
No qual hũa rica fabrica se erguia  
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:  
A maior parte aqui passam do dia  
Em doçes jogos, & em prazer contino,  
Ella nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras entre as flores.

Afsi a fermofa, & a forte companhia,  
O dia quasi todo estão passando,  
Nãa alma, doçe, incognita alegria,  
O trabalhos tam longos compenfando:  
Porque dos feitos grandes, da oufadia  
Forte & famofa, o mundo està guardando  
O premio la no fim bem merecido,  
Com fama grande, & nome alto & subido.

Que as Nimphas do Oceano tam fermofas,  
Thetis & a Ilha angelica pintada,  
Outra coufa nam he, que as deleitofas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preminencias gloriofas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha  
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as alas inclitas da fama,  
Por obras valerosas, que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto & fragoso:  
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte  
Por feitos imortais & soberanos,  
O mundo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão, sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana  
Todos forão de fraca carne humana.

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos  
De Deoses, Semideoses immortais  
Indigetes, Eroicos, & de Magnos  
Por isso, o vos que as famas estimaes,  
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
Despertaes ja do sono do ocio ignauo,  
Que o animo de liure faz escrauo.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
E na ambiçam tambem, que indignamente  
Tomais mil vezes, & no torpe & escuro  
Vicio da tirania infame, & vrgente:  
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
Verdadeiro valor nam dão aa gente,  
Melhor he merecellos, sem os ter  
Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dem o dos pequenos,  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,



Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
Fareis os Reinos grandes, & possantes  
E todos tereis mais, & nenhum menos  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
Agora cos conselhos bem cuidados,  
Agora co as espadas, que immortais  
Vos farão, como os vossos ja passados:  
Impossibilidades não façais,  
Que quem quis sempre pode: & numerados  
Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
E nesta ilha de Venus recebidos.

**F I M.**

☛ Canto Decimo & ultimo.

Mas ja o claro ama-  
dor da Lariffa  
Adultera, inclinava os animais,  
La para o grande lago, que rodea  
Temistitão, nos fins Occidentais:  
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
Co sopro, que nos tanques naturais  
Encrespa a agoa ferena, & despertava  
Os Lirios, & Iazmins que a calma agrava.

Quando as fermosas Ninfas cos amantes  
Pella mão ja conformes & contentes,  
Subião pera os paços radiantes,  
E de metais ornados reluzentes:  
Mandados da Rainha, que abundantes  
Mefas, daltos manjares, excelentes,  
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
Reftaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristalinhas,  
Se affentão, dous & dous, amante & dama,  
Noutras aa cabeceira douro finas,  
Està coa bella Deofa o claro Gama:  
De ygoarias suaues & diuinas  
A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
Se accumulão os pratos de fuluo ouro,  
Trazidos la do Atlantico tefouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
Estão não fo do Italico Falerno,  
Mas da Ambrosia, que Ioue tanto estima,  
Com todo o ajuntamento sempiterno:  
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
Crespas escumas erguem, que no interno  
Coração mouem subita alegria,  
Saltando coa miftura dagoa fria.

Mil praticas alegres se tocauão,  
Rífos doces, fúris, & argutos ditos,  
Que entre hũ & outro mãjar se aleuantauão  
Despertando os alegres apatitos:  
Muficos instrumentos não faltauão,  
Quais no profundo reyno, os nus espiritos  
Fizerão descanfar da eterna pena,  
Cũa voz dhũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos  
Que pellos altos paços vão loando,  
Em consonancia ygoal, os instrumentos  
Suaues vem a hum tempo conformando:  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz hir docemente murmurando  
As agoas, & nas cascas naturais  
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao cco  
Altos varões, que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideas via Protheo,

Num globo vão, diafano, rotundo,  
Que Iupiter em dom lho concedeo  
Em sonhos, & despois no reino fundo  
Vaticinando o diffe, & na memoria  
Recolheo logo a Ninfa a clara hiftoria.

Materia he de Coturno, & não de Soco  
A que a Nimpha aprendeo no immenso lago:  
Qual Yopas não foubes, ou Demodoco,  
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
Aqui minha Caliope te inuoco  
Neste trabalho extremo, porque em pago,  
Me tornes, do q̃escreuo, & em vão pretendo,  
O gofio de efcreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Eftio  
Ha pouco que paffar ate o Otono,  
A fortuna me faz o engenho frio,  
Do qual ja não me jacto, nem me abono:  
Os desgostos me vão leuando ao rio  
Do negro efquecimento, & eterno fono,  
Mas tu me dê que cumpra, ò grão Rainha  
Das Mufas, cô que quero aa nação minha.

Cantava a bella Deofa, que virião  
Do Tejo, pello mar que o Gama abrîra,  
Armadas que as ribeiras vencerião,  
Por onde o Oceano Indico fofpira:  
E que os Gentios Reis, que não darião  
A ceruiz fua ao jugo, o ferro & yra  
Prouarião do braço duro & forte,  
Ate renderfe a elle, ou logo aa morte.

Cantava dhum que tem nos Malabares  
Do fumo facerdocio a dignidade,  
Que fo por não quebrar cos lingulares  
Baroẽs, os nos que dera damizade,  
Sofrerâ fuas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira & crueldade

Ver destruir do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

E canta como la se embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em li ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lufitano:  
O peço sentirão, quando entraria,  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do falgado & curuo rio,  
Desbaratarã os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
Despanto o ardor imenso do Oriente  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamarã o Samorim mais gente noua:  
Virão Reis Bipur, & de Tânôr,  
Das ferras de Narfinga, que alta proua  
Estarão prometendo a seu senhor:  
Farãque todo o Naire em fim se moua,  
Que entre Calicû jaz, & Cananor,  
Dambas as leis inimigas, para a guerra,  
Mouros por mar, Gentios pela terra.

E todos outra vez desbaratando,  
Por terra, & mar, o grão Pacheco oufado,  
A grande multidão que yrã matando,  
A todo o Malabar terá admirado:  
Cometerã outra vez não dilatando  
O Gentio os combates apressado,  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Em vão aos Deuses vão, furdos, & imotos

Ia não defenderâ fomento os paffos,  
Mas queimar lhe ha lugares, templos, cafas:  
Acefo de yra o Cão, não vendo laffos  
Aquelles que as cidades fazem rafas:  
Farà que os feus de vida pouco efcaffos,  
Cometão o Pacheco que tem afas  
Por dous paffos num tempo, mas voando  
Dhum outro, tudo yrâ desbaratando.

Virâ ali o Samorim, porque em peffoa  
Veja a batalha, & os feus esforce, & anime,  
Mas hum tiro, que com zonido voa,  
De fangue o tingirâ no andor fublime:  
Ia não verâ remedio, ou manha boa,  
Nem força, que o Pacheco muito eftime,  
Inuentara traiçoës, & vãos venenos,  
Mas fempre (o ceo querendo) farâ menos.

Que tornarâ a vez feptima, cantaua,  
Pellejar co inuicto & forte Lufo,  
A quem nenhum trabalho pefa, & agraua,  
Mas com tudo efte fo o farâ confufo:  
Trarâ pera a batalha horrenda, & braua,  
Machinas de madeiros fora de vfo,  
Pera lhe abalroar as Carauellas,  
Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa levarâ ferras de fogo  
Pera a brafarlhe quanta armada tenha,  
Mas a militar arte, & engenho, logo  
Farâ fer vaã a braueza com que venha:  
Nenhum claro barão no Martio jogo,  
Que nas afas da fama fe fostenha,  
Chega a efte, que a palma a todos toma,  
E perdoeme a illuftre Grecia, ou Roma.

Porque tantas batalhas fofitentadas  
Com muito pouco mais de cem foldados,  
Com tantas manhas, & artes inuentadas

Tantos Cães não imbelles profligados:  
Ou parecerão fabulas lonhadas,  
Ou que os celestes Coros inuocados  
Decerão a ajudallo, & lhe darão  
Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios  
O grão poder de Dario eſtrue, & rende,  
Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
O paſſo de Termopilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos Aufonios,  
Que com todo o poder Tulco contende  
Em defenſa da ponte, ou Quinto Fabio  
Foy como este na guerra forte & fabio.

Mas neste paſſo a Nimpha o ſom canoro  
Abaxando, fez ronco, & entriſtecido,  
Cantando em baxa voz enuolta em choro  
O grande eſforço mal agardecido:  
O Belifario, diſſe, que no coro  
Das Muſas feras ſempre engrandecido,  
Se em ti viſte abatido o brauo Marte,  
Aqui tens com quem podes conſolarte.

Aqui tens companheiro aſſi nos feitos  
Como no galardão injusto & duro,  
Em ti & nelle veremos altos peitos,  
A baxo eſtado vir humilde, & eſcuro:  
Morrer nos hofpitaes em pobres leitos,  
Os que ao Rey, & aa ley ſeruem de muro,  
Iſto fazem os Reys, cuja vontade  
Manda mais que a juſtiça & que a verdade.

Iſto fazem os Reis, quando embebidos  
Nũa apparencia branda que os contenta,  
Dão os premios de Aiace merecidos,  
Aa lingua vaã de Vliffes fraudulenta:  
Mas vingome que os bens mal repartidos  
Por quem ſo doces ſombras apresenta,

Se não os dão a fabios caualeiros,  
Dãos os logo a auarentos lifongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado  
Hum tal vaffalo, o Rey fo nisto inico,  
Se não es para darlhe honrofo eftado,  
He elle pera darte hum reino rico:  
Em quanto for o mundo rodeado  
Dos Apolineos rayos, eu te fico  
Que elle feja entre a gente illuftre & claro  
E tu nifto culpado por auaro.

Mas eis outro, cantaua, intitulado  
Vem com nome real, & traz contigo  
O filho, que no mar ferâ illustrado  
Tanto como qualquer Romano antigo:  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quiloa fertil alpero castigo,  
Fazendo nella Rey leal, & humano,  
Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaça, que se arrea  
De calas fumptuofas, & edificios,  
Co ferro, & fogo feu, queimada, & fea,  
Em pago dos paffados maleficios:  
Despois na cofta da India, andando chea  
De lenhos inimigos, & arteficios,  
Contra os Lufos: com vellas, & com remos  
O mancebo Lourenço farà eftremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,  
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,  
Que fae com trouão do cobre ardente,  
Farà pedaços leme, masto, vela,  
Despois lançando arpeos oufadamente  
Na capitania inimiga: dentro nela  
Saltando, a farâ fo com lança & efpada  
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas de Deos a escondida prouidencia,  
Que ella fo sabe o bem de que se ferue,  
O porâ onde esforço, nem prudencia  
Poderâ auer, que a vida lhe referue:  
Em Chaul, onde em fangue & refistencia  
O mar todo com fogo & ferro ferue,  
Lhe farão, que com vida se não faya  
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço, fo com força rende,  
Os ventos que faltâão, & os perigos  
Domar, que lobejâão, tudo o ofende:  
Aqui refurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,  
Outro Sceua verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que paffara,  
Se ferue inda dos animofos braços,  
E do grão coração, que lhe ficâra:  
Ate que outro pilouro quebra os laços,  
Com que co alma o corpo se liâra,  
Ella folta voou da prifam fora,  
Onde fubito se acha vencedora.

Vâyte alma em paz da guerra turbulenta,  
Na qual tu merecefte paz ferena,  
Que o corpo que em pedaços se apresenta,  
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
De Efperas, Bafilifcos, & Trabucos,  
A Cambalcos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo eftupendo,  
Trazendo furia & magoa por antolhos,  
Com que o paterno amor lhe estâ mouendo



Fogo no coração, agoa nos olhos:  
A nobre yra lhe vinha prometendo,  
Que o fangue farâ dar pellos gíolhos  
Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,  
Podelo ha o Indo ver, & o Gange ouíulo.

Qual o Touro ciofo, que se enfaya  
Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
No tronco dhum Carualho, ou alta Faya  
E o âr ferindo, as forças esprimenta:  
Tal, antes que no feyo de Cambaya  
Entre Francifco irado na opulenta  
Cidade de Dabul, a espada afia,  
Abaxandolhe a tumida oufadia.

E logo entrando fero na enfeada  
De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
Farâ espalhar a fraca & grande armada,  
De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Farâ yr ver o frio & fundo affento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
A furia esparará dos vingadores,  
Verâ braços & pernas yr nadando,  
Sem corpos, pello mar, de feus senhores,  
Rayos de fogo yrão representando,  
No cego ardor, os brauos domadores,  
Quanto ali sentirão olhos, & ouuidos,  
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta próspera vitoria,  
Com que deſpois virâ ao patrio Tejo,  
Quafi lhe roubarâ a famosa gloria  
Hum ſucceſſo que triste & negro vejo,  
O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos offos guardarâ: não terá pejo

De tirar deste mundo aquelle espírito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.

Ali Cafres feluagens poderão,  
O que destros immigos não poderão,  
E rudos paos tostados los farão,  
O que arcos & pelouros não fizerão,  
Occultos os juizos de Deos fam,  
As gentes vaãs que não nos entenderão,  
Chamãolhe fado mao, fortuna escura,  
Sendo lo prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir linto,  
Dizia a Ninfa, & a voz aleuantaua,  
La no mar de Molinde em fangue tinto  
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
Serâ feo nome, em todo o mar que laua  
As ilhas do Auftro, & praias, que se chamão  
De fam Lourêço, & em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentes  
Armas, com que Albuquerque yra amãfand  
De Ormuz os Parfeos, por feo mal valentes,  
Que refulam o jugo honroso & brando:  
Ali verão as letas estridentes  
Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
Contra quem as tirou, que Deos paleja  
Por quem estende a fe da madre Igreja.

Ali do fal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar se estendem  
De Gerum, de Mozcate, & Calayate:  
Ate que a força lo de braço aprendem  
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate  
Obrigaçã de dar o reyno inico  
Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illustriſsima de Goa:  
Depois, obedecendo ao duro enſejo  
A deixa, & ocaſião eſpera boa,  
Com que a torne a tomar, que eſforço & arte  
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna & vây rompendo  
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
Abrindo cõ a espada o espeffo, & horrendo  
Elquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Irão foldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina  
Sera da Egipcia sancta Caterina.

Nem tu menos fugir poderas deste,  
Polto que rica, & posto que affentada  
La no gremio da Aurora, onde naceste,  
Opulenta Malaca nomeada:  
As fetas venenosas que fizeste,  
Os Crifes com que ja te vejo armada,  
Malaioz namorados, Iaos valentes  
Todos faras ao Lufo obedientes.

Mais estanças cantâra esta Syrena  
Em louuor do illustriſſimo Albuquerque,  
Mas alembroulhe hũa yra que o condena,  
Polto que a fama sua o mundo cerque:  
O grande capitão, que o fado ordena  
Que com trabalhos gloria eterna merque,  
Mais ha de ser hum brando companheiro  
Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas  
Doenças, frechas, & trouoës ardentes,  
A fazão, & o lugar fazem cruezas  
Nos foldados a todo obedientes:  
Parece de feluaticas brutezas,  
De peitos inhumanos & insolentes,  
Dar extremo suplicio pella culpa  
Que a fraca humanidade & Amor desculpa.

Não ferâ a culpa abominoso incesto,  
Nem violento estupro em virgem pura,

Nem menos adulterio defoneſto,  
Mas cũa eſcraua vil laſciua & eſcura:  
Se o peito ou de cioſo, ou de modeſto,  
Ou de vſado a crueza fera & dura,  
Cos ſeus hũa ira infana não refrea,  
Poẽ na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado  
Da ſua Campaſpe, & deulha alegremente,  
Não ſendo ſeu ſoldado eſprimentado,  
Nem vendofe num cerco duro & vrgente:  
Sentia Ciro que andaua ja abraſado  
Araſpas, de Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & prometia  
Que nenhum mao deſejo o venceria.

Mas vendo o Illuſtre Perſa, que vencido  
Fora de amor, que em fim não tem defenſa,  
Leuemente o perdoa, & foy ſeruido  
Delle num caſo grande em recompenſa.  
Per força de Iudita foy marido  
O ferreo Balduuino, mas diſpenſa  
Carlos pay della, poſto em couſas grandes,  
Que viuia, & pauoador ſeja de Frandes.

Mas profeguindo a Nimpha o longo canto,  
De Soarez cantaua, que as bandeiras  
Faria tremolar, & por eſpanto,  
Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
Madina abominabil teme tanto,  
Quanto Meca, & Gidâ, coas derradeiras  
Prayas de Abafia: Barborâ ſe teme,  
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
Ia pello nome antigo tão famoſa,  
Quanto agora ſoberba, & ſoberana,  
Pella Cortiça calida, cheiroſa,  
Della dar â tributo aa Luſitana

Bandeira, quando excelfa, & gloriofa  
Vencendo se erguerã na torre erguida,  
Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas  
Diuidindo, abrirã nouo caminho,  
Pera ti grande Imperio que te arreas  
De feres de Candace, & Sabã ninho:  
Maçuã com Cisternas de agoa cheas  
Verã, & o porto Arquico ali vizinho,  
E fara descobrir remotas ilhas,  
Que dão ao mundo nouas marauilhas.

Virã depois Menefes, cujo ferro  
Mais na Africa, que cã terã prouado:  
Castigarã de Ormuz Soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
Tambem tu Gama, em pago do desterro  
Em que estã, & ferã inda tornado,  
Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,  
Virã mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,  
De quem ninguems se exime dos humanos,  
Illustrado coa Regia dignidade,  
Te tirarã do mundo & seus enganos:  
Outro Menefes logo, cuja ydade  
He mayor na prudencia, que nos anos,  
Gouernarã, & farã o ditofo Henrique,  
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerã fomite os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coulete,  
Cometendo as Bombardas, que nos ares  
Se vingão fo do peito que as comete:  
Mas com virtudes certo singulares,  
Vence os immigos dalma todos sete,  
De cubiça triumphã, & incontinencia,  
Que em tal idade he fuma de excellencia.

Mas depois que as estrellas o chamarem,  
Socederão o forte Mozcarenhas,  
E se injustos o mando te tomarem,  
Prometote que fama eterna tenhas:  
Pera teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroados,  
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos,  
Num só dia as injurias de mil anos  
Vingarão, com valor de illustres peitos,  
Trabalhos & perigos inhumanos,  
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,  
Tudo fico que rompas & fometas.

Mas na India cubica & ambição,  
Que claramente põem aberto o rosto  
Contra Deos, & Justiça, te farão  
Vituperio nenhum, mas só desgosto:  
Quem faz injuria vil, & sem razão  
Com forças & poder, em que está posto,  
Não vence, que a victoria verdadeira,  
He saber ter justiça nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
Será no esforço illustre, & afinalado,  
Mostrando se no mar hum feroz rayo,  
Que de inimigos mil verá qualhado:  
Em Bacanôr fará cruel enfado  
No Malabar, pera que amedrontado  
Depois a ser vencido delle venha  
Cutiãle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
Que Chaul temerá de grande & ousada,  
Fará com a vista só perdida & rota,

Por Heitor da Silueira, & destroçada:  
Por Heitor Portugues, de quem se nota,  
Que na Costa Cambaica sempre armada,  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto já foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz locederà  
Cunha, que longo tempo tem o leme,  
De Chale as torres altas erguerâ,  
Em quanto Dio illustre delle treme,  
O forte Baçaím se lhe darâ,  
Não sem sangue porem, que nelle geme  
Melique, porque a força fo de espada  
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras este vem Noronha, cujo Auspicio  
De Dio os Rumes feros afugenta,  
Dio que o peito & bellico exercicio  
De Antonio da silueira bem sustenta:  
Fará em Noronha a morte o vldo officio,  
Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimêta  
No gouerno do Imperio, cujo zelo  
Com medo o roxo mar fará amarelo,

Das mãos do teu Esteuão vem tomar  
As redeas hum, que já fera illustrado  
No Brasil, com vencer & castigar  
O Pirata Frances ao mar vldo:  
Depois Capitão mor do Indico mar,  
O muro de Dâhão soberbo & armado,  
Escala, & primeiro entra a porta aberta  
Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbíssimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Porque contra o Mogor poderofissimo  
Lhe ajude a defender o senhorio:  
Depois yrà com peito esforçadissimo  
A tolher que não passe o Rey Gentio,



De Calecu, que afsi com quantos veyo  
O farâ retirar de fangue cheyo

Destroirâ a cidade Repelim,  
Pondo o feu Rey com muitos em fugida:  
E despois junto ao Cabo Comorim  
Hũa façanha faz esclarecida,  
A frota principal da Samorim,  
Que destruir o mundo não duuida,  
Vencerâ co furor do ferro & fogo,  
Em fi verâ Beadâla o Morcio jogo.

Tendo afsi limpa a India dos immigos,  
Virâ despois com cetro a gouernala,  
Sem que ache refiftencia, nem parigos,  
Que todos tremem delle, & nenhum fala:  
So quis prouar os asperos castigos  
Baticalâ, que virâ ja Beadala,  
De fangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouoês desfeita & fea.

Elte fera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em confelho fabio & bem cuidado:  
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte  
Portugues terâ sempre leuantado,  
Conforme fuccelfor ao fuccedido  
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Perfas feroces, Abalsis & Rumes  
Que trazido de Roma o nome tem,  
Varios de gestos, varios de costumes  
Que mil nações ao cerco feras vem  
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes  
Porque hũs poucos a terra lhe detem,  
Em fangue Portugues juram defcridos  
De banhar os bigodes retorcidos.

Bafilifcos medonhos & Liões,  
Trabucos feros, minas encubertas,  
Sultenta Mozcarenhas cos barões,  
Que tam ledos as mortes tem por certas:  
Ate que nas mayores opressões  
Castro libertador, fazendo ofertas  
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,  
Onde o violento fogo com ruido,  
Em pedaços os muros no ar leuanta,  
Será ali arrebatado, & ao ceo subido:  
Alvaro quando o inverno o mundo espanta,  
E tem o caminho humido impedido,  
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
Os ventos, & depois os inimigos.

Eis vem depois, o pay, que as ondas corta  
Co restante da gente Lufitana  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha da felice & soberana:  
Hũs paredes subindo escufam porta,  
Outros a abrem, na fera esquadra infana,  
Feitos farão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em vêrfo, ou larga historia.

Este depois em campo se apresenta  
Vencedor forte & intrepido, ao possante  
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão pradrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydalcham do braço triumphante  
Que castigando vay Dâbul na costa  
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes,  
Dinos todos de fama & marauilha,  
Fazendose na terra brauos Martes,

Virão lograr os gostos desta Ilha:  
Varrendo triumphantes estandartes  
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
E acharão estas Nymphas & estas mefas,  
Que glorias & hōras fã de arduas empresas

Afsi cantava a Nimpha & as outras todas  
Com sonoro aplauso vozes dauão,  
Com que festejão as alegres vodas,  
Que com tanto prazer se celebravão:  
Por mais que da Fortuna andem as rodas  
Nã confina voz todas soavão,  
Nã vos hão de faltar gente famosa,  
Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
Se satisfiz do mantimento nobre,  
E na harmonia & doce suavidade,  
Virão os altos feitos, que descobre,  
Thetis de graça ornada, & gravidade,  
Pera que com mais alta gloria dobre,  
As festas deste alegre & claro dia,  
Pera o felice Gama afsi dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia  
Suprema, de cos olhos corporais  
Veres, o que não pode a vã ciencia  
Dos errados & míseros mortais:  
Sigueme firme, & forte, com prudencia  
Por este monte espelso, tu cos mais.  
Afsi lhe diz, & o guia por hum mato  
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Nã andão muito que no erguido cume  
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,  
De Esmeraldas, Rubis, tais que perfume  
A vista, que diuino chão pisava:  
Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
Clarissimo por elle penetraua,

De modo que o seu centro esta evidente,  
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,  
Mas enxergasse bem que está composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Compos, & hum centro a todos so tem posto:  
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca fergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rosto  
Por toda a parte tem, & em toda a parte  
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sofstido,  
Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
Vendo o Gama este globo, comouido  
De espanto & de desejo ali ficou,  
Dizlhe a Deosa, O trafunto reduzido  
Em pequeno volume aqui te dou,  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas, & yrãs, & o que desejas.

Ves aqui a grande machina do mundo,  
Eterea, & elemental, que fabricada  
Assi foy do saber alto, & profundo,  
Que he sem principio, & meta limitada,  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo, & sua superficie tão limada,  
He Deos, mas o q̃he Deos ninguẽ o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando  
Os outros mais pequenos, que em si tem,  
Que estã com luz tão clara radiando,  
Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
Empireo se nomea, onde logrando  
Puras ahnas estão de aquelle bem,  
Tamanho, que elle so se entende & alcança,  
De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui fo verdadeiros gloriosos  
Diuos eftão, porque eu, Saturno & Iano,  
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos  
Fingidos de mortal & cego engano:  
So pera fazer verfos dedeitofos  
Seruimos, & fe mais o trato humano  
Nos pode dar, he fo que o nome noffo  
Nestas eftrellas pos o engenho voffo.

E tambem porque a fanta prouidencia,  
Que em Iupiter aqui fe representa,  
Por efpiritos mil, que tem prudencia,  
Gouerna o mundo todo, que fultenta:  
Infinalo a prephetica fciencia,  
Em muitos das exemplos, que aprefenta,  
Os que fam bõs, guiando fauorecem,  
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varâ,  
Agora deleitando, ora infinando,  
Darlhe nomes, que a antiga Poefia  
A feus Deofes ja dera, fabulando:  
Que os Anjos de celefte companhia  
Deofes o facro verfo eftâ chamando,  
Nem nega que effe nome preminente,  
Tambem aos maos fe dà, mas fallamente.

Em fim que o fumo Deos, que por segundas  
Cauſas obra no mundo, tudo manda:  
E tornando a contarte das profundas  
Obras da mão diuina veneranda,  
Debaxo defte circulo onde as mundas  
Almas diuinas gozão, que não anda,  
Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
Que não fe enxerga, he o Mobile primeiro.

Com effe rapto, & grande mouimento,  
Vão todos os que dentro tem no feyo,  
Por obra defte, o Sol andando atento

O dia & noite faz, com curfo alheyo:  
Debaxo defte leue anda outro lento,  
Tam lento, & fojugado a duro freyo,  
Que em quanto Phebo, de luz nunca efcaffo,  
Dozentos curfos faz, dê elle hum paffo.

Olha estoutro debaxo, que emaltado  
De corpos lifos anda, & radiantes,  
Que tambem nelle tem curfo ordenado,  
E nos feus axes correm fcintilantes:  
Bem ves como fe vefte, & faz ornado  
Co largo cinto douro, que estellantes  
Animais doze traz afigurados,  
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
Que as eftrellas fulgentes vão fazendo.  
Olha a carreta, atenta a Cinofura,  
Andromeda, & feu pay, & o drago horrêdo:  
Vê de Calsiopea a fermofura,  
E do Oriente o gesto turbulento,  
Olha o Cifne morrendo que fofpira,  
A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo defte grande firmamento,  
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
Iupiter logo faz o mouimento,  
E Marte abaxo bellico inimigo,  
O claro olho do ceo no quarto affento,  
E Venus, que os amores traz configo,  
Mercurio de eloquencia foberana,  
Com tres roftos debaxo vay Diana.

Em todos eftes orbes, differente  
Curfo veras, nũs graue, & noutros leue:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra eftão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,

Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
E tem co mar a terra por feu centro.

Neste centro poufada dos humanos,  
Que não fomenta oufados fe contentão  
De soffrerem da terra firme os danos  
Mas inda o mar instabil esprimentão,  
Virâs as varias partes, que os infanos  
Mares diuidem, onde fe apoufentão  
Varias nações, que mandão varios Reis,  
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves Europa Christã mais alta & clara  
Que as outras em policia, & fortaleza:  
Ves Africa dos bens do mundo auara,  
Inculta, & toda chea de bruteza,  
Co Cabo que ate qui fe vos negâra,  
Que assentou para o Austro a natureza:  
Olha effa terra toda, que fe habita  
Deffa gente sem ley, quasi infinita.

Vé do Benomotapa o grande imperio,  
De seluatica gente, negra & nua:  
Onde Gonçalo morte & vituperio  
Padecerâ, polla fe sancta lua:  
Nace por aste incognito Hemispherio  
O metâl, por que mais a gente sua,  
Ve que do lago, donde fe derrama  
O Nilo, tambem vindo estâ Cuama.

Olha as cafas dos negros, como estão  
Sem portas, confiados em seus ninhos  
Na justiça real, & defenlam,  
E na fidelidade dos vizinhos:  
Olha delles a bruta multidão  
Qual bando espelfo & negro de Estorninhos,  
Combaterà em Sofala a fortaleza,  
Que defenderâ Nhaya com destreza.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que não foubirão os antigos,  
velo rega, gerando o Crocodilo,  
Os poucos Abalsis de Chrifto amigos,  
Olha como sem muros (novo estilo)  
Se defendem melhor dos inimigos,  
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
Que ora dos naturais Nobê se chama.

Nefta remota terra, hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos lerá claro,  
Ha de ser dom Chriftoão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Ve cá a Costa do mar, onde te deu  
Melinde hospício gafalhofo & caro  
O Rapto rio nota, que o romance  
Da terra chama Obê, entra em Quilmance.

O Cabo ve já Aromêta chamado,  
E agora Goardofê dos moradores,  
Onde começa a toca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores  
Este como limite está lançado  
Que divide Ásia de Africa, & as milhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçua sam, Arquico, & Suamquem.

Ves o extremo Suez, que antigamente  
Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
Outros dizem que Arfinoe, & ao presente  
Tem das frotas do Egipto a potestade:  
Olha as agoas, nas quaes abriu patente  
Estrada o gran Moufes na antiga ydade  
Ásia começa aqui, que se apresenta  
Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
Co sepulchro de sancta Caterina,  
Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece



Agoa das fontes doce, & cristalina:  
Olha as portas do estreito, que fenece  
No reyno da feca Adem, que confina  
Com a ferra Darzira, pedra viua,  
Onde chuua dos Ceos se não deriuu.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
Donde vem os caualos pera a guerra  
Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
Olha a cofta que corre ate que cerra  
Outro estreito de Perfia, & faz a traça  
O Cabo, que co nome se apellida,  
Da cidade Fartaque ali sabida,

Olha Dofar infigne, porque manda  
O mais cheirofo encenço pera as aras:  
Mas atenta ja ca deftroutra banda  
De Roçalgate, & prayas fempore auaras,  
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda  
Pellas ribeiras, que inda ferão claras  
Quando as gales do Turco, & fera armada  
Virem de Castel branco nua a efpada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Moçandão dos nauegantes.  
Por aqui entra o lago, que he fechado  
De Arabia, & Perfias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
Tem das fuas perlas ricas, & imitantes  
Aa cor da Aurora: & ve na agoa falgada  
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Perfia o imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos caualos,  
Que se injuria de vfar fundido cobre,  
E de não ter das armas fempore os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como defcobre  
O que fazem do tempo os interualos,

Que da cidade Armuza, que ali esteue  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui de dom Felipe de Meneses  
Se mostrarâ a virtude em armas clara,  
Quando com muito poucos Portugueses  
Os muitos Parfeos vencerâ de Lara:  
Virão prouar os golpes & reufes  
De dom Pedro de Soufa, que prouâra  
Ia seu braço em Ampaza, que deixada  
Terâ por terra a força fo de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido  
Cabo de Iaſque dito ja Carpella,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vñados della,  
Carmania teue ja por apelido:  
Mas ves o fermoſo Indo, que daquella  
Altura nace junto aa qual tambem  
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilíſſima,  
E de Iaquete a intima enſeada,  
Do mar a enchente ſubita grandíſſima,  
E a vazante que foge aprefſurada:  
A terra de cambaya ve ríquiſſima,  
Onde do mar o ſeo fazmentrada,  
Cidades outras mil, que vou paſſando,  
A voſoutros aqui ſe eſtão guardando.

Ves corre a coſta cèlebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
Ia chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de ſi:  
Por eſte mar a gente Luſitana  
Qua com armas virâ despois de ti,  
Terâ vitorias terras, & cidades  
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio  
Ves com varias nações, lam infinitas:  
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis efcriptas:  
Olha que de Narlinga o fenhorio  
Tem as reliquias fanctas & benditas,  
Do corpo de Thome, barão fagrado,  
Qut a Iefu Chrifto teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que fe chamaua  
Meliapor, fermofa, grande, & rica:  
Os Idolos antigos adoraua:  
Como inda agora faz a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo eftaua:  
Quando a fe, que no mundo fe pubrica,  
Thome vinha prègando, & ja pallàra  
Prouincias mil do mundo, que infinàra.

Chegado aqui prègando, & junto dando  
A doentes faude, a mortos vida  
A cafo traz hum dia o mar vagando,  
Hum lenho de grandeza defmedida:  
Deseja o Rey, que andaua edificando,  
Fazer delle madeira, & não duuida  
Poder tiralo a terra compoffantes  
Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grande o pefo do madeiro  
Que fo pera abalarfe, nada abafta,  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
Menos trabalho em tal negocio gafta:  
Ata o cordão que traz por derradeiro  
No tronco, & facilmente o leua & arrafta  
Pera onde faça hum fumptuofo templo,  
Que ficaffe aos futuros por exemplo.

Sabia bem que fe com fe formada  
Mandar a hum monte furdo, que fe moua,  
Que obedecerà logo aa voz fagrada,

Que afsi lho infinou Chrifto, & elle o proua:  
A gente ficon difto aluoroçada,  
Os Bramenes o tem por coufa noua,  
Vendo os milagres, vendo a fantidade,  
Hão medo de perder autoridade.

Sam estes facerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha enueja,  
Bufcão maneiras mil, bufcão defuios  
Com que Thome não fe ouça, ou morto feja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Hum cafo horrendo faz, que o mundo veja  
Que inimiga não ha tão dura, & fera,  
Como a virtude falsa da fincera.

Hum filho proprio mata, & logo acufa  
De homicidio Thome, que era innocente  
Dâ falsas teftemunhas, como fe vfa  
Condenarã no a morte breuemente:  
O Santo que não vê melhor efcufo,  
Que apellar pera o Padre omnipotente,  
Quer diante do Rey, & dos fenhores,  
Que fe faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda fer trazido  
Que refucite, & feja perguntado,  
Quem foy feu matador, & ferâ crido  
Por teftemunho o feu mais aprouado:  
Viram todos o moço viuo erguido  
Em nome de Iefu crucificado,  
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida  
E defcobre feu pay fer homicida.

Este milagre fez tamanho efpanto,  
Que o Rey fe banha logo na ago fanta,  
E muitos apos elle, hum beija o manto  
Outro lauuor do Deos de Thome canta:  
Os Bramenes fe encherão de odio tanto,  
Com feu veneno os morde enueja tanta,

Que perfuadindo a iffo o pouo rudo,  
Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,  
Fingirão entre a gente hum arroido,  
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
A multidão das pedras, que voaua,  
No Santo dê ja a tudo offerecido,  
Hum dos maos por fartarfe mais de preffa,  
Com crua lança o peito lhe atraueffa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,  
Choroute toda a terra que pifalte,  
Mais te chorão as almas, que vestindo  
Se yão da fancta Fe, que lhe infinafte:  
Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
Te recebem na gloria que ganhafte,  
Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
Com que os teus Lufitanos fauoreças.

E voloutros que os nomes vfurpais  
De mandados de Deos, como Thome,  
Dizey fe fois mandados, como estais  
Sem yrdes a pregar a fancta fe?  
Olhay que fe fois Sal, & vos danais  
na patria, onde Propheta ninguem he,  
Com que fe falgarão em noffos dias  
(Infieis deixo) tantas Herefias?

Mas paffo esta materia perigofa,  
E tornemos aa cofta debuxada,  
Ia com eſta cidade tão famofa,  
Se faz curua a Gangetica enſeada,  
Corre Narlinga rica, & poderofa,  
Corre Orixá de roupas abaſtada,  
No fundo da enſeada o illuſtre rio  
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio.

Ganges, no qual os seus habitantes  
Morrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que sejam grandes peccadores,  
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
Ve Chatigão cidade das milhores  
De Bengala provincia, que se preza  
De abundante, mas olha que está posta  
Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
De Pegu, que já muitos povoarão,  
Muitos filhos do feo ajuntamento  
Dhãa mulher & hum cão, que los se acharão:  
Aqui foante Arame no instrumento  
Da geração costumão, o que vfarão  
Por manha da Raynha, que inventando  
Tal vfo, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
De Sião largo o imperio tão comprido,  
Tenassarê, Quedã, que he so cabeça  
Das que Pimenta ali tem produzido:  
Mais auante fareis que se conheça  
Malaca, por Imperio ennobrecido,  
Onde toda a provincia do mar grande,  
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes  
Ondas o mar entrando diuidio,  
A nobre Ilha Samatra, que já dantes  
Juntas ambas a gente antiga vio:  
Chersoneso foy dita, & das prestantes  
Veas douro, que a terra produzio,  
Aurea por epitheto lhe ajuntarão,  
Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

Mas na ponta da terra Cingapura  
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,  
Daqui tornando a Costa aa Cynofura

Se encurua, & pera a Aurora fe endereita:  
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
De Syão que estes & outros mais fugeita  
Olha o rio Menão, que fe derrama  
Do grande lago que Chiamay fe chama.

Ves neste grão terreno os differentes  
Nomes de mil nações nunca fabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auãs, Bramàs, por ferras tão compridas:  
Ve nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos fe chamão de feluages vidas,  
Humana carne comem, mas a fua  
Pintão com ferro ardente, vfança crua:

Ves paffa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas fe interpreta,  
Tantas recebe doutro fo no eftio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta,  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crè como indifcreta,  
Que pena & gloria tem delpois de morte  
Os brutos animais de toda forte.

Elte receberâ placido & brando,  
No feu regaço os Cantos, que molhados  
Vem do naufragio triste, & miserando,  
Dos procelofos baxos efcapados:  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Serâ o injufto mando executado  
Naquelle, cuja Lira fonorofa,  
Será mais affamada que ditofa.

Ves corre a colta que Champà fe chama,  
Cuja mata he do pao cheirofo ornada,  
Ves Cauchichina eftâ de efcura fama,  
E de Ainão ve a incognita enfeada,  
Aqui o foberbo imperio, que fe afama  
Com terras, & riqueza não cuidada,

Da China corre, & ocupa o senhorio  
Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
Que entre hum imperio & o outro se edifica,  
Certissimo final, & conhecido,  
Da potencia real, soberba, & rica:  
Estes o Rey que tem não foy nacido  
Principe, nem dos pais aos filhos fica  
Mas elegem aquelle que he famoso  
Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda outra muita terra se te esconde,  
Ate que venha o tempo de mostrar se,  
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
A natureza quis mais affamar-se:  
Esta mea escondida que responde  
De longe aa China donde vem buscar-se,  
He Iapão, onde nace a prata fina,  
Que illustrada ferà coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas  
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cume, que lança as flamas ondeadas  
As arvores verês do Crauo ardente,  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as aureas aues, que não decem  
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esfinaltão  
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas, que ali faltão,  
Da verde Noz tomando seu tributo:  
Olha tambem Bornè, onde não faltão  
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das arvores, que Cânfora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.



Ali tambem Timor, que o lenho manda  
Sândalo falutifero, & cheirofo,  
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
Esconde pera o Sul difficultofo:  
A gente do Sertão, que as terras anda,  
Hum rio diz que tem miraculofo,  
Que por onde elle fo sem outro vae,  
Conuerte em pedra o pao que nelle cae:

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,  
Que tambem flamas tremulas vapôra,  
A fonte que oleo mana, & a marauilha  
Do cheirofo licor, que o tronco chora,  
Cheirofo mais que quanto estila a filha  
De Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
E ve que tendo quanto as outras tem,  
Branda feda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta  
Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,  
Os naturaes o tem por coufa sancta,  
Polla pedra onde está a pègada humana:  
Nas ilhas de Maldiua nace a prama  
No profundo das agoas soberana,  
Cujo pomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excelente.

Verês de fronte estar do roxo estreito  
Socotorâ co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar tambem fogeito  
A vos, na costa de Affrica arenosa,  
Onde fae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
De sam Lourenço ve a Ilha afamada,  
Que Madagáscar he dalguês chamada.

Eis aqui as nouas partes do Oriente,  
Que vofoutros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,

Que com tão forte peito nauegais:  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
Dhum Lufitano hum feito inda vejais,  
Que de feu Rey mostrando se agrauado  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua  
Vay de Califto ao feu contrario polo,  
Que soberba a farâ a luzente mina  
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,  
Castella voffa amiga ferà dina  
De lançarlhe o colar ao rudo colo,  
Varias prouincias tem de varias gentes  
Em ritos & cultumes differentes.

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis  
Parte tambem co pao vermelho nota,  
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,  
Descobрила ha a primeira voffa frota:  
Ao longo desta cofta que tereis  
Yrâ bulcando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portugues, porem não na lealdade.

Deſque paſſar a via mais que mea,  
Que ao Antartico polo vay da linha,  
Dhũa eſtatura quaſi Gigantea  
Homẽs verâ, da terra ali vizinha:  
E mais auante o eſtreito, que ſe arrea  
Co nome delle agora, o qual caminha  
Pera outro mar, & terra que fica onde  
Com ſuas frias aſas o Auſtro a eſconde.

Ate qui, Portugueſes, concedido  
Vos he ſaberdes os futuros feitos,  
Que pello mar, que ja deixais ſabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos, que vos fação ſer aceitos

Aas eternas efpoſas, & fermofas,  
Que coroas vos tecem glorioſas.

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo pera a patria amada:  
Aſi lhe diſſe, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuão refreſco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia deſejada,  
Das Nimphas que ham de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Aſi forão cortando o mar ſereno,  
Com vento ſempre manſo, & nunca yrado,  
Ate que ouuerão viſta do terreno  
Em que nacerão, ſempre deſejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a ſua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, porque mandou  
E com titolos nouos ſe illuſtrou.

No mais Mufa, no mais, que a Lira tenho  
Deſtemparada, & a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente furda, & endurecida:  
O fauor com que mais ſe acende o engenho,  
Não no dê a patria não, que eſta metida,  
No goſto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa auſtera, apagada, & vil triſteza.

E não ſey porque influxo de deſtino  
Não tem hum ledô orgulho, & geral goſto,  
Que os animos leuanta de continuo,  
A ter pera trabalhos ledô o roſto:  
Por iſſo vos ò Rey, que por diuino  
Conſelho eſtais no regio folio poſto,  
Olhay que ſois (& vede as outras gentes)  
Senhor ſo de vaffallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por carias vias,  
Quaes rompentes liões, & brauos touros,  
Dando os corpos a fomes, & vigias,  
A ferro, a fogo, a fetas, & pilouros:  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes da Idolatras, & de Mouros,  
A perigos incognitos domundo,  
A naufragios, a pexes, ao profnndo:

Por vos feruir a tudo aparelhados,  
De vos tam longe sempre obedientes,  
A quaelquer vossos asperos mandados,  
Sem dar reposta promptos & contentes,  
So com saber que sam de vos olhados,  
Demonios infernais, negros & ardentes,  
Cometerão conuolco, & não duuido  
Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos logo, & alegrayos  
Com a preferença, & leda humanidade,  
De rigurofas leis defaliuayos,  
Que alsi se abre o caminho aa sanctidade:  
Os mais esprimentados leuantayos,  
Se com a esperiencia tem bondade,  
Pera vosso concelho, pois que sabem  
O como, o quando, & onde as coufas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,  
Segundo tem das vidas o talento,  
Tenhão Religiofos exercicios  
De rogarem por vosso regimento,  
Com jejuns, de disciplina, pellos vicios  
Comuns, toda ambição terão por vento,  
Que o bom Religiofo verdadeiro,  
Gloria vaã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrepido & feruente,  
Estendem não fomento a ley de cima,

Mas inda voffo imperio preeminente:  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão feruir com paffo diligente,  
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,  
(E o que he mais) os trabalhos excefsiuos.

Fazey fenhor que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
Poffam dizer que fãam pera mandados,  
Mais que pera mandar os Portuguefes:  
Tomay confelho fo desprimentados,  
Que virão largos anos, largos mefes,  
Que pofto que em cientes muito cabe,  
Mais em particular o experto fabe.

De Phormião Philofopho elegante  
Vereis como Anibal efcarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
Delle com larga voz trataua & lia:  
A difciplina militar preftante  
Não fe aprende fenhor na fantasia  
Sonhando, imaginando, ou eftudando,  
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo  
De vos não conhecido, nem fonhado?  
Da boca dos pequenos fey com tudo,  
Que o lauuor fae as vezes acabado,  
Nem me falta na vida honesto eftudo  
Com longa efperiencia misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis prefente,  
Coufas que juntas fe achão raramente.

Pera feruiruos braço aas armas feito,  
Pera cantaruos mente aas Mufas dada,  
So me falece fer a vos aceito,  
De quem virtude deue fer prezada:  
Se me ifto o ceo concede, & o voffo peito  
Dina empresa tomar de fer cantada,

Como a prefaga mente vaticina,  
Olhando a voffa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medufa,  
A vista voffa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos da Ampelufa  
Os muros de Marrocos & Trudante,  
A minha ja eftimada & leda mufa,  
Fico, que em todo o mundo de vos cante,  
De forte que Alexandro em vos se veja,  
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

**F I M.**

End of the Project Gutenberg EBook of Os Lusíadas, by Luís Vaz de Camões

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS LUSÍADAS \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 27236-0.txt or 27236-0.zip \*\*\*\*\* This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.org/2/7/2/3/27236/>

Produced by Rui Baptista. This book was transcribed from the online scans produced by the Portuguese *Biblioteca Nacional Digital* (<http://purl.pt/1/1/>).

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark.

Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

### **\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\***

#### **THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK**

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.net/license>).

#### **Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most

Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no



restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site ([www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License

as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

## 1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES

OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm**

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

### **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email [business@pglaf.org](mailto:business@pglaf.org). Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby  
Chief Executive and Director  
[gbnewby@pglaf.org](mailto:gbnewby@pglaf.org)

### **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of

compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

## **Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.**

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.net>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to

hear about new eBooks.